



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**



MESTRADO EM GESTÃO PÚBLICA PARA DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

EUCLIDES WILLIAM MARQUES PACHECO

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A
PERCEPÇÃO ACERCA DO CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA NAS
ESCOLAS TÉCNICAS DE SÃO BENTO DO UNA E SÃO JOSÉ DO BELMONTE,
PERNAMBUCO (2016 – 2017)**

RECIFE

2018

EUCLIDES WILLIAM MARQUES PACHECO

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A
PERCEPÇÃO ACERCA DO CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA NAS
ESCOLAS TÉCNICAS DE SÃO BENTO DO UNA E SÃO JOSÉ DO BELMONTE,
PERNAMBUCO (2016 – 2017)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco, na área de concentração em Organizações e Desenvolvimento Sustentável, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Emanuela Sousa Ribeiro

Recife
2018

Catálogo na Fonte
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

P116e Pacheco, Euclides William Marques
Educação profissional, desenvolvimento sustentável e a percepção acerca do Curso Técnico em Agroecologia nas escolas técnicas de São Bento do Una e São José do Belmonte, Pernambuco (2016 – 2017) / Euclides William Marques Pacheco. - 2018.
139 folhas: il. 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Emanuela Sousa Ribeiro.
Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA, 2018.
Inclui referências e apêndices e anexos.

1. Técnico em Agroecologia. 2. Desenvolvimento sustentável. 3. Percepção. I. Ribeiro, Emanuela Sousa (Orientadora). II. Título.

351 CDD (22. ed.) UFPE (CSA 2018 – 143)

EUCLIDES WILLIAM MARQUES PACHECO

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A
PERCEPÇÃO ACERCA DO CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA NAS
ESCOLAS TÉCNICAS DE SÃO BENTO DO UNA E SÃO JOSÉ DO BELMONTE,
PERNAMBUCO (2016 – 2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco, na área de concentração em Organizações e Desenvolvimento Sustentável, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Aprovada em: 24 de setembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Emanuela Sousa Ribeiro (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Nadi Helena Presser (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Rodrigo Constante Martins (Examinador Externo)
Universidade Federal de São Carlos

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino e meu guia. À minha esposa Osnair, meus filhos João Pedro, Maria Júlia e Maria Luísa e meus pais Edmilson e Erivone.

AGRADECIMENTOS

Meu muito obrigado,

À minha esposa, Osnair Marques, pelo apoio, incentivo, paciência, e principalmente por não me deixar desistir e me encorajar nos momentos de angústias.

Aos meus filhos, João Pedro, Maria Júlia e Maria Luísa por compreenderem a minha ausência de pai no decorrer do curso.

Aos meus pais, Edmilson e Erivone por terem me educado e possibilitado o meu encontro ao conhecimento.

Ao meu irmão Didi, minha cunhada Renata e meu sobrinho Guilherme por me acolherem na sua casa nas minhas viagens semanais a Recife.

À Professora Doutora Emanuela Sousa Ribeiro pelas orientações, pela tranquilidade e sapiência.

Aos Professores Doutora Nadi Helena Presser e Doutor Rodrigo Martins, pelas contribuições valorosas que fizeram ao meu trabalho.

Às minhas amigas e companheiras de sala, Sandra Domitila, Sandra Sorares, Josefa Rita e Roberta Albuquerque pela amizade e carinho.

À minha amiga de todas as horas Daiana Tavares que sempre me incentivou na busca do conhecimento.

Ao gestor da Escola Técnica Pedro Leão Leal Antônio Carlos e à coordenadora do curso de agroecologia da Escola Técnica Governador Eduardo Campos Anidene Christina por terem aberto as portas das instituições e se colocarem à disposição para que a pesquisa se realizasse.

Ao professor Paulo Dutra que foi o grande motivador para que tudo isso se concretizasse.

Quando a última árvore for derrubada,
quando o último rio for envenenado,
quando o último peixe for pescado, só
então nos daremos conta de que dinheiro
não se come.

Provérbio Indígena

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo a análise da percepção social acerca do Curso Técnico em Agroecologia nas escolas técnicas de São Bento do Una e São José do Belmonte, no Estado de Pernambuco. Mesmo sendo cidades com economia totalmente voltada para agropecuária percebeu-se que o curso de agroecologia tem uma baixa procura, pois, historicamente a educação voltada para as ciências agrárias está associada a condições de atraso e pouca valorização social. A compreensão da percepção da comunidade, estudantes e professores em relação ao funcionamento do curso técnico em agroecologia nos anos de 2016-2017 foi realizada através de uma por meio da abordagem qualitativa de caráter exploratório e orientação analítica, mediante aplicação de questionários, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos. Também compõe o quadro metodológico a proposta de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) utilizada para análise dos planos de curso de agroecologia e agropecuária. Essa comparação foi fundamental para constatar que mesmo sendo do mesmo eixo tecnológico, o curso de agroecologia tem suas características peculiares a sua filosofia. Durante a análise dos discursos dos entrevistados, mesmo identificando que a percepção do espaço rural e seus impactos econômicos e sociais sinalizem entendimentos positivos e favoráveis à identidade rural, ainda é possível constatar inclinações de resistência ao incentivo, valorização e difusão das profissões direcionadas ao ambiente do campo.

Palavras-chave: Técnico em agroecologia. Desenvolvimento sustentável. Percepção social.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the social perception about the Technical Course in Agroecology in the technical schools of São Bento do Una and São José do Belmonte in the State of Pernambuco. Even though cities with economies totally focused on agriculture and livestock, it was noticed that the course of agroecology has a low demand, since, historically, education focused on agrarian sciences is associated with conditions of backwardness and little social valuation. The understanding of the perception of the community, students and teachers regarding the operation of the technical course in agroecology in the years 2016-2017 was carried out through a qualitative exploratory approach and analytical orientation, through the application of questionnaires, semi-structured interviews and document analysis . Also the methodological framework composes the content analysis proposal (BARDIN, 2011) used to analyze the course plans of agroecology and agriculture. This comparison was fundamental to verify that, even though the agroecology course is of the same technological axis, its characteristics are peculiar to its philosophy. During the analysis of the interviewees' discourses, even if the perception of the rural area and its economic and social impacts indicate positive and favorable understandings of the rural identity, it is still possible to detect inclinations of resistance to the encouragement, valorization and diffusion of the professions directed to the environment of the field.

Keywords: Technician in agroecology. Sustainable development. Social perception

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de São Bento do Una no mapa de Pernambuco	20
Figura 2 - Localização de São José do Belmonte no mapa de Pernambuco	20
Figura 3 - Triple <i>botton line</i>	36
Figura 4 - Escola Agrícola de São Bento das Lajes - São Francisco do Conde, BA.	43
Figura 5 - Linha cronológica da criação de institutos de Educação Profissional no Brasil	45

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - População residente no município de São Bento do Una, por situação de domicílio e sexo.....	26
Gráfico 2 - População residente no município de São José do Belmonte, por situação de domicílio e sexo.....	26
Gráfico 3 - População Rural/Total – Brasil	57
Gráfico 4 - Profissão dos pais dos calouros	71
Gráfico 5 - Frequência e distribuição do grau de escolaridade dos pais dos calouros da ETE de São Bento do Una-PE.	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Censo Agropecuário de São Bento do Una 2016	21
Quadro 2 - Censo Agropecuário de São José do Belmonte 2016.....	21
Quadro 3 - Quadro matricial da categoria “Conceito de agroecologia”.	77
Quadro 4 - Quadro matricial da categoria “modelo pedagógico”.....	80
Quadro 5 - Quadro matricial da categoria “ Desafio do curso ”.....	83
Quadro 6 - Quadro matricial da categoria “Importância do curso ”	85
Quadro 7 - Quadro matricial da categoria “práticas agroecológicas”.	90
Quadro 8 - Quadro matricial da categoria “ Curso técnico em agroecologia X Curso técnico em agropecuária”.....	91
Quadro 9 - Quadro matricial da categoria “implementação Curso”.	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Temas relacionados com sustentabilidade	31
Tabela 2 - Levantamento sobre temas referentes à sustentabilidade e comunicação	31
Tabela 3 - Concentração de disciplinas conforme seu âmbito de atuação dos cursos técnicos em Agropecuária e agroecologia das ETE de Pernambuco.....	69
Tabela 4 - Categorização do entendimento dos calouros 2018 em relação ao curso técnico em agroecologia da ETE de São Bento do Una-PE.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ETE	Escola Técnica Estadual
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SEEP	Secretaria Executiva de Educação Profissional
SERTA	Serviço de Tecnologia Alternativa
FETEC	Feira de Tecnologias

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	ESCOLAS TÉCNICAS DE SÃO BENTO DO UNA E SÃO JOSÉ DO BELMONTE, O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A EDUCAÇÃO RURAL.....	20
2.1	Desenvolvimento sustentável	28
2.2	Política de educação profissional no Brasil e em Pernambuco e as origens do ensino agrícola no país.....	38
2.3	Percepções sobre o mundo rural, a agroecologia e a educação da juventude rural	47
3	PERCURSO METODOLÓGICO	60
4	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A PERCEPÇÃO ACERCA DO CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA: análise dos dados das EscolasTécnicas de São Bento do Una e São José do Belmonte, Pernambuco.....	64
4.1	Perfil curricular e social do curso de Agroecologia.....	66
4.2	Percepções sobre o curso tecnico de Agroecologia	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS.....	101
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA APLICADO COM OS EGRESSOS 2018.....	108
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISA APLICADO ESTUDANTES DE SÃO BENTO DO UNA E SÃO JOSÉ DO BELMONTE-PE, REPRESENTANTES DA AREA RURAL E REPRSENTANTE DA SEEPE.....	109
	APÊNDICE C – QUADROS ORGANIZAÇÃO DE DADOS DA PESQUISA- ENTREVISTA.....	110
	ANEXO A - MATRIZ CURRICULAR CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA - MODALIDADE INTEGRADO AO NÍVEL MÉDIO.....	138

**ANEXO B - MATRIZ CURRICULAR CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA -
MODALIDADE INTEGRADO AO NÍVEL MÉDIO..... 139**

1 INTRODUÇÃO

O estudo aqui proposto analisa a percepção de alunos, professores e comunidade constituída acerca do Curso Técnico em Agroecologia ofertado nas Escolas Técnicas Estaduais: Governador Eduardo Campos de São Bento do Una – PE e Pedro Leão Leal de São José do Belmonte – PE, a partir da apreciação dos planos de curso, da visão dos alunos, professores e comunidade constituída. A importância de levantar opiniões dos estudantes, tanto dos ingressantes que ainda não haviam tido contato direto com o curso quanto com os que já estudam há dois anos revelou-se apropriada pois permitiu captar o ponto de vista antes da convivência com o curso e depois da experiência de vivenciar a formação. A análise dos planos de curso de agroecologia e agropecuária e a percepção dos professores e comunidade constituída sobre o curso ofertado agregou bases de discussão, pois permitiu perceber a forma pela qual o curso é visto por esses atores do processo. Esse caminho assinalou-se convergente com a perspectiva dos resultados da pesquisa tornarem-se mais um instrumento de avaliação e de apoio às decisões voltadas ao aperfeiçoamento do curso de agroecologia.

O atual momento histórico que o mundo vive em relação à sua conexão com o meio ambiente nos remete a um processo de ressignificação enquanto seres partícipes nessa dinâmica de reconstrução no relacionamento homem natureza. A busca constante do desenvolvimento levou o homem, em diversas oportunidades, a um crescimento desenfreado travestido de desenvolvimento. Discutir políticas de desenvolvimento sustentável nos dias atuais tem sido muito comum nas academias, em fóruns e em grandes eventos que abordam a sustentabilidade do planeta. Sen (2010) enfatiza, que os fins pelos quais o desenvolvimento se faz necessário estão atrelados de forma simétrica com os meios que estão sendo utilizados. A degradação socioambiental gerada pela racionalidade econômica e tecnológica dominante converteu-se numa das maiores preocupações sociais do nosso tempo (PEREIRA; CALGARO; PEREIRA, 2012), pois, as últimas gerações não tiveram o cuidado que era necessário com o desenvolvimento sustentável. Temos a oportunidade de rever conceitos e reparar erros.

Em função disso, principalmente após a ECO-92 (CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO, 1992) a

responsabilidade social voltou-se para toda questão ambiental vivida pelo planeta e fez com que a discussão agroecológica saísse de um movimento específico e passasse para um novo paradigma como um conjunto de ciências técnicas e práticas para uma produção ecologicamente sustentável. Assim, considerando a importância da Agroecologia no atual contexto mundial, esta pesquisa buscou realizar um diagnóstico da percepção da sociedade acerca do curso técnico em agroecologia e sua relação com a sociedade. A percepção que os estudantes e docentes têm sobre a importância do profissional técnico em agroecologia na construção desta filosofia de caráter sustentável nos remete ao quanto ainda precisa-se avançar para que possamos discutir o curso de agroecologia na sua essência.

Historicamente, o conceito de educação rural ou educação direcionada para o homem do campo está associado a condições precárias, atrasadas, vistas com preconceito e com pouca ou nenhuma qualidade e valoração social. Azevedo e Azevedo (2012) enfatizam que a origem da educação voltada para o homem do campo está associada às concepções socioeconômica, política e ideológica que se desenvolvem no setor e sua diferenciação e/ou relação com o urbano, geralmente em uma perspectiva depreciativa do mundo rural. Esta relação histórica de diminuição de valores em relação às políticas desenvolvidas e voltadas para o agricultor trazem na sua essência uma percepção de cunho negativista para o homem do campo. Não podemos continuar passando de geração para geração que essa população da zona rural terá o êxodo como a única forma de emancipação social e econômica. Temos a necessidade de propagar a consciência ecológica e preparar gerações futuras. A escola é um espaço privilegiado e que contribui para a formação do cidadão crítico e atuante na sociedade em que vive. Por isso, deve posicionar-se por meio de filosofias que reportem para o desenvolvimento de valores e atitudes comprometidas com a sustentabilidade ecológica e social.

Ao considerar esse cenário e a necessidade de apreender informações sobre o curso técnico em agroecologia, teve-se como intenção responder o seguinte questionamento: Qual a percepção de estudantes e comunidade frente ao curso técnico em agroecologia?

Esse questionamento foi levantado sob ótica de que os envolvidos confundiam o curso técnico em agroecologia e sua filosofia com o curso técnico em agropecuária, os quais, mesmo conectados por atuarem no âmbito de recursos naturais e produção de alimentos, possuem diferenciações e identidades próprias. Cabe destacar que o curso técnico em agropecuária antecedeu o curso técnico em agroecologia. Os princípios, motivações e momento em que foram concebidos e institucionalizados como integrantes do sistema de educação nacional são totalmente distintos. Frente a essa perspectiva o trabalho adotou, empiricamente, uma abordagem qualitativa, priorizando a análise pragmática dos significados postos pelos estudantes do curso de agroecologia, professores e comunidade constituída.

Assim, traçou-se como objetivo geral analisar a percepção de estudantes e docentes e comunidade acerca do curso técnico em agroecologia nas Escolas Técnicas Estaduais de São Bento do Una e São José do Belmonte, em Pernambuco, especialmente analisando como são percebidos a educação profissional, o desenvolvimento sustentável e a agroecologia, no período de 2016 a 2017.

Ressalta-se que esta pesquisa se mostra relevante na perspectiva de que os cursos técnicos oferecidos pelas duas escolas pesquisadas estão em fase experimental pela Secretaria Executiva de Educação Profissional (SEEP) que analisa elementos como: o ensino, a pesquisa, a extensão, a responsabilidade social, o desempenho dos alunos e o progresso do curso. A percepção dos envolvidos no processo (alunos, professores e comunidade), traz elementos que contribuem com a gestão das instituições juntamente com o corpo docente para que tracem planos que agreguem ao desenvolvimento do curso.

A pesquisa encontra-se estruturada da seguinte maneira:

No capítulo 2 apresenta-se as escolas onde os cursos são ofertados, seus respectivos municípios e dados que ajudam na compreensão do estudo. Faz-se uma discussão teórica sobre o desenvolvimento sustentável enfatizando a importância do Tripé da sustentabilidade (Triple BOTTON LINE) e a relação entre desenvolvimento sustentável e a importância da agroecologia na agricultura familiar. A política de educação profissional no Brasil e em Pernambuco é explicitada, bem como a origem do ensino agrícola no Brasil.

No capítulo 3 como também se discute sobre o modo como o rural e a agroecologia são compreendidos diante dos desafios da sociedade contemporânea e das atuais políticas para os jovens do campo. Finaliza-se o capítulo apresentando os aspectos metodológicos da pesquisa, que passa pela análise dos planos de curso, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. Essas etapas nortearam a fase seguinte em que a pesquisa foi aprofundada onde se buscou conhecer a dimensão simbólica da fala dos entrevistados, tomando por base a análise de conteúdos.

No capítulo 4 são apresentados os resultados e discussões provenientes da pesquisa destacando as percepções acerca do curso técnico em agroecologia como também a importância de sua disseminação que traz impactos positivos para sociedade e meio ambiente. Também são expostas neste capítulo as percepções pessoais dos entrevistados em relação a como veem o espaço rural, seus impactos econômicos e sociais e a valorização das profissões direcionadas ao ambiente do campo.

No capítulo 5 são feitas as considerações finais acerca do escopo desta pesquisa. Considerando que as turmas de curso técnico em agroecologia ainda estão em fase avaliativa e não dispõem de turmas formadas será de suma importância conhecer e conduzir futuros estudos que acompanhem o estudante egresso e o processo de inserção dos futuros agroecólogos no mercado de trabalho e em especial nos espaços do campo, seja de âmbito produtivo, econômico, social, cultural ou afins.

2 ESCOLAS TÉCNICAS DE SÃO BENTO DO UNA E SÃO JOSÉ DO BELMONTE, O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A EDUCAÇÃO RURAL

Esta pesquisa analisa as relações entre a educação profissional, o desenvolvimento sustentável e a percepção acerca do curso técnico em agroecologia nas Escolas Técnicas de São Bento do Una e São José do Belmonte, Pernambuco.

Estas Escolas estão localizadas na sede dos municípios de São Bento do Una, localizado no Agreste Central de Pernambuco e São José do Belmonte, no Sertão Central de Pernambuco, conforme pode ser visto nas figuras 1 e 2 a seguir.

Figura 1 - Localização de São Bento do Una no mapa de Pernambuco



Fonte: Google Maps (2017).

Figura 2 - Localização de São José do Belmonte no mapa de Pernambuco



Fonte: Google Maps (2017).

Como podemos observar no quadro abaixo os municípios têm uma produção econômica predominantemente agrária, e especialmente São Bento do Una se destaca em vários segmentos no âmbito estadual.

Quadro 1 - Censo Agropecuário de São Bento do Una 2016

LINHA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA	QUANTIDADE	COLOCAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO	COLOCAÇÃO DO MUNICÍPIO NO PAÍS
BOVINO	48.182 (cabeças)	3°	964°
CAPRINO	6.255 (cabeças)	52°	286°
GALINÁCEO	9.164.847 (cabeças)	1°	12°
CODORNA	260.000 (CABEÇAS)	1°	11°
OVINO	16.143 (cabeças)	39°	205°
SUÍNO	70.500 (cabeças)	1°	88°

Fonte: IBGE (2016).

Quadro 2 - Censo Agropecuário de São José do Belmonte 2016

LINHA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA	QUANTIDADE	COLOCAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO	COLOCAÇÃO DO MUNICÍPIO NO PAÍS
BOVINO	16.500 (cabeças)	33°	2396°
CAPRINO	9.250 (cabeças)	41°	191°
GALINÁCEO	16.500 (cabeças)	115°	3276°
MEL DE ABELHA	15.000 (kg)	5°	539°
OVINO	21.100 (cabeças)	27°	146°
SUÍNO	1.340 (cabeças)	112°	3146°

Fonte: IBGE (2016).

Muito embora o senso comum costume dissociar produção rural e desenvolvimento, os municípios de São Bento do Una e São José do Belmonte,

mesmo estando inseridos em regiões afastadas dos grandes centros produtivos e tendo que conviver com as características do clima semiárido, esboçam a necessidade de desenvolvimento, que não está dissociado do mundo rural.

Visando melhorar a educação básica e favorecer a educação profissional, a Secretaria de Educação Profissional do Estado de Pernambuco, dentro de sua política de ampliação de vagas do ensino profissional aumentou a sua oferta nesta modalidade, passando de 06 (seis) Escolas Técnicas em 2008 para 41 (quarenta e uma) no ano de 2017, focando especialmente nos municípios do interior do Estado. Mediante essa política de disseminação da oferta da educação profissional, os municípios de São Bento do Una e São José do Belmonte, foram contemplados, no ano de 2015, com a instalação de uma Escola Técnica Estadual.

Originalmente as escolas técnicas citadas não foram projetadas para ofertar cursos nas áreas das ciências agrárias. Dentro da proposta de oferta de cursos caracterizava-se de forma bem mais acentuada uma formação voltada para conteúdos associados às práticas profissionais próprias do ambiente urbano (Informática e Desenvolvimento de Software, Redes de Computadores, Administração, Logística, Enfermagem e Saúde Bucal) corroborando o que Azevedo e Azevedo (2012) refletem sobre a educação de cunho rural e profissional: que foram se condicionando a planos inferiores, observando que a organização escolar no campo e as iniciativas voltadas à formação profissional não acenam para um projeto de mudança social.

Segundo Calazans (2009), as propostas escola-novistas voltadas ao meio rural, como o ruralismo pedagógico, defendiam a ideia de que a escola deveria respeitar os interesses e as necessidades socioeconômicas e culturais dos sujeitos em suas respectivas localidades, a fim de fixá-los em seu meio. Dentro dessa perspectiva a gestão local das escolas técnicas, principalmente a de São Bento do Una, mobilizou-se para que a escola criada em 2015 pudesse não apenas continuar com o plano de ofertar os cursos técnicos com características urbanas, mas também para que pudesse ser ofertado um curso que atendesse às necessidades socioeconômicas e culturais dos sujeitos envolvidos na política pública aplicada, ou seja, do meio rural, retomando algumas experiências pré-existentes nos municípios.

Nas décadas de 1980 e 1990 existiu em São Bento do Una a oferta do curso técnico em agropecuária. Diante do potencial agrário da região houve uma solicitação dos representantes da sociedade civil e sindicatos rurais para que a ETE pudesse retomar o funcionamento do curso técnico em agropecuária que fora fechado pelo município quando a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco reorganizou a oferta de ensino¹. Coube aos municípios a oferta exclusivamente do ensino fundamental. Naquela ocasião, o gestor da escola técnica de São Bento do Una levou a demanda à SEEP (Secretaria Executiva de Educação Profissional), que negou abertura do curso, alegando as dificuldades que outras escolas técnicas estavam enfrentando para formar turmas do curso técnico em agropecuária. Diante do exposto a SEEP não autorizava mais a abertura do curso, uma vez que a procura das comunidades não estava correspondendo à oferta, havendo grande quantidade de vagas ociosas.

Apesar da negativa, no dia 14 de agosto de 2015, dia da inauguração da Escola Técnica de São Bento do Una, a representante do poder executivo municipal, juntamente com o gestor da escola, fez uma nova solicitação ao Secretário Estadual de Educação para que a região fosse contemplada com algum curso agrário que atendesse as características da produção agrícola local. O argumento de que a região possuía uma produção forte na agropecuária foi outra vez levado à SEEP e em reuniões foi decidido que as Escolas Técnicas Estaduais Governador Eduardo Campos de São Bento do Una e Pedro Leão Leal de São José do Belmonte seriam as primeiras escolas técnicas do Estado de Pernambuco a ofertarem, em caráter de experiência, o curso técnico em agroecologia.

Ainda em 2015 as equipes gestoras das referidas escolas foram conhecer o SERTA, Serviço de Tecnologia Alternativa que é uma Escola Técnica de Agroecologia localizada nos municípios de Glória do Goitá - PE e Ibimirim - PE. A oferta do curso técnico em agroecologia feita pelo SERTA tem um caráter bem específico, diferentemente das Escolas Técnicas Estaduais pesquisadas, o curso é ofertado especificamente na base técnica e através de ciclos de aprendizagem. Nas atividades presenciais que acontecem durante uma semana a cada mês, os estudantes ficam em período integral e dormem na escola. Participam de aulas

¹ O curso de agropecuária que era ofertado pela rede municipal teve sua última turma concluinte no ano de 2002.

práticas e teóricas. As outras 3 semanas os alunos têm as suas comunidades como campo de estudo. Nelas eles põem em prática o que aprenderam, fazem pesquisas e produções de textos e mobilizações sociais e culturais (este período o SERTA denomina Tempo Comunidade). Após conhecer a filosofia do curso técnico em agroecologia ofertado no SERTA, foi feito um estudo pela SEEP de adequação para implementação do curso, atendendo as especificidades das escolas Técnicas Estaduais pesquisadas. Porém, o Plano de Curso foi produzido tendo por base a filosofia pedagógica do SERTA².

O curso técnico de Agroecologia começou a ser ofertado em 2016, e ainda não temos turmas concluintes, em 2018 as 03 primeiras turmas concluirão o curso, de um total de 09 turmas que são ofertadas nas duas escolas, 03 na ETE de São José do Belmonte e 06 na ETE de São Bento do Una, compreendendo 135 ingressantes e uma previsão de 90 concluintes. Comparando este curso com os demais oferecidos nas Escolas Técnicas, e, mesmo sendo comprovado através das demandas a carência de profissionais nessa área, o curso de agroecologia é um dos menos concorridos nos processos seletivos.

Tal constatação foi uma das motivações dessa pesquisa, que quis entender o porquê dessa disparidade a partir do estudo da percepção que estudantes e docentes possuem acerca destes cursos. Intui-se que a segregação histórica em relação ao homem do campo esteja presente na concepção preconceituosa ligada às ciências agrárias e que os municípios das ETE analisadas não percebem a importância do curso técnico em agroecologia, percebe-se uma desvalorização.

De acordo com Caporal e Costabeber (2015, p. 33) a implementação de práticas de agroecologia enfrenta dificuldades:

A despeito das dificuldades de implementação de uma política de educação profissional aos povos do campo, um dos principais desafios da educação em Agroecologia é sua luta pela autonomia enquanto nova ciência, descolonizada de saberes e fazeres que insistem em lhe reduzir a uma disciplina. Carece neste contexto de lutas no campo do conhecimento agroecológico, a necessidade de revisitar paradigmas seja para compreensão da realidade social, quanto para a relação pedagógica de ensino-aprendizagem, visando sua afirmação enquanto ciência, bem como o seu compromisso com a transformação social.

² Detenho essas informações porque sou gestor da Escola Técnica Governador Eduardo Campos no município de São Bento do Una, desde o dia 13/08/2015 e participei desses encontros e visitas.

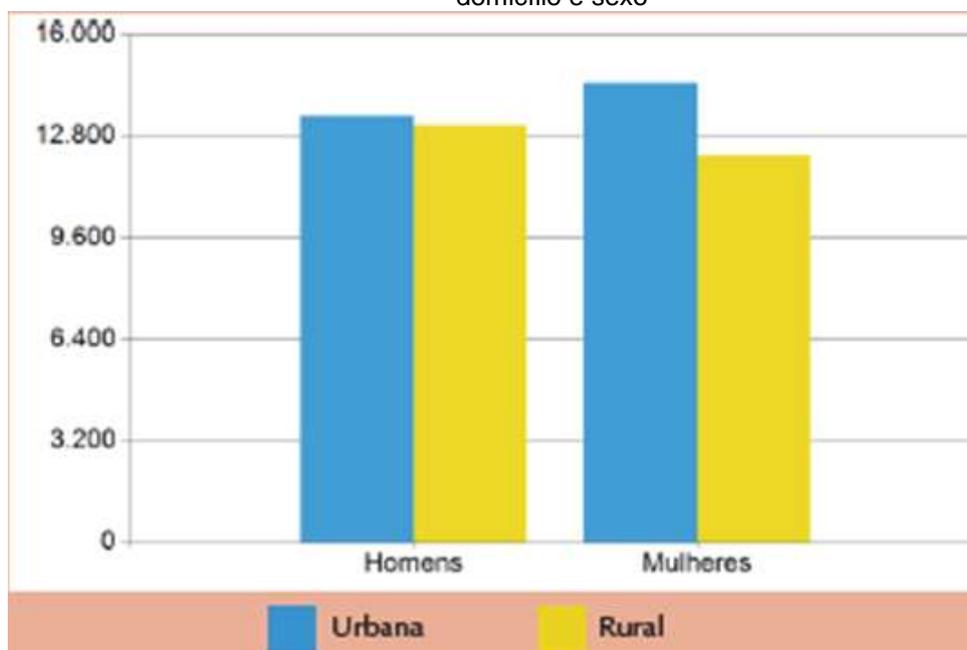
Da mesma maneira, as ETE e, principalmente, os cursos de Agroecologia, por meio de uma gestão educacional consciente, devem assumir um papel fundamental na formação do senso crítico de seus estudantes mediante sua responsabilidade enquanto cidadãos em seu meio social. Desta forma, o trabalho nas ETE que também vivenciam o programa de educação em tempo integral, propicia meios para que o educando possa se identificar como agente transformador e propagador, visando o desenvolvimento sustentável do seu meio, como também da sua comunidade. É nessa amplitude de ressignificação do trabalho no campo, do campo e para o campo que o presente estudo traz uma proposta de diagnóstico da percepção social acerca do curso de Agroecologia das Escolas Técnicas Estaduais Governador Eduardo Campo e Pedro Leal Leão, situadas nos municípios de São Bento do Una e São José do Belmonte respectivamente.

A formulação de políticas públicas voltadas para desenvolver regiões distantes dos grandes centros, no caso específico o interior de Pernambuco, encontra entraves que variam desde a disseminação da filosofia de desenvolvimento em grande escala, sem a precaução que os impactos desse desenvolvimento desenfreado causarão ao meio ambiente, até à convivência com a região do semiárido onde estão localizados os municípios que serão pesquisados. Essa região possui vastos recursos naturais que devem ser cuidadosamente explorados e utilizados.

A instalação das ETE nos municípios de São Bento do Una e São José do Belmonte vem com a implementação de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento econômico das regiões do Agreste Central e Sertão Central em Pernambuco.

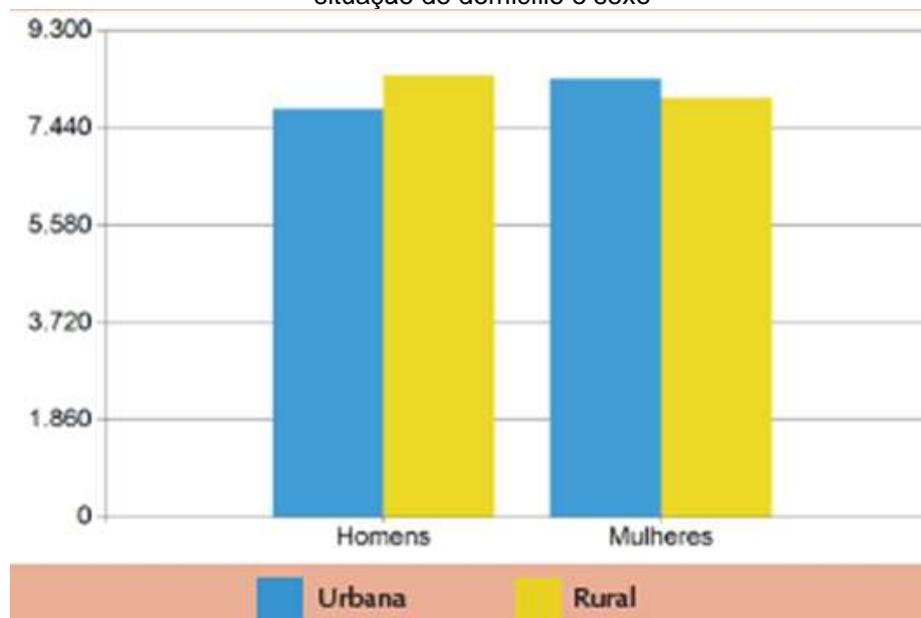
Ao analisarmos alguns dados de ambos os municípios constatamos que os dois têm uma grande concentração de seus moradores residindo na Zona Rural, como mostram os gráficos 1 e 2 extraídos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Gráfico 1 - População residente no município de São Bento do Una, por situação de domicílio e sexo



Fonte: IBGE (2010).

Gráfico 2 - População residente no município de São José do Belmonte, por situação de domicílio e sexo



Fonte: IBGE (2010).

Não podemos continuar passando de geração para geração que essa população da zona rural terá o êxodo como a única forma de emancipação social e econômica. O estudo se justifica também pela necessidade de propagar a consciência ecológica e preparar gerações futuras. A escola é um espaço

privilegiado e que contribui para a formação do cidadão crítico e atuante na sociedade em que vive e tendo por base a proposta da *Educação Integral*³ como uma das possibilidades para criar condições e alternativas que estimulem os estudantes a compreenderem-se como parte do meio ambiente e, principalmente, como um agente modificador. A escola deve posicionar-se por meio de filosofias que reportem para o desenvolvimento de valores e atitudes comprometidas com a sustentabilidade ecológica e social. Os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia, de cada população. (LEFF, 2009).

De acordo com TRISTÃO (2004), as escolas públicas assumem uma responsabilidade essencial na preparação das novas gerações para um futuro viável. Essas escolas devem ser transmissoras de um conhecimento necessário para que os alunos adquiram uma base de compreensão essencial do meio ambiente local e global; da interdependência entre os problemas e soluções e da importância de cada um para construir uma sociedade mais igualitária e ambientalmente sustentável.

Essa problemática nos faz refletir sobre os desafios que as instituições de ensino precisam enfrentar para mudar a forma de pensar e agir dos estudantes em relação à questão ambiental numa visão holística e sobretudo voltada para Educação Interdimensional⁴.

Leff (2015), enfatiza sobre a impossibilidade de resolver os crescentes problemas ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma mudança radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos gerados pela dinâmica de racionalidade existente, fundada no aspecto econômico do

³ A Educação Integral em Pernambuco tornou-se Política Pública de Estado em 2008. O modelo fundamenta-se na concepção da educação interdimensional, como espaço privilegiado do exercício da cidadania e o protagonismo juvenil como estratégia imprescindível para a formação do jovem autônomo, competente, solidário e produtivo. Desse modo, ao concluir o ensino médio nas escolas de Educação Integral, o jovem estará mais qualificado para a continuidade da vida acadêmica, da formação profissional ou para o mundo do trabalho. (PERNAMBUCO, 2017)

⁴ A educação interdimensional compreende ações educativas sistemáticas voltadas para as quatro dimensões do ser humano: racionalidade, afetividade, corporeidade e espiritualidade. A proposta da Educação Interdimensional também foi associada a premissas do referencial teórico da Tecnologia Empresarial Aplicada à Educação: Gestão e Resultados (TEAR), que trata do planejamento estratégico aplicado às escolas que compõem o Programa de Educação Integral. (PERNAMBUCO, 2017)

desenvolvimento. Partindo do pressuposto que a questão ambiental não é um tema a ser abordado apenas no curso de agroecologia, lembrando que dentre os quase 20 cursos ofertados pelas ETE, três são ofertados de maneira articulada ao ensino médio, conforme o artigo 36-B da lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008. Nesta forma de oferta o estudante além de cursar o ensino médio, o qual compõe-se de todas as disciplinas propedêuticas, concomitantemente e de maneira articulada ele também cursa as disciplinas da base técnica sem prejuízo de carga horária na base comum, uma vez que o estudante permanece na escola em tempo integral.

Além do curso técnico em agroecologia que é ofertado também de forma articulada, ofertam-se os cursos de Administração e Redes de Computadores. Um ponto importante que discute-se na pesquisa é que apesar de os municípios estudados terem toda uma estrutura que apontam para uma produção em grande escala na exploração do agronegócio ou em pequena proporção na agricultura familiar, o curso técnico em agroecologia ainda é o menos concorrido nos processos seletivos organizados pela SEEP (Secretaria Executiva de Educação Profissional). Entender o que representa esses números é algo instigante, uma vez que a necessidade do desenvolvimento científico atrelado aos saberes agroecológicos são essenciais para desenvolver de maneira sustentável as regiões estudadas. Como gestor da Escola Técnica Governador Eduardo Campos e morador do município de São Bento do Una, vejo a oferta do curso técnico em agroecologia como forma oportunizar aos munícipes um saber que possa ser utilizado e vivido dentro da sua região e sua cultura.

2.1 Desenvolvimento sustentável

Baseado em Camargo (2003), o termo desenvolvimento sustentável tem evoluído, desde o seu surgimento, de forma a abarcar em si todas as questões que inter-relacionam meio ambiente e desenvolvimento humano. Possui a dimensão crítica da necessidade de coexistência e coevolução dos seres humanos entre si e com as demais formas de vida do planeta, além de ser também concebido como um novo paradigma que relaciona as aspirações coletivas de paz, liberdade, melhores condições de vida e de um meio ambiente saudável.

Atrelada a esta definição, a escola deve assumir um papel fundamental na formação crítica e atuante do estudante visando a consciência ecológica partindo do pressuposto de que ele se perceba como agente transformador ,trabalhando em prol da sustentabilidade. Desta forma, incutir a prática sustentável na escola de tempo integral é manifestar nos estudantes a responsabilidade com o meio onde vivem e despertar neles a necessidade de propagação deste conceito, além dos muros da escola e, desta forma, despertar na comunidade a busca por um desenvolvimento que respeite a vida (SEN, 2010).

Produzir sem agredir a natureza nem arruinar os recursos naturais, este desafio é complexo, porém, extremamente necessário e urgente, pois é preciso buscar meios que subsidiem uma melhor qualidade de vida a fim de garantir o futuro das próximas gerações e também amenizar os impactos já demonstrados na atualidade.

De acordo com Pereira, Calgaro e Pereira, (2012), a racionalidade econômica se expressa em um modo de produção fundado no consumo destrutivo da natureza que vai degradando o ordenamento ecológico do planeta Terra e minando suas próprias condições de sustentabilidade. É nítido que a subsistência do planeta está ligada à maneira pela qual nos relacionamos com os recursos naturais que exploramos. Esse consumo destrutivo enfatizado pelos autores, mostra-nos como a relação do mundo com o meio ambiente mexe diretamente com as condições mínimas de sustentabilidade.

Porém, Pereira, Calgaro e Pereira, (2012, p. 82) afirmam que a questão ambiental não se esgota na necessidade de dar bases ecológicas aos processos produtivos, de inovar tecnologias para reciclar os rejeitos contaminantes. Observamos que o conceito de sustentabilidade perpassa a questão da ecologia.

A gestão ambiental do desenvolvimento sustentável exige novos conhecimentos interdisciplinares e o planejamento Inter setorial do desenvolvimento; mas é sobretudo um convite à ação dos cidadãos para participar na produção de suas condições de existência e em seus projetos de vida. O desenvolvimento sustentável é um projeto social e político que aponta para o ordenamento ecológico e a descentralização territorial da produção, assim como para a diversificação dos tipos de desenvolvimento e dos modos de vida das populações que habitam o planeta. Neste sentido, oferece novos princípios aos processos de democratização da sociedade que induzem à participação direta das comunidades na apropriação e transformação de seus recursos ambientais.

Percebemos no discurso dos autores que uma visão mais ampla sobre o conceito de sustentabilidade é pré-requisito para termos uma discussão mais abrangente sobre o que vem a ser efetivamente sustentabilidade.

Se fizermos um contraponto com o que afirma Tristão (2004), veremos que a escola possui, em potência, esse arcabouço para fazer essa discussão democrática de maneira que o conhecimento e as experiências empíricas se fundam e tragam a educação em direção à sustentabilidade. Além de vir alargando o seu escopo de possibilidades, de promover mudança ética, sustenta-se em uma educação voltada pela ação e para a ação. Reiteramos nessa discussão o que Lima (2009) enfatiza sobre a construção do homem na sua inteireza. Que vai ser enfatizado também na política da educação Integral de Pernambuco a qual é baseada na Educação Interdimensional, filosofia defendida por Costa (2001).

Sua proposta defende o desenvolvimento humano sustentado em quatro dimensões: o *logos*, o *pathos*, o *mythos* e o *eros*, ou seja, a racionalidade, a afetividade, a espiritualidade e a corporeidade (COSTA, 2008). Ou seja, a discussão sobre práticas de desenvolvimento sustentável está alinhada também ao trabalho desenvolvido com os educandos compreendendo a integralidade e complexidade do ser humano.

Segundo Bacha, Santos, Schaun (2010) os meios acadêmicos têm, desde a virada do século XXI pesquisado muito a respeito do tema sustentabilidade e tal interesse é justificado devido às mudanças climáticas cujas causas estão diretamente ligadas às atividades humanas predatórias para com o meio ambiente que levou a um caos planetário. Por meio destas pesquisas e dos constantes debates e informações veiculadas na mídia, a conscientização sobre a valorização do ambiente e do resgate da qualidade de vida tem tomado grandes espaços dentre as preocupações de consumo e de opção por produtos e serviços de empresas comprometidas com essa causa.

Um estudo realizado por Bacha, Santos, Schaun (2010, p. 8) levantou os artigos escritos e arquivados dos “anais de Congressos como Compós, Intercom e do Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), entre os anos de 2000 a 2010, tendo como palavras-chave inicialmente sustentabilidade e numa segunda fase

sustentabilidade e comunicação” resultou nos seguintes dados expressas nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 - Temas relacionados com sustentabilidade

<i>Temas relacionados</i>	<i>Número de trabalhos (RM)*</i>
Desenvolvimento/ Desenvolvimento sustentável	1632
Meio ambiente/ecologia	643
Educação/cultura	388
Responsabilidade social /governança/ética/terceiro setor	303
Estratégia	135
Turismo	137
Energia	141
Design	119
Comunicação	80
Indicadores/ cálculos	42
Índio/indígena	19
Mobilidade e mobilidade urbana	18

Fonte: Bacha, Santos, Schaun (2010).

Tabela 2 - Levantamento sobre temas referentes à sustentabilidade e comunicação

<i>Sustentabilidade e Comunicação</i>	<i>Número de trabalhos (RM)*</i>
Marketing	42
Produto	30
Marca, Imagem de empresa/marca	19
Estratégias de Marketing	16
Mídia	13
Propaganda	5
Embalagem	7
Publicidade	1
Outros	
Indústria cultural	11
Turismo	9
Sócio ambiental	3
Produção limpa	1

Fonte: Bacha, Santos, Schaun (2010).

Os autores reconhecem que o termo sustentabilidade aparece em vários contextos, nem sempre relacionados à sustentabilidade do planeta:

Finalmente deve-se considerar que ao falar de sustentabilidade, há necessidade de se dispor de mais informações, já que foram encontradas nos trabalhos analisados as seguintes temáticas: sustentabilidade socioambiental, sustentabilidade na agricultura, sustentabilidade da produção da indústria cultural, sustentabilidade política, sustentabilidade financeira, sustentabilidade da comunicação, sustentabilidade do turismo, sustentabilidade do crescimento turístico, sustentabilidade planetária, sustentabilidade empresarial, sustentabilidade da marca, sustentabilidade social, ambiental e econômica, sustentabilidade da soja transgênica, sustentabilidade da arquitetura, sustentabilidade do milênio, sustentabilidade de aterro sanitário, indicadores de sustentabilidade,

sustentabilidade do recurso, sustentabilidade do meio ambiente, sustentabilidade do sistema INSS, sustentabilidade de transportes, sustentabilidade de ONGS, sustentabilidade do empreendimento, sustentabilidade ambiental da cidade, sustentabilidade ecológica, sustentabilidade física e social. (BACHA; SANTOS; SCHAUN, 2010, p. 7)

Almeida (*apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 55) considera sustentabilidade como sobrevivência, “que pode ser considerada como a do planeta, a da espécie humana, a das sociedades humanas ou a dos empreendimentos econômicos. Ainda considera o mesmo autor, que ‘a busca da sustentabilidade é um processo, sendo a própria construção uma tarefa ainda em andamento e muito longe do fim’”.

Nos meios eletrônicos, onde circulam ampla gama de informações em velocidade considerável, a palavra “Sustentabilidade” tem sido muito utilizada expressando os sentimentos dos consumidores que têm cobrado posturas e ações positivas e responsáveis de todas as organizações, procurando repor na natureza aquilo que a sociedade tem extraído de modo insustentável.

[...] em termos econômicos, a sustentabilidade prevê que as organizações têm que ser economicamente viáveis, face ao seu papel na sociedade e que deve ser cumprido levando em consideração o especto da rentabilidade, dando retorno ao investimento realizado pelo capital privado. Do ponto de vista social, a organização deveria proporcionar boas condições de trabalho e em termos ambientais, a empresa deveria pautar-se pela ecoeficiência dos seus processos produtivos, oferecendo condições para o desenvolvimento de uma cultura ambiental organizacional, adotando-se uma postura de responsabilidade ambiental e buscando a não-contaminação de qualquer tipo do ambiente natural. Também seria importante procurar participar de todas as atividades propostas pelas autoridades governamentais locais e regionais no que diz respeito ao meio ambiente. (BACHA; SANTOS; SCHAUN, 2010, p. 8).

Há um fator importante no interesse contínuo pela sustentabilidade, pois tem empurrado as empresas a reverem suas estratégias de produção, de comercialização, de retirar da natureza os produtos e os resíduos sólidos, tais como as embalagens por meio da reciclagem.

[...] ponto positivo da Sustentabilidade é que cada vez mais as instituições estão se conscientizando e admitindo que são apenas ecossistemas complexos, que integram comunidades, sociedade, governo, pessoas e meio-ambiente. Para que as empresas obtenham um crescimento sustentável é necessário que elas se valorizem, que sejam sempre abertas, transparentes, imbuídas de cidadania, preocupadas com o meio ambiente, verificando o que a pode ser feito para contribuir com crescimento sustentável do seu Estado. (BACHA; SANTOS; SCHAUN, 2010, p. 9).

Hamerschmidt (2008) disserta sobre a possibilidade dos termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável serem sinônimos, no entanto, acaba por adotar uma diferenciação onde o desenvolvimento sustentável é o processo e sustentabilidade é tida como objetivo a ser alcançado, como um fim; não são termos que se contrapõem, pelo contrário, são complementares.

[...] o foco principal ao se discutir e se preocupar com a sustentabilidade, “está na vinculação do tema ao lugar a que se pretende chegar; enquanto, com o desenvolvimento, o foco está em como se pretende chegar”. E continuam considerando que os dois termos não são contraditórios, mas complementares, isto é, ao se discutir o desenvolvimento sustentável não se pode perder de vista a própria sustentabilidade, e o contrário também é verdadeiro. Finalizando a idéia, os autores acreditam que “sustentabilidade e desenvolvimento sustentável têm objetivos distintos, mas com interesses comuns” (SILVA; MENDES *apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 53).

A sustentabilidade que se quer atingida por meio do desenvolvimento sustentável é uma questão inerente ao processo de combate à crise mundial ecológica, que abateu o mundo como um todo, mas que se manifesta mais regionalizadamente como apontou a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) revelando que “os danos ambientais acumulados para a Europa são de 4% do produto nacional bruto médio de cada país” (CALLENBACH *apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 53).

A Europa foi o palco da origem da degradação ecológica com a eclosão da Revolução Industrial na Inglaterra.

O abundante estoque de recursos naturais disponível, nos primórdios da revolução industrial, e a larga capacidade de absorver e reciclar os resíduos da produção afastavam da pauta de discussões à época qualquer possibilidade de crise. Igualmente, o ritmo e o volume da produção mundial, o tamanho da população, seu estilo de vida e consumo não representavam um problema a ser considerado. As críticas de hoje, por sua vez, surgem num contexto onde os problemas já são evidentes, modificam a qualidade de vida de milhões de pessoas, assumem uma escala planetária e permitem antever situações de alta gravidade e irreversibilidade em longo prazo, caso não se tomem providências efetivas (LIMA *apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 53).

A deterioração ambiental intensificou-se desde a Revolução Industrial, pois antes dela a natureza era menos vilipendiada. O espírito capitalista e a industrialização impuseram uma outra forma de se conceber a relação entre o homem e a natureza que deixou de ser pacífica, transformando a natureza em

objeto de exploração. “Um dos focos privilegiados da crítica ao modelo de desenvolvimento econômico dominante é a contradição existente entre uma proposta de desenvolvimento ilimitado a partir de uma base de recursos finita” (MELO *apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 54). Os dados atuais e prognósticos futuros são bastante preocupantes:

A concentração de gás carbônico na atmosfera aumentou 25% nos últimos 100 anos tornando-se responsável, em mais de 50%, pelo efeito estufa no planeta; estima-se que no final dos anos 80 mais de 22 bilhões de toneladas haviam sido lançadas no ar, originárias, principalmente, dos Estados Unidos, ex-União Soviética e China. 25% da população mundial consome 75% da energia primária produzida no planeta, neste ritmo, em 2025 a humanidade necessitará de 60% a mais de fontes de energia; caso este ritmo atinja também os países em desenvolvimento, este aumento vai para 500%. Entre 1900 e 1980 foram degradados 1 bilhão de hectares de florestas tropicais. A cada ano, uma área equivalente à Suíça torna-se desértica, isto é, 6 milhões de hectares de terras agrícolas sofrem desertificação (BARRÉRE *apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 53).

Os vários alertas sobre o aumento da população e da ocupação territorial são fortes indícios que os rumos que a humanidade tomou nos últimos 300 anos têm que ser revertidos para potencializar a capacidade de regeneração (resiliência) do ecossistema mundial que já foi ultrapassada: “está se consumindo o estoque (o capital natural) formado pela biosfera, ao invés de viver da produção líquida da fotossíntese (dos juros que a natureza proporciona)” (CECCA *apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 53).

O equívoco de se conceber o desenvolvimento como um processo sem fim aponta para que o ser humano deva discutir os fins do desenvolvimento. Com esta intenção, alguns integrantes da comunidade mundial como visto anteriormente, realizaram alguns encontros (reuniões e conferências) para reavaliarem o modelo de desenvolvimento adotado pela economia, ligado apenas à idéia de crescimento. O Desenvolvimento Sustentável (DS), *sustainable development* ou *nachhaltige Entwicklung* é um conceito aparentemente indispensável nas discussões sobre a política do desenvolvimento no final do século XX. (BECKER *apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 53)

Um *flash back* às décadas da metade do século XX em diante permite traçar o panorama na área do ambientalismo que começou a ser despertado a partir daquela época e que atualmente tem se intensificado devido aos dados alarmantes do aquecimento global.

[...] caracterizaram as diversas fases do ambientalismo mundial: a década de 50 como sendo de um ambientalismo científico; a de 60, descrita como sendo a época do surgimento das organizações não-governamentais (ONG's); a seguinte, 1970, é caracterizada pela institucionalização do ambientalismo, aonde surgiram, por exemplo, diversas agências estatais atreladas ao meio ambiente e partidos políticos. Já a década de 80 é marcada pelo fortalecimento dos partidos verdes e a publicação do Relatório de Brundtland; e a década de 90, pela entrada dos grupos empresariais no processo, aproveitando-se do mercado crescente dos produtos ecologicamente corretos. (HAMERSCHMIDT, 2008, p. 53).

A significação do termo Sustentabilidade possibilita, por parte dos pensadores e pesquisadores especializados, uma série de interpretações que vêm somadas às ideologias que professam e aos interesses que defendem; assim, temos:

sustentabilidade como sendo a “palavra mágica da ordem do dia” que inspira a perspectiva dinâmica e de ampla utilização e variações de acordo com interesses e posicionamentos. Ainda, considera que as ambiguidades relativas ao seu uso e ao seu significado são decorrentes do seu recente surgimento. (RUSCHEINSKY, 2004, p.17) .

desenvolvimento tem uma conotação de progresso, de industrialização, de consumo e domínio técnico e científico sobre a natureza; sustentável significa manter-se em equilíbrio. Para o autor, este paradoxo traz a ideia de um longo caminho, pois com o desenvolvimento chega-se perto da sustentabilidade, mas esta nunca poderá ser alcançada. (ULTRAMARI, 2003 *apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 53).

O termo Sustentabilidade “é ‘discurso conciliatório’, no qual a civilização encontra-se perdida e indecisa entre ‘conservar, transformar, ou mudar na aparência para conservar na essência’” (LIMA *apud* HAMERSCHMIDT, 2008).

na expressão desenvolvimento sustentável, a palavra sustentável costuma adquirir um sentido mais específico, remontando aos conceitos da ecologia, referindo-se, então, à natureza homeostática dos ecossistemas naturais e à sua perpetuação. Sendo assim, “sustentável” estaria englobando os conceitos de capacidade suporte, que se referem ao paradoxo recursos naturais-população. Ainda para o mesmo autor, o adjetivo “sustentável” combinado com o termo “desenvolvimento” resulta numa conotação técnica e naturalista, que é adequada para referir-se às populações animais e vegetais dos ecossistemas naturais, mas incapaz de refletir as complexas relações humanas no planeta. (BRÜGGER, 1994 *apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 54)

A busca pelo consenso entre as definições de “desenvolvimento sustentável” e “sustentabilidade” é importante por associarem-se “a uma suposta nova visão de mundo que abrange os aspectos econômico, político, ecológico e educacional, isto

é, considera todas as perspectivas sociais numa nova ética ambiental (BRÜGGER *apud* HAMERSCHMIDT, 2008, p. 54).

A OCDE (*Organisation for Economic Co-operation and Development*) define desenvolvimento sustentável como o progresso que ocorre no presente sem comprometer as gerações futuras e Elkington (*apud* ANDRIGUETTO; DALLABRIDA; CARNEIRO, 2011) demonstra que a sustentabilidade baseia-se em três dimensões que são a ambiental, a social e a econômica, ao que ele denominou de *triple bottom line* (TBL), que corresponde em português a Tripé da Sustentabilidade.

Figura 3 - Triple bottom line



Fonte: Parsons (2011).

A Figura 3 traz o tripé da sustentabilidade (*Triple bottom line*), onde o desafio é justamente reunir os interesses das pessoas e empresas em obterem lucro (*profit*) sem prejudicar o Planeta, portanto, mantendo o equilíbrio entre o desenvolvimento e a sustentabilidade do ambiente:

O autor propõe um esquema conhecido por "*triple bottom line*" para indicar os resultados desejáveis para as organizações empresariais sob o aspecto do desenvolvimento sustentável. Por meio deste esquema, a empresa deveria alcançar resultados econômicos, sociais e ambientais. A seriedade do conceito do "*triple bottom line*" está em propor que esse conceito operacional deve ter todos os aspectos igualmente válidos e interativos para que o desenvolvimento seja sustentável. (ELKINGTON, 2001 *apud* SANTOS; SOUTO, 2010, p. 27)

Segundo Andriguetto, Dallabrida e Carneiro (2011), sustentabilidade pressupõe que o que se faz agora não pode, de maneira alguma, comprometer a qualidade de vida dos que nos sucederão.

No livro Marketing 3.0, Philip Kotler menciona justamente essa nova visão do que ele chama de Marketing 3.0 como uma contribuição maior para a sociedade em que as Organizações passam a ter um papel mais importante nas soluções dos problemas da sociedade e a adotar maior consciência ambiental, o que, no passado, não existia. (KOTLER; KARTAJAYA; SETIAWAN, 2010).

Nunes (2011) afirma que a Ecologia Urbana é o ramo da ecologia que se dedica a formas de promover o equilíbrio entre o meio ambiente e os grandes centros urbanos. O ecologista urbano é o profissional que procura proporcionar em seus projetos a harmonia entre a cidade e a natureza para minimizar os impactos urbanos causados ao meio ambiente, o que torna o ambiente mais humano e harmonioso.

Através da ecologia urbana aprendemos que uma cidade não é só um aglomerado de prédios, casas, avenidas, carros, mas sim todo um organismo vivo que tenta sobreviver e conviver com tanto progresso. Durante muito tempo, não nos preocupamos com o crescimento exagerado das áreas urbanas, e com as consequências negativas que toda essa urbanização desenfreada causaria no meio ambiente. Nossa geração e as gerações vindouras são e serão vítimas de um passado de descaso e desrespeito contra a natureza e o preço que pagamos hoje muito é alto. A ecologia urbana surge nesse cenário “bélico” para encontrar alternativas viáveis de sustentabilidade, aplicando projetos para que toda a população, não importando a classe social, encontre e aprenda maneiras de utilizar recursos naturais e sustentáveis de forma consciente e funcional. (NUNES, 2011, p. 1).

Podemos afirmar que a ecologia urbana é quase que o sentimento nostálgico daquele ambiente do campo, com pássaros, árvores, ar puro, águas cristalinas do riacho, a exemplo do Sítio do Picapau Amarelo do escritor Monteiro Lobato⁵, que foi um precursor do “desenvolvimentismo” do Brasil, valorizando seus recursos naturais, tais como o petróleo. Os princípios da ecologia urbana são indispensáveis no planejamento na construção de um prédio, de um condomínio, áreas públicas de lazer, pois as soluções são pensadas para evitar sobrecarga do sistema energético, obtendo construções sustentáveis de edifícios energicamente

⁵ “Sempre atento a sua realidade, Lobato soube incorporar, em uma obra ficcional pautada pela fantasia e pelo humor, informações muitas vezes coincidentes com o currículo escolar. Em contraposição à escola convencional, alvo de frequentes críticas das personagens lobatianas, o Sítio do Pica-Pau Amarelo surge como uma escola alternativa. Nela, conhecimentos de gramática, matemática, geologia e até rudimentos de uma política nacionalista de petróleo são veiculados e assimilados de forma crítica, independente e frequentemente questionadora, especialmente quando a relação de ensino-aprendizagem se dá entre Dona Benta e a discípula Emília”. (PAULILLO, 2000, p. 5).

eficientes, concepção de espaços verdes comutativos entre os prédios para reduzir a densidade urbana, além de uma intensa geração de alertas e organização de campanhas para a adoção dos transportes públicos, diminuindo a utilização do grande vilão poluidor que é o automóvel particular.

No próprio ramo da construção que, tradicionalmente, polui muito; a ideia de se construir casas sustentáveis ainda passa como sendo “coisa de hippie” e algo que custa caro e que tem grandes chances de não dar certo. Mesmo com todas as casas sustentáveis, que foram construídas ao redor do mundo, que tinham fins comerciais tendo sido um sucesso de vendas; um ramo da construção ainda não vê com bons olhos a “perda de lucros” que representam os custos mais elevados desse tipo de construção. (NUNES, 2009, p. 1).

Com a ambientalização dos grandes centros com aspectos de natureza, a ecologia urbana possibilita um maior contato da população com um ambiente apoiado em princípios sustentáveis e uma visível melhora na qualidade de vida.

A Ecologia Urbana é um movimento de resgate do equilíbrio entre o meio ambiente e os grandes centros urbanos, cujos profissionais procuram proporcionar em seus projetos a harmonia entre a cidade e a natureza para minimizar os impactos urbanos causados ao meio ambiente, o que torna o ambiente mais humano e harmonioso.

De outro modo, a ecologia desponta também no campo e é o que será tratado no item seguinte, acerca da valorização da agroecologia no processo de formação educacional e profissional.

2.2 Política de Educação Profissional no Brasil e em Pernambuco e as origens do ensino agrícola no país

Partindo para uma análise histórica do Ensino Médio no Brasil tomemos o século XX. A Reforma Capanema (1942 era Vargas – Ministro Gustavo Capanema) estruturou a educação brasileira, denominada regular, em dois níveis: a educação básica e a superior; fez o ajuste entre as propostas pedagógicas existentes para a formação de intelectuais e trabalhadores, segundo as mudanças que ocorriam no mundo do trabalho (SANTOS, 2010).

No bojo da reforma Capanema, foi incluída uma série de cursos profissionalizantes para atender diversos ramos profissionais demandados pelo desenvolvimento crescente dos setores secundário e terciário, por isso, escolas e cursos começaram a se multiplicar com essa finalidade sem que a conclusão desses cursos habilitasse para o ingresso no ensino superior. (THEODORO, 2015).

A formação de trabalhadores e cidadãos no Brasil constituiu-se, historicamente, a partir de uma “dualidade estrutural”, uma vez que havia uma nítida demarcação de trajetória educacional para as elites, diferenciada dos trabalhadores.

Os cursos profissionalizantes, portanto, eram destinados àqueles que não iriam seguir carreira universitária. Essa distinção deixa evidente que a formação da mão-de-obra manual e mecânica do aprender a fazer era voltada aos jovens menos favorecidos socioeconomicamente, já que às elites cabia o ensino das ciências e humanidades para dar suporte às atividades intelectuais, que as levaria ao ensino superior (THEODORO, 2015).

Talvez seja esse o maior desafio a enfrentar para a superação da dualidade estrutural do ensino médio brasileiro. De acordo com Kuenzer (2009), a educação de Ensino Médio profissional assumida em sua totalidade pelo Estado constituirá um dos fatores que pode fortalecer a instauração de uma escola unitária e envolver todas as gerações, sem divisões de grupos ou mesmo castas.

Todavia, devemos observar que essa divisão já estava presente nas propostas educacionais do século XVIII quando a colônia portuguesa regia-se por reformas instituídas pelo Marquês de Pombal. As aulas régias, criadas a partir de 1759 não tinham por objetivo educar as massas (OLIVEIRA, 2002). Para as massas restavam o ensino elementar e o aprendizado de determinado ofício mecânico, enquanto aos nobres eram reservados o aprendizado de latim e a facilitação dos estudos para prepará-los ao ingresso em cursos superiores na Europa.

Retomemos então ao panorama histórico do século XX, de acordo com os dispositivos da LDB (Lei nº 4.024), de 20 de dezembro de 1961 (BRASIL, 1961) e a (Lei nº 6.494) de 07 de dezembro de 1977 (BRASIL, 1977). Nesses dois momentos não constam mudanças intrínsecas nas medidas que definiram as diretrizes para a educação de ensino médio profissionalizante, apenas nesta última ficam definidos aspectos relevantes a estágios nos diversos níveis de escolaridade. As diretrizes para educação de ensino médio profissionalizante só sofrerão reformulações

determinantes na promulgação da LDB (Lei nº 9.394) de 20 de dezembro 1996 (BRASIL, 1996) no governo Fernando Henrique Cardoso.

As escolas federais, ou o antigo CEFET (Centro Federal de Tecnologia), não atendiam aos filhos da classe trabalhadora que dificilmente passavam no processo de seleção da instituição por conta da baixa qualidade do ensino fundamental da rede pública. Já nas escolas públicas das redes estaduais foram extintos cursos de ensino médio técnico profissionalizante nas mais variadas modalidades como magistério, técnico de administração, contabilidade, nutrição entre outros. Ora, se aos institutos federais deveria ser negado o direito à educação integral, às escolas das redes estaduais não caberia mais a função de fornecer educação profissionalizante (SANTOS, 2010).

A função do ensino médio de preparar para o trabalho está atrelada a não mais preparar para o emprego ou para uma função específica, mas para uma ocupação, isso é bem característico do momento conjuntural da aprovação dessas diretrizes onde se acreditava estar vivendo o início de uma época onde os empregos seriam abolidos (THEODORO, 2015).

Para reorganizar o ensino profissional foi revogado o Decreto Federal nº 2.208/1997 (BRASIL, 1997) e a Portaria Ministerial 646/1997 (BRASIL, 1997) e foi editado o Decreto Federal nº 5.154, de 23 de julho de 2004 (BRASIL, 2004). O Ministério da Educação e Cultura (MEC) homologou o Parecer da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação CNE/CEB nº 39/2004 (BRASIL, 2004) que dá aplicação ao referido decreto, bem como a Resolução CNE/CEB nº 01/2005 (BRASIL, 2005) que atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação para o Ensino Médio e para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

A partir destas novas medidas legais, foi retomado o Ensino Técnico de nível médio integrado ao ensino médio, e passados quatro anos das medidas legais empreendidas pelo governo, foi aprovada a Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008 (BRASIL, 2008).

A partir desse momento buscamos então observar e analisar as mudanças dessa nova proposta pedagógica que o Ministério da Educação vem apresentando a partir da nova legislação e o apoio que está sendo direcionado para os sistemas

estaduais de ensino no processo de implantação dessa nova modalidade de formação. Com isso não queremos dizer que as demais modalidades de formação secundária venham sendo abandonadas, pois o ensino médio de formação geral é ofertado em maior número de vagas. Entretanto agora em 2017 com a proposta de reforma do ensino médio uma das mudanças propostas é a flexibilização da matriz curricular, onde o aluno poderá optar por um itinerário formativo que seja mais interessante para ele. Uma dessas opções será o de formação técnica e profissional, percebe-se que a educação profissional volta a ocupar um lugar de destaque nas formas de oferta do ensino médio.

Um balanço da escola pública brasileira, sempre que realizado, revela uma dívida histórica constrangedora, seja pela sua tímida e insuficiente expansão, seja pela qualidade que tem revelado. Porém, é no Ensino Médio que esta realidade se constitui como um exemplo clássico de negação da cidadania e da participação dos jovens na constituição da nação brasileira. Apenas 45% dos jovens no Brasil concluem o Ensino Médio e, a maioria destes, em torno de 60%, o fazem em condições precárias: noturno e/ou supletivos (LODI, 2006). Um país que possui uma discrepância deste nível na reta de chegada dos estudantes ao ensino superior e ao mercado de trabalho que almejam um futuro digno, precisa repensar e reconstruir estratégias de oportunização mais justa e igualitária para nossos jovens.

No que diz respeito especificamente ao ensino agrícola no Brasil, existem diversas iniciativas pontuais, acerca das quais ainda há muito para se pesquisar, embora já seja possível traçarmos uma linha geral deste tipo de ensino no país.

Durante o período colonial, o ensino rural agrícola foi ministrado por ordens religiosas católicas e sacerdotes jesuítas, que acolhiam, prioritariamente, filhos de colonos e indígenas com o intuito de melhor gerar a organização a “exploração das fazendas de sua propriedade e manter uma sustentação básica”. (SOBRAL, 2005, p. 12). Prova disso, é que a primeira escola agrícola foi edificada em terras da congregação de São Bento no Engenho das Lajes. (Fig. 4).

Os jesuítas juntamente com outros religiosos foram os pioneiros a tratar com educação no país. Essa tarefa coube a franciscanos espanhóis que “constituíram recolhimentos que funcionavam em regime de internatos, como verdadeiras escolas que ensinavam, além da doutrina, a lavrar a terra e outros pequenos ofícios” (SAVIANI, 2007, p. 40). Entretanto, ainda que se louve o pioneirismo desses franciscanos, foi inegável a predominância dos

jesuítas no Brasil colonial, desde o início com forte apoio estatal, diferentemente das outras ordens e por isso mesmo detiveram quase que o monopólio do trato com a educação nos dois primeiros séculos da nossa história. (SÁ, 2010)

Na época, as escolas agrícolas estavam voltadas a produzir mantimentos para manter os colégios jesuítas; desse modo, criava-se gado e cultivava-se alimentos tais como culturas de mandioca, de milho, de arroz, de açúcar, e confeccionavam-se tecidos e vestimentas.

Durante o Império, a agricultura do nordeste brasileiro ainda estava baseada quase que exclusivamente na cultura da cana de açúcar. No século XIX esta lavoura atravessou crise generalizada de produção, de crédito, de mão de obra e atraso tecnológico, que foi agravada pela queda no preço do açúcar. O Imperial Instituto Baiano de Agricultura foi criado com finalidade de contribuir na reversão deste quadro econômico, através de formação de mão de obra qualificada dos operários e engenheiros agrônomos. (SANTANA, 2017, p. 12).

O ensino agrícola estava intrinsecamente atrelado aos interesses dos grandes proprietários de terras para gerar mão de obra para suas propriedades e manter sob domínio os formandos de modo a não se aventurarem à aquisição de terras para tocar a produção de lavouras.

Na maioria dos casos, criar ou apoiar instituições configurava-se em tentativa de manter sob domínios dos antigos senhores, a vida desses indivíduos. Ofertando o ensino agrícola para alguns desses, os senhores visavam tanto preparar mão-de-obra quanto mantê-los sob sua administração, visto que, dentre algumas propostas do movimento abolicionista encontravam-se sinais de ameaça aos negócios dos senhores, isto é, a possibilidade dos libertos conseguirem um pedaço de terra para si e viverem por conta própria sem donos ou patrões. (SÁ, 2010).

A bibliografia faz referência à chegada da família real portuguesa no Brasil (1808 – 1820), como um divisor de águas do investimento do Estado no ensino agrícola, apesar de que a formação educacional reproduzia a ideologia dominante e a luta de classes que exacerbava os conflitos socioeconômicos, ao manter desigualdades sociais abissais. Com a crise da produção açucareira que mobilizou a elite agrária e forçou um pronunciamento oficial em 25 de junho de 1812 do rei D. João VI direcionado ao Conde dos Arcos (governador da Bahia):

[...] já por falta dos bons princípios agrônômicos, já por ignorância dos processos e maquinas rurais, que tanto servem para brevidade e facilidade de mão de obra, e para a toda multiplicação de variedades das produções

da natureza, não podendo por tais motivos sustentar a concorrência nos mercados da Europa; tendo resolvido franquear e facilitar a todos os meus vassallos os meios de adquirirem os bons princípios de agricultura, que sendo uma das artes que exige maior número de conhecimentos diversos, não tem sido até agora ensinada pública e geralmente; mas antes aprendida por simples rotina, do que provem o seu tão vagaroso progresso e melhoramento. Portanto, principiando a *por em pratica estas minhas paternais disposições*: hei por bem que debaixo de vossas inspeção, e segundo as disposições provisórias que com esta baixam assinadas pelo Conde de Arcos se estabeleça imediatamente um Curso de Agricultura na Cidade da Bahia para instrução publica dos habitantes dessa Capitania, e que servirá de norma aos que me proponho estabelecer em todas as outras Capitánias dos meus Estados⁶ (FÁ, 2010).

Posteriormente, já no período pós independência, a Escola Agrícola de São Bento das Lajes (Fig. 9), no município de São Francisco do Conde, mais precisamente, no ano de 1877 representou a aposta do Império no ensino rural agrícola, como expõe Santana (2017, p. 5):

A Escola Agrícola de São Bento das Lajes está situada em São Francisco do Conde, município que guarda significativo patrimônio do Brasil Colonial. A Escola Agrícola sua origem com a chegada de D. Pedro II ao Nordeste Brasileiro, com intuito de modernizar o setor agrícola que passava por dificuldades generalizadas. Então, dia 15 de Fevereiro de 1877, é inaugurada a Escola Agrícola de São Bento das Lajes, criando novos rumos para a formação agrícola, e para a economia nacional.

A (Fig. 4) traz a Escola Agrícola de São Bento das Lajes ainda em construção.

Figura 4 - .Escola Agrícola De São Bento Das Lajes – São Francisco Do Conde, Ba



Fonte: Brasiliana (2017).

⁶ Foi mantida a grafia original do pronunciamento de Sua Majestade o D. João VI.

Sobral (2009) realizou um estudo sobre a formação profissional agrícola, demonstrando que formar jovens para o trabalho no campo é também uma iniciativa de fixar o homem ao campo; tal objetivo ficou expresso no ideário do “ruralismo pedagógico” durante a década de 1920.

Mais tarde, inúmeras políticas educacionais voltadas para o meio rural tiveram esse mesmo objetivo. Com o surgimento das agroindústrias no Brasil e posterior implantação de políticas voltadas à modernização do setor (Revolução Verde), inúmeras escolas agrotécnicas foram criadas com o objetivo de atender a essa demanda. O capital agroindustrial passou a requerer um profissional que, através da extensão rural, desse conta de levar a modernização aos seus agricultores, fazendo surgir o profissional Técnico em Agropecuária. (SOBRAL, 2009).

No ano de 1967, por meio do Decreto 60.731 transferiu-se as Fazendas Modelos do Ministério da Agricultura ao Ministério da Educação e Cultura; e seu funcionamento passou a ser como escolas agrícolas. (BRASIL, 2018).

Em 1997, por meio da Lei Federal nº 9394 e do Decreto nº 2208/97, regulamentando o Ensino Técnico, houve um incremento do ensino agrícola no país e como parte desse processo o Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza” desenvolveu um projeto pedagógico, que considerou as exigências da nova legislação; por outro lado, considerou as transformações vigentes no mercado de trabalho atreladas aliadas aos avanços tecnológicos com as seguintes características:

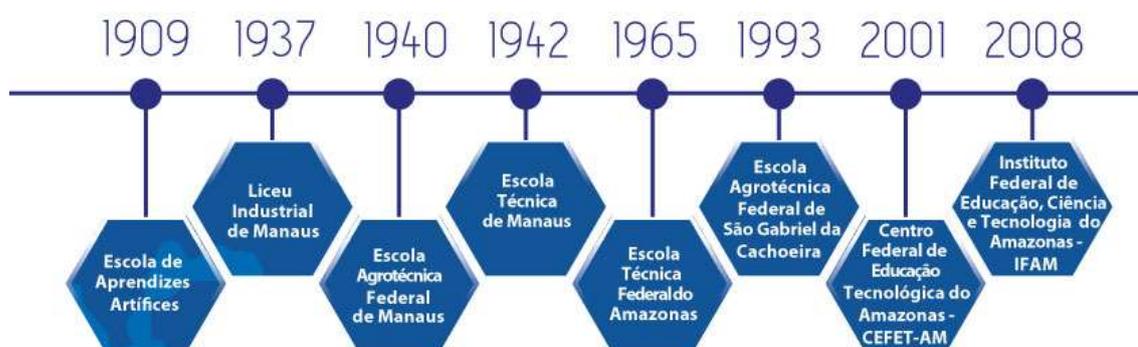
O novo modelo pedagógico deve ser voltado à formação do cidadão, complementando o ensino regular com competências profissionais, adequadas às diferentes necessidades do mercado em relação às novas tecnologias de informação e produção. É proposto o desenvolvimento integrado, sustentado e responsável para contribuir com a melhoria da qualidade de vida, assim como, a elevação da qualidade e produtividade. A Educação Profissional deve ser realizada de modo articulado entre os níveis de educação básica, média e especialização superior, possibilitando, assim, uma contínua aquisição de conhecimentos na linha da educação profissional nos diversos graus de conhecimentos. (MELLO, 2009).

Em meio à criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, algumas escolas agrícolas surgiram como parte da Rede Federal de Educação Tecnológica.

Os Institutos surgiram com uma proposta de expansão do ensino técnico e tecnológico jamais vista, uma vez que promovem o ensino nos níveis básico, técnico e tecnológico, incluindo programas de formação e qualificação de trabalhadores, licenciaturas e cursos de pós-graduação lato e stricto sensu. (IFAM,)

Em 29 de dezembro de 2008, o Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, sancionou o Decreto Lei Nº 11.892, criando trinta e oito Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, dentre eles, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (MELLO, 2009), cujo exemplo ilustra a trajetória dos institutos de educação profissional no país.

Figura 5 - Linha cronológica da criação de institutos de Educação Profissional no Brasil



Fonte: Mello (2009).

Por sua vez, o início da Agroecologia no país no âmbito da formação educacional deu-se ao final da década de 1970, sendo que a partir de 2000, houve um incremento no processo de institucionalização dessa área de conhecimento (SOUSA, 2017). “Mesmo em caráter contra hegemônico, inúmeros cursos são criados em Universidades e Institutos Federais em parceria com os movimentos sociais. Existem desafios na institucionalização e riscos quanto à perda da relação com sua matriz social de origem, os camponeses e seus territórios”, esclarece (SOUSA, 2017, p. 632).

Houve pensadores que criticaram a forma de implantação de cursos no campo como extensão de interesses corporativos, como expressa Sousa (2017, p. 632), o que demonstra que por outro lado, tais pacotes foram empurrados aos produtores sem reconhecerem o conhecimento milenar acumulado por agentes do campo.

As críticas realizadas apontaram como a educação agrícola e a extensão rural foram usadas como uma espécie de “correia de transmissão” para a divulgação

das tecnologias contidas nos pacotes da revolução verde, aqui entendida como um conjunto de tecnologias geradas em centros de pesquisas ou instituições de educação agrícola, a fim de aumentar a produtividade, com base na utilização de sementes geneticamente melhoradas, uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos, motomecanização e uso de irrigação. (SOUSA, 2017, p. 633).

Os agroecossistemas foram relegados a segundo plano, porque, em muitas circunstâncias, os agricultores foram tidos como meros depósitos de pacotes tecnológicos, oriundos de centros de pesquisas e escolas de ensino superior.

A implementação de um conjunto de novas tecnologias, como sementes melhoradas, fertilizantes químicos e agrotóxicos, levou muitos agricultores a abandonar todas as práticas historicamente construídas, e houve não somente mudança na base técnica, mas também na lógica de gestão do conhecimento, pois com a perda de sementes nativas, por exemplo, foram perdidos os conhecimentos necessários para lidar com essas sementes. Isso também aconteceu com o uso da matéria orgânica e outras práticas que os agricultores deixaram de realizar ou deixaram de tornar mais visíveis. (SOUSA, 2017, p. 633).

Este conjunto de ações é chamada de Revolução Verde (RV) e correspondeu à implementação de um pacote tecnológico que fundiu capitalismo à dinâmica agrícola, causando algumas consequências nefastas como as apontadas por Neves, Geraseev e Augusto (2013, p. 48):

Os reflexos da RV nos países periféricos, de forma sintética, resultaram no aumento da produção de alimentos para demanda externa; dependência de insumos e equipamentos provenientes dos países ricos; degradação e contaminação dos solos através de técnicas impactantes; uso abusivo de agrotóxicos; concentração fundiária; exclusão do processo produtivo e marginalização dos povos tradicionais, sobretudo, na privatização de suas terras e recursos. Esse processo contribuiu para que os recursos ambientais que estavam nas mãos dos povos do lugar passassem para o controle dos órgãos governamentais, ao passo que as terras tornaram-se mais susceptíveis a grilagens, muitas vezes de forma violenta expropriando os direitos das populações locais numa nova reorganização da estrutura fundiária. Por sua vez, o avanço das monoculturas, o carvoejamento, o superpastoreio e a grilagem de terras, em conjunto com a destruição das matas ciliares ao longo dos rios e nascentes, contribuíram para a escassez dos recursos hídricos e principalmente para a expulsão das populações locais (Norte de Minas Gerais) que ficaram 'encurraladas' nas margens e ilhas dos rios, e tiveram reconfigurados seus territórios.

Outra crítica direcionada à Revolução Verde partiu de Pena (2018), que esclarece que os objetivos maiores traçados para essa revolução não obtiveram êxito, a saber – minimização da fome, falta de alimentos e disponibilidade de recursos agrícolas no mundo – apesar de ter sido positivo ter proporcionado a países pobres adentrarem ao rol de exportações.

Uma crítica recorrente que se faz à revolução verde é o fato de ela ter intensificado a concentração fundiária nos lugares em que ela foi aplicada, pois apenas os grandes produtores passaram a ter acesso aos equipamentos e tecnologias mais avançadas. Em muitos casos, também se gerou um grande desemprego pelas substituições dos camponeses por grandes maquinários, isso sem falar das críticas relacionadas à expansão das áreas agrícolas sobre as regiões florestais. Por outro lado, é importante destacar o grande ponto positivo da revolução verde, que colocou muitos países pobres no campo das exportações e também serviu para combater e diminuir a fome em várias partes do mundo. (PENA, 2018, p.47).

A resistência a esses pacotes se faz sentir nos últimos anos quando camponeses atrelados a organizações e movimentos sociais passaram a reagir e lutar para derrubar a perspectiva hegemônica que difunde conhecimento; há experiências em andamento para colocar em prática iniciativas de educação, pesquisa e extensão embasadas em princípios agroecológicos.

2.3 Percepções sobre o mundo rural, a agroecologia e a educação da juventude rural

Para a análise das questões ambientais no campo tem-se que considerar que o campo se reorganiza no contexto da sociedade globalizada e, desse modo, a temática da ruralidade surge em meio a controvérsias das quais Brandenburg (2002) destaca duas posições, sendo que a primeira reconhece o desaparecimento de um rural agrícola, devido à urbanização e industrialização enquanto uma segunda concebe que a ruralidade é reconstruída com base na vida rural articulada a valores urbanos.

Brandenburg (2005), ao buscar elementos para uma Sociologia do campo, informa que as primeiras manifestações populares acerca dos efeitos deletérios da modernização contestaram a exclusão social de trabalhadores, boias-frias, mulheres, pequenos produtores, mas sem nenhum viés de empunhar bandeiras de preservação do meio ambiente ou combater a destruição dos recursos naturais.

Apenas três movimentos apresentam alguma relação com a questão ambiental em razão de sua luta pela preservação da terra ou de seus meios de produção. São eles: o movimento de pequenos agricultores familiares atingidos por barragens; o movimento de indígenas que lutam pelo direito de posse de suas terras e o movimento de seringueiros que lutam pela preservação de suas atividades extrativistas na floresta amazônica. (BRANDENBURG, 2005, p. 51).

Tendo como líder José Lutzenberger, a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural – AGAPAN⁷ foi pioneira a questionar a indiscriminação do uso de agroquímicos. Por outro lado, as políticas públicas implementadas na primeira fase da modernização agrícola com vistas ao progresso social e econômico das categorias produtoras, conduziu, na verdade a um processo de exclusão inominável. Foi neste contexto que surgiu o conceito de agricultura alternativa:

Já na década seguinte à “primeira modernização agrícola”, o pequeno agricultor em processo de exclusão e trabalhadores já excluídos vinculados às associações, organizações sindicais combativas e pastorais religiosas, viriam a questionar tanto as políticas agrícolas como as técnicas por elas implementadas. Surge daí um movimento de construção de uma agricultura tida como “alternativa” ao modelo hegemônico e que irá resgatar práticas tradicionais de produção, condenadas pelo modelo vigente. A Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educação-FASE seria a entidade catalisadora desse movimento, formando uma assessoria as organizações emergentes, já no início da década de oitenta. Essa entidade assume um caráter mais orgânico a partir de 1983, quando se institui como uma rede de articulação nacional mediante o Projeto Tecnologias Alternativas. A rede abrange inicialmente 10 Estados brasileiros: Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. (BRANDENBURG, 2005, p. 52).

A criação da Confederação Nacional dos Trabalhadores – CONTAG marcou o incremento à luta contestatória ao modelo vigente, representando os interesses dos trabalhadores e também da agricultura familiar. Neste contexto, ganha relevância a experiência dos pequenos agricultores por meio da pesquisa e difusão pela Extensão Rural, resgatando técnicas de uso comum (matéria orgânica, controle biológico e consórcio de culturas (BRANDENBURG, 2005, p. 2).

De um modo geral, define-se desenvolvimento sustentável levando em conta as seguintes metas e objetivos básicos:
A taxa de consumo de recursos renováveis não deve ultrapassar a capacidade de renovação dos mesmos.
A quantidade de rejeitos produzidos não deve ultrapassar a capacidade de absorção dos ecossistemas.
Recursos não-renováveis devem ser utilizados somente na medida em que podem ser substituídos por um recurso equivalente renovável (ALMANAQUE, 2005, p. 357).

⁷ Em 1971 foi criada a primeira associação ecologista no Brasil, denominada Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural – AGAPAN que era encabeçada pelo engenheiro agrônomo José Lutzenberger. Inicialmente, a prioridade de atuação da ONG esteve voltada para impedir a destruição dos ecossistemas naturais e o uso abusivo de agrotóxicos. Na fala de Jacobi (2003) o questionamento dos impactos ambientais gerados pela agricultura tecnicista e pelo uso abusivo de agrotóxicos, levado pela entidade junto à Assembléia Legislativa possibilitou a aprovação da primeira lei estadual de agrotóxicos em 1983, otimizando outras iniciativas em Santa Catarina, Paraná e São Paulo, onde leis similares foram aprovadas em 1984.

Brandenburg (2005) dá destaque a duas ações ecológicas rurais, a saber: primeiro, nos movimentos sociais organizados se pode identificar ações de conservação, preservação e gestão do ambiente natural e, segundo, os que buscam a substituição de práticas agrícolas convencionais, implementando saídas ecológicas para organizar a produção, em consonância com mudanças do padrão técnico de produção.

O ambiente rural como objeto de estudo passou a ter interesse para as ciências sociais somente a partir do momento que o ambiente natural se coloca como uma questão para a sociedade, porque até então, o meio ambiente era uma área restrita à competência das ciências naturais. Apenas recentemente é que as sub-áreas da sociologia, entre elas a da sociologia rural, incorporaram a questão ambiental, e, o Brasil passou a gerar uma sociologia ambiental. (BRANDENBURG, 2005, p. 5).

O Brasil está entre os países que mais cresceram economicamente durante o século passado, mas terminou o período com uma das maiores taxas de concentração de renda do mundo, além de elevados índices de pobreza, violência e até mesmo de trabalho escravo nas áreas rurais.

No campo, o agronegócio expande-se penalizando a mão-de-obra, destruindo florestas, contaminando e desperdiçando água, implantando modelos insustentáveis de desenvolvimento. Mediante tal quadro desesperador, começam a surgir iniciativas que demonstram preocupação com o ambiente e com as futuras populações.

Diante desse quadro de desigualdades, como se pensar a sustentabilidade do desenvolvimento? Pois, embora não seja direta a relação entre pobreza, exclusão social e degradação ambiental, os seus efeitos indiretos são visíveis, mediatizados por outras variáveis intervenientes. O círculo vicioso de degradação social e ambiental no país tem como centro de referência um estilo de desenvolvimento amparado pelo Estado brasileiro, que historicamente subordinou os interesses do bem-estar social aos interesses de expansão do capital, na exploração dos recursos naturais. Como resultado, as “políticas de Estado” sustentaram um estilo de desenvolvimento que respalda padrões de articulações muito determinados dos diversos segmentos sociais e econômicos com os recursos disponíveis na natureza (STROH, 2001, p. 276-7).

A conscientização ambiental tornou-se efetiva no momento em que o tema meio ambiente apresentou-se para a sociedade saindo do interior restrito às ciências da natureza.

Nos primórdios dos anos oitenta, as Ciências Sociais passam a debater sobre a implementação da tecnologia como alternativa ou socialmente apropriada; pesquisas foram realizadas para compreender o sentido e a perspectiva de tais iniciativas para explicitar ações que visassem reinventar os sistemas convencionais de produção.

A ECO-92 deu possibilidade de debater sobre o conceito de “sustentável” sob o viés sociológico, onde sustentabilidade poderia comportar diversas noções de práticas agrícolas com menos insumos, alternativa, regenerativa, biológica, orgânica ou ecológica. (BRANDENBURG, 2005).

A insatisfação com os graves impactos ambientais provocados pela agricultura moderna vem estimulando a busca de uma agricultura mais sustentável. O que se quer são sistemas produtivos que, simultaneamente, conservem os recursos naturais e forneçam alimentos mais saudáveis, sem comprometer os níveis de produção já alcançados. Existem dezenas de definições para se explicar o que é agricultura sustentável. Deixando de lado as nuances, pode-se dizer que todas transmitem a idéia de um sistema produtivo que garanta: manutenção, a longo prazo, dos recursos naturais e da produtividade agrícola; o mínimo de impactos adversos ao ambiente; otimização da produção com um mínimo de insumos externos; satisfação das necessidades humanas de alimentos e renda; atendimento às necessidades sociais das famílias e das comunidades rurais (ALMANAQUE, 2005, p. 332).

A extensa bibliografia acerca da interação entre agricultura e ecologia demonstra a preocupação acerca da convivência pacífica entre as pessoas e a natureza, pois dessa forma, todos ganham. Contudo, este ainda é um movimento de alcance limitado, especialmente em um país como o Brasil, com gigantescas heranças de desigualdade e pouquíssima participação política dos cidadãos.

O êxodo rural, ou seja, o abandono do campo em busca de melhores condições de vida nos centros urbanos, com ocupação das periferias das grandes cidades, ainda é uma realidade no Brasil (VENDRAMINI, 2015), embora já se possa perceber algumas mudanças.

O censo demográfico de 2010 do IBGE mostra a diminuição contínua da população em meio rural, no entanto o ritmo é menor do que o da década anterior. A pesquisa mostra que na década de 2000 a 2010, a população rural do Brasil foi diminuída em 2 milhões de pessoas, exatamente 50% menos do que entre 1990 e

2000, quando houve um decréscimo de 4 milhões que abandonaram a zona rural rumo às cidades (LOMBARDI, 2011).

A taxa média anual desta última década é de 0,65%, enquanto que na década 1990-2000, o número de pessoas que abandonava a zona rural era de 1,31% a cada ano. O IBGE conclui que o movimento de pessoas que abandonam a zona rural para ocupar as cidades, iniciado na década de 1970, tem declinado.

Nas décadas de 1970 e 1980, os grandes movimentos migratórios ocorriam em função da mecanização da agricultura e a consequente expulsão da mão de obra. Agora, esse movimento continua ocorrendo, porém em uma intensidade menor" [...]. Segundo o estudo, a região Sudeste foi a que mais perdeu população rural, caindo de 6,9 milhões para 5,7 milhões (-17,4%). As regiões Sul e Nordeste também tiveram perda de população do campo. O Nordeste sozinho concentra quase metade da população rural do país (14,3 milhões de um total de 29,8 milhões). (LOMBARDI, 2011, p. 1).

Excepcionalmente, as regiões Norte e Centro-Oeste, em sentido inverso, ao restante do país, registraram aumento da população rural (4,2 milhões e 1,6 milhão, respectivamente). Os Estados que registraram taxa maior de crescimento da população rural foram Roraima, Amapá, Pará e Acre, todos eles pertencentes à Região Norte, devido à atração de grandes contingentes em busca de uma vida melhor na mineração, enquanto que na região Centro-Oeste, o que mais atraiu foi o forte desenvolvimento da agricultura da região.

O ritmo de saída de pessoas do campo deve continuar a diminuir, pois alguns programas sociais do governo auxiliaram a manter a população em seus locais de origem, portanto o êxodo rural deverá enfraquecer (LOMBARDI, 2011). No entanto, apesar do ritmo do êxodo rural ter diminuído, ele ainda existe, tornando o Brasil cada vez mais urbano.

O aumento de quase 23 milhões de pessoas que vivem nas cidades (num total de 160,9 milhões de pessoas) resultou em um grau maior de urbanização, que passou de 81,2% em 2000, para 84,4% em 2010. A região Sudeste continua sendo a mais urbanizada do país (92,9%). As regiões Centro-Oeste e Sul têm, respectivamente, 88,8% e 84,9% de população urbana. No Norte, a concentração de pessoas que vivem nas cidades é de 76,6% e, no Nordeste, o número chega a 73,1%. (LOMBARDI, 2011, p. 2).

A capital de Tocantins, a cidade de Palmas, foi a capital do país que mais cresceu a uma taxa anual de 5,21%, depois vem Boa Vista-RR (3,55%), Macapá-AP (3,46%), Rio Branco-AC (2,82%), Manaus-AM (2,51%) e Porto Velho-RO (2,5%).

Porto Alegre - RS registou crescimento, mas foi mínimo, sendo a capital que menos cresceu com seus 0,35%. São Paulo - SP e Rio de Janeiro-RJ registraram índices de aumento demográfico iguais de 0,76%.

As populações das regiões Sudeste e Nordeste cresceram a um ritmo anual abaixo da média nacional: 1,05% e 1,07%, respectivamente. Fernando Albuquerque diz que, não fosse a ainda relevante migração de nordestinos, o crescimento da região estaria mais distante daquele visto no Sudeste. Em termos absolutos, essas duas regiões são as que têm o maior peso no incremento populacional: 13,3 milhões de novos habitantes na última década, isto é, 63,4% do total do aumento da população nacional no período. (LOMBARDI, 2011, p. 2).

A partir de agora, vamos destacar alguns dos indicadores sociais divulgados pelo IBGE referentes às últimas décadas, pois podem auxiliar a compreender o fenômeno populacional correlacionado aos fatores econômicos de um país emergente com altos níveis de pobreza, demonstrando, mais uma vez as disparidades sociais causadas pela má distribuição de renda.

A juventude⁸ rural esteve por muito tempo excluída das luzes da mídia, das políticas governamentais, configurando uma exclusão social das mais vis, pois condenada ao ostracismo não ganha visibilidade alguma, adiando cada vez mais a mobilização da classe política e da sociedade na busca de soluções para uma classe que sequer é considerada para fins estatísticos.

A "situação de invisibilidade" a que está sujeito esse segmento da população se configura numa das expressões mais cruéis de exclusão social, uma vez que dessa forma esses jovens não se tornam sujeitos de direitos sociais e alvos de políticas públicas, inviabilizando o rompimento da própria condição de exclusão. Nesse contexto, a juventude rural aparece como um setor extremamente fragilizado de nossa sociedade. Enquanto eles permanecerem invisíveis ao meio acadêmico e ao sistema político, não sendo socialmente reconhecidos como sujeitos de direitos, dificilmente serão incluídos na agenda governamental. Até que essa inclusão ocorra, o que se tem são "estados de coisas": situações mais ou menos prolongadas de incômodo, injustiça, insatisfação ou perigo, que atingem os grupos de jovens rurais, sem chegar a compor a agenda governamental ou mobilizar as autoridades políticos (RUA, 1998). O atual "estado de coisas" implica na

⁸ Acerca da compreensão de juventude, a UNESCO considera "como "juventude" o período compreendido entre os 15 e os 24 anos de idade. Alguns autores como Colli Setian acham que esse período não pode ser tratado com "começo e fim" tão rígidos. A variação é de país para país e, pode-se dizer mesmo no caso do Brasil, de região para região. Causas psicossociais concorrem para essa flexibilidade. A juventude ou adolescência deve ser entendida como um segmento da sociedade. Por se tratar de um segmento intermediário entre a criança e o adulto o adolescente tem características próprias. Características marcadas pela instabilidade, fragilidade e indefinição, que por isto fazem do jovem o "espelho" deste sistema, porque o adolescente retrata o conjunto de mazelas dessa sociedade". (SILVA, 2007, p. 10)

negação do direito básico de ter tratamento e oportunidades iguais, ou seja, representa a negação da cidadania para a juventude do meio rural. Esse segmento, sob muitos aspectos, não acessa nem usufrui do conjunto de direitos básicos que estruturam a condição de cidade. (SILVA, 2007, p. 7).

A juventude rural é vítima de uma série de situações de não-reconhecimento, preconceitos, marginalidade e exclusão, pois não gozam do direito à cidadania como sujeitos ativos ou atores políticos com plenos direitos de participar das decisões que afetam sua vida e seu futuro, aliás nem os direitos mais elementares lhes são garantidos.

São vários os conceitos de pobreza, porém, todos convergem para que a pobreza seja uma situação de insegurança derivada da impossibilidade de acesso a recursos para satisfazer as necessidades físicas, sociais e/ou psíquicas básicas do ser humano tais como alimentação, habitação, educação, saúde e segurança. São vertentes da pobreza o desemprego, a distribuição de renda, a segregação social e a democracia. De modo geral, se avalia a pobreza como função da renda, ou seja, é um conceito fundamentalmente econômico, a despeito de ter impactos políticos e sociais. Assim, há dois conceitos básicos de pobreza: a pobreza absoluta e a pobreza relativa. Uma pessoa, ou um domicílio, é pobre quando a renda não garante as necessidades básicas de reprodução física, medida por uma quantidade mínima de calorias, de moradia, de vestuário e de locomoção, porém, se a renda não permite adquirir os bens necessários à reprodução física, é um caso de pobreza extrema. Além da intensidade de pobreza, a sua desigualdade é um indicador importante. Outro conceito de pobreza, a pobreza relativa, considera a vertente monetária. Nesse caso, é considerado pobre o indivíduo, ou domicílio, cuja renda é inferior a um determinado valor, variando entre 40 a 60% dependendo da região, da renda média. Considerando o exposto, a profundidade e as desigualdades entre os pobres são os fatores mais importantes uma vez que a pobreza monetária, absoluta ou relativa, é insuficiente e pode conduzir à interpretações errôneas. A pobreza não é apenas monetária, ela possui várias dimensões havendo a necessidade de considerar indicadores que considerem as vertentes não monetárias como saúde, educação, segurança, segregação social e instituições (democracia), entre outras. Dada a facilidade do recorte, a dinâmica do produto é um bom indicador para espacialização da pobreza, a partir do qual é possível analisar as demais vertentes da pobreza de modo a caracterizar as suas dimensões. (ONU, 2003 *apud* VIEIRA; BUIANAIN, 2011, p. 1).

O programa de desenvolvimento regional precisa considerar as peculiaridades espaciais de cada região para integrá-la de forma mais racional aos mercados nacionais e internacionais. Esse plano regional terá que apostar na educação que qualifique mão-de-obra tanto para os que não vão ficar no campo devido ao processo de urbanização, mas também mão-de-obra especializada para atividades mais intensivas no ambiente rural.

Considerando que as políticas de contenção da urbanização sejam exitosas, também haverá necessidade de qualificação e de assistência técnica à mão-de-obra que permanecerá no campo em propriedades com exploração típicas da agricultura familiar. Em linhas gerais, a superação da pobreza rural no Centro e a prevenção do seu crescimento passam pela desconcentração fundiária e superação da dicotomia entre espaços rural e urbano, bem como, pela diversificação da base econômica e redução na dependência dos mercados internacionais de *commodities*. (VIEIRA; BUIANAIN, 2011, p. 75).

Tais linhas gerais para a região reencontrar o caminho para o desenvolvimento sustentável, com desconcentração da renda e oportunidades para os pequenos produtores, dependem de políticas públicas e privadas, ou de iniciativas em parceria de integração entre ambas.

[...] o debate contemporâneo sobre a agricultura familiar no Brasil revela que muitos dos agricultores reelaboram e criam estratégias de produção e reprodução social alternativas ao modelo produtivista. Uma das estratégias é a pluriatividade, mas emergem questões relacionadas com a capacidade dos jovens rurais em permanecer habitando e trabalhando no campo, com contextos adversos à agricultura familiar. (SOUZA, 2007. p. 259).

Há uma preocupação constante com o êxodo rural causado também pelo abandono do campo pelos jovens que vão buscar oportunidades de trabalho nos grandes centros urbanos. Para tanto, há que se encontrar políticas de fixação do jovem no campo.

As razões para o desinteresse dos jovens pelo ofício de agricultor ou outras profissões no campo estão ligadas à falta de um modelo agrícola específico para pequenos agricultores, que se resumem a iniciativas esparsas, sem o apoio necessário com vistas ao sucesso, pois o modelo econômico adotado nos grandes latifúndios tem causado o empobrecimento do agricultor. (SILVA, 2007).

A diminuição da renda faz com que grande parte da população do campo abandone a área rural, dirigindo-se aos centros urbanos. A juventude sofre profundamente as consequências desse modelo perverso, não contando com possibilidades mínimas na área da educação e da ocupação produtiva, carecendo também de alternativas em equipamentos de lazer, cultura e saúde. (SILVA, 2007, p. 11).

O desafio da sociedade em geral, das autoridades políticas, das entidades religiosas, sociais e também do setor empresarial é pensar juventude a partir das diferentes realidades, cobrando e adotando políticas públicas e privadas que

extrapolem as fronteiras e obstáculos à inserção dos jovens tanto urbanos como rurais, pois a juventude tem papel essencial na transformação da realidade.

O meio rural tem que se apresentar como possibilidade atrativa à permanência do jovem no espaço rural e para isso a educação faz parte desse pacote para a melhoria da qualidade de vida rural; as instâncias de lazer, cultura, trabalho, geração de renda e autonomia financeira também devem constar do rol de necessidades do jovem no campo, pois só assim terá atrativos para lá permanecer e crescer, contribuindo para a geração de riquezas do país. As políticas públicas podem oportunizar financiamentos, educação, e aquisição de imóvel rural bem como equipamentos para sua manutenção e desenvolvimento.

Segundo Cardoso Jr. e Jaccoud (2005), há um inter-relacionamento entre os quatro eixos (do Emprego e do Trabalho, da Assistência Social e Combate à Pobreza, da Cidadania Social e da Infraestrutura Social) que não devem, em momento algum, serem vistos como algo separado do conjunto de situações históricas no desenvolvimento dos sistemas nacionais de proteção social, pois fazem parte de um processo dinâmico e contraditório de construção.

Segundo Toledo (2008) há poucos estudos desenvolvidos para compreender todas as transformações sociais que ditam os processos sucessórios na agricultura familiar⁹, todavia os mecanismos para assegurar a permanência da juventude rural junto às propriedades dos pais são inconsistentes, “o que parece demonstrar que estes não vislumbram expectativas e atrativos que venha a transformar o meio rural em um local adequado para o projeto de suas vidas” (TOLEDO, 2008, p.1).

Há questões que se colocam com relação à qualidade da vida rural, bem como em relação à profissão agricultor assegurar *status* àqueles que a ela se dedicam; por outro lado, é preciso conhecer a visão da sociedade quanto à função social do agricultor.

O meio rural está envelhecendo e masculinizando. Os agricultores têm mais de 55 anos, tem baixa escolaridade, tem dificuldade de produzir renda

⁹ A Lei 11.326 de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais, considera agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividade no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: detenha até quatro módulos fiscais; utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu empreendimento; tenha renda familiar predominantemente advinda de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; e dirija seu empreendimento com sua família. (CAETANO, 2010).

regular, sendo este um dos tantos fatores que geram dificuldades para fazer com que os filhos permaneçam nas propriedades. Os filhos por sua vez têm escolaridade mais elevada, cresceram com uma cultura diferente da dos pais e incorporaram parte do modo de vida urbana; além de não terem sido preparados para a gestão frente aos desafios da produção e mercados da atualidade e vêm poucos atrativos para continuar a profissão dos pais. (TOLEDO, 2008, p. 1).

Um exemplo a ser analisado é o do Município de Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul, que deve tornar-se referência de agricultura de precisão num curto prazo de tempo, pois está sediando o primeiro curso técnico em Agricultura de Precisão do Brasil iniciado em 2011. “Se no início do ano passado a expectativa em relação ao curso era grande, hoje a perspectiva de um futuro promissor para os alunos é cada vez mais concreta, uma vez que grande parte dos alunos já está empregada”, segundo Laner (2012, p. 13).

O curso é uma extensão do Instituto Federal Farroupilha e foi implantado em Não-Me-Toque através das secretarias de Desenvolvimento e de Educação, com o apoio das indústrias e cooperativa do município, pois a agricultura de precisão está mudando o atual cenário agrícola e a necessidade de profissionais qualificados é cada vez maior. (LANER, 2012, p. 13).

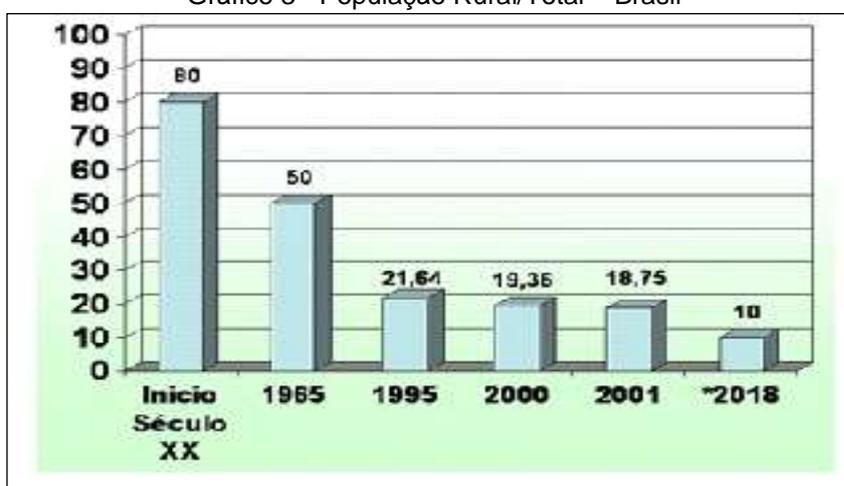
As empresas de implementos agrícolas da região vêm investindo mais em equipamentos e tecnologia de ponta e necessitam de profissionais com conhecimentos especializados nos processos da agricultura de precisão. “O aluno aprende em sala de aula e nas aulas práticas a técnica da agricultura de precisão em máquinas e também o porquê da utilização de determinada cultura e manejo”. (BARBOZA *apud* LANER, 2012, p. 15).

As tecnologias exploram a utilização de GPS e outros equipamentos, que visam otimizar a produção ao recolher dados e processá-los sobre as “condições químicas e físicas do solo” para que o produtor não gaste mais do que o necessário para preparar o solo para o plantio, para a conservação das culturas e, no momento da colheita, acompanhar todo o processo para sincronizar as máquinas colheitadeiras, a colocação dos caminhões para receber os grãos e os tratores para o novo plantio, com cálculos precisos sobre os gastos de combustível, de fertilizantes, de tempo necessário para as atividades. “Agricultura de precisão é utilizar as novas tecnologias de máquinas, juntamente com o conhecimento, para

aumentar a produtividade da área de produção” (BARBOZA *apud* LANER, 2012 , p. 16).

O fenômeno da população envelhecida e masculinizada no meio rural, somada à situação de filhos mais bem escolarizados com hábitos de vida urbana são “rupturas” da agricultura, “no tocante a ruptura demográfica, característica da metade do século XX, quando há uma rápida redução da população que se ocupa das atividades agrícolas, ao mesmo tempo em que aumenta a idade dos chefes das propriedades rurais”. (LANER, 2012 , p. 16).

Gráfico 3 - População Rural/Total – Brasil



Fonte: Toledo (2008).

O exercício profissional na agricultura familiar a ser praticado pelos jovens requer o aprendizado do futuro ofício e noções de administração, pois vai ser responsável pela gestão do patrimônio immobilizado em terras, instalações e equipamentos.

Há três etapas no processo de sucessão, quais sejam:

A sucessão do ofício profissional, que significa o preparo para a gerência do negócio e da capacidade de utilização do patrimônio para a próxima geração; a transferência legal da propriedade da terra, instalações e equipamentos existentes; e, a aposentadoria, quando diminui o trabalho e, sobretudo, o poder de mando da atual geração a gestão da propriedade. (TOLEDO, 2008, p. 1).

A continuidade da população no campo até final da década de 60 era garantida por meio da expansão agrícola de colocar os filhos como pressão moral

pela continuidade da profissão de agricultor, o que Munton, Marsden e Ward (1992 *apud* TOLEDO, 2008) denominaram “ética da continuidade”.

A agricultura familiar no Brasil foi por muito tempo negligenciada, no entanto, mediante o êxodo rural constante, se bem que em uma marcha mais lenta, nos últimos anos, surgem políticas públicas recentes criadas com o intuito de dar maior assistência a essas e outras iniciativas no campo, para assegurar uma sobrevivência com expectativas de crescimento no meio rural.

Apesar do pouco investimento que foi dispensado por muitos anos à agricultura familiar no Brasil, o Censo Agropecuário de 2006 (IBGE, 2009) mais uma vez confirmou sua importância na política de segurança alimentar do país, por abastecer o mercado interno brasileiro de alimentos e de matéria-prima. A agricultura familiar mostrou-se responsável pelo fornecimento de 87% da produção nacional de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% do milho, 40% do leite, 59% do plantel de suínos e 50% do leite. No entanto, nota-se que o Censo Agropecuário de 2006 ratificou a histórica concentração de terras no Brasil: a área média dos estabelecimentos familiares foi de 18,37 hectares, enquanto a dos não familiares foi de 309,18 hectares. Segundo Prado Júnior (1979) no recenseamento de 1950 constatou-se que 85% do total de estabelecimentos rurais eram pequenos, mas ocupavam apenas 17% da área pesquisada. A estrutura fundiária do Brasil, portanto, não mudou muito desde então, pois no Censo Agropecuário de 2006 constatou-se que 84,4% do total de estabelecimentos agropecuários eram de agricultura familiar, porém ocupavam apenas 24,3% do total de área de estabelecimentos agropecuários. (CAETANO, 2010, p. 17).

A agricultura tem demonstrado potencial, capacidade e eficiência para contribuir com o desenvolvimento sustentável do país, em várias áreas fundamentais para o crescimento: desde a produção de combustíveis renováveis a setores fundamentais ligados à alimentação.

O Brasil é um país de imensas dimensões e apresenta realidades sociais e econômicas muito diversificadas de Norte a Sul do país, apesar disso, normalmente os dados fornecidos dão uma ideia geral do que está se passando no país, por meio de instituições de pesquisas oficiais que traçam perfis da população baseados nos Censos realizados pelo Governo.

Assim, vemos que os dados do Censo Demográfico do ano 2000 do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas mostravam a existência de 14.532.780 de pessoas entre 12 e 34 anos no meio rural; sendo que cerca de 6.850.435 eram do sexo feminino e 7.682.345 do sexo masculino, mostrando, inclusive que a

juventude rural tem ampliado sua participação social bem como as responsabilidades com o sustento familiar.

Em 2007, apenas 18% dos jovens residiam no meio rural, apesar da ampliação da participação e da responsabilidade conquistada pela juventude rural recentemente. O período de 1991 a 2000 registrou, segundo o IBGE, uma redução de 26% dessa população no meio rural, justificada pelos processos migratórios, demográficos que têm transformado socialmente o Brasil nos últimos cinquenta anos.

Em 1950, a população residente em zonas rurais correspondia a 63,8% da população total brasileira. Já no ano de 2000, essa proporção havia caído para 18,8% do total da população do país. É importante perceber que, na década de 1950, o contingente que mais migrou correspondia à faixa dos 30 aos 39 anos de idade. Já nos anos 1990, ocorreu um deslocamento populacional principalmente na faixa etária de 20 a 24 anos (ABRAMOVAY; CAMARANO, 1999). Além do predomínio juvenil, outra característica importante desse movimento migratório recente é a participação feminina. As mulheres migram mais que os homens, representando 52% do total da migração jovem. De acordo com o censo de 1991, para o total do Brasil, enquanto 20,8% dos jovens do sexo masculino entre 15 e 24 anos de idade eram migrantes, para as moças dessa mesma faixa etária a proporção de migrantes era de 24,2% (BAENINGER, 1998, tab. 14, p. 46). Ou seja, conforme esses dados configura-se um predomínio juvenil e feminino no processo migratório rural-urbano. (SILVA, 2007, p. 7).

Há um fenômeno contínuo de êxodo rural no Brasil que arrebatou os jovens para a vida urbana. Desse modo, a educação com consciência ambiental pode contribuir na estagnação desse processo, motivo pelo qual é extremamente relevante estudar e aprimorar as iniciativas de educação para as novas gerações de jovens residentes no mundo rural.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Objetivando analisar a percepção dos futuros agroecólogos e comunidade em que estão inseridos os cursos técnicos em Agroecologia das ETE de São Bento do Una-PE e São José do Belmonte-PE, apresenta-se a seguir o percurso metodológico deste trabalho.

A pesquisa iniciou-se com levantamento bibliográfico para compreender os processos de formação e estruturação dos cursos em agropecuária e agroecologia e suas relações estabelecidas com o meio que estão inseridos, servindo de alicerce para definição da hipótese de trabalho.

Considerando que a essência investigativa da proposta perpassa um universo repleto de muitas similaridades e relativamente ainda muito recente para a maioria dos atores do ambiente, a pesquisa enquadra-se com naturalidade em um perfil de análise qualitativa, as ferramenta e métodos escolhidos para auxiliar no processo avaliativo foram a análise documental e análise de conteúdo, a partir de entrevistas abertas e semiestruturadas com estudantes e demais atores envolvidos no espaço de estudo.

O entendimento da aplicação de uma pesquisa qualitativa atender às peculiaridades da questão investigada corroboram com colocações de Glazier e Powell (2011) que conduzem discussão em que os dados qualitativos podem ser representados por descrições detalhadas de fenômenos, depoimentos diretos de atores sobre suas vivências, documentos citados parcialmente, registros, gravações ou transcrições de entrevistas e discursos, fornecidos detalhamento e peculiaridades com profundidade e interações entre indivíduos, grupos e organizações. Segundo Gaskell (2002) a pesquisa qualitativa permite ainda o fornecimento de elementos básicos para elaborar um desenho concreto das relações que perpassam os atores e eventos

A análise de conteúdo é uma técnica popularizada por Bardin (1977) e pode contribuir para identificação e entendimento de forma ampla e sensível na percepção e entendimento dos entrevistados, visto que, se trata de uma avaliação descritiva. Segundo Vergara (2006) a pesquisa descritiva, atende de forma mais adequada as pretensões de estudos qualitativos, que pretendem expor as características de determinada situação, caso ou teoria. Ao passo que sua aplicação permite descrever

e conhecer a realidade estudada de forma fiel aos relatos, sem riscos de interferências. Nesse sentido corroborando com a definição de análise de conteúdo relatada por Bardin (2011):

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Os dados foram submetidos as três fases fundamentais de processamento previstas por Bardin (2011), a pré-análise, exploração do material e a inferência e interpretação dos resultados. Durante a primeira fase, foi realizada a organização, definição de hipóteses, apropriação de literatura e diretrizes de investigação a serem seguidos. A transcrição de entrevistas e leitura flutuante, atendendo ao quesitos e regras de exaustividade; representatividade; homogeneidade; pertinência e exclusividade. Em seguida foram definidas e organizadas as categorias, que são responsáveis por subsidiar as questões norteadoras.

Durante a segunda fase o material foi selecionado, como unidades de codificação, a partir do recorte de agrupamento dos registros referente a cada categoria previamente elencado e em seguida classificados em blocos.

Com os dados devidamente categorizados a terceira fase do processo tem início com o tratamento dos resultados, onde as inferências e interpretações pertinentes ao processo de atender a hipótese são construídas.

A análise documental concentrou-se no confronto entre as matrizes curriculares ofertadas nas ETE de Pernambuco (Anexo A), a fim de caracterizar suas similaridades e possíveis diferenciações do ponto de vista curricular. Considerando o perfil curricular como diretriz básica para o exercício técnico-científico cotidiano dos futuros técnicos e a construção de sua identidade profissional ao longo sua formação, além de influenciar diretamente em seu possível encantamento na atuação profissional ou escolha de continuidade na carreira acadêmica.

Com o intuito de facilitar a visualização entre a similaridades e diferenciação entre o perfil técnico científico dos cursos em questão, foi elaborado uma tabela com o agrupamento e soma das cargas horárias (em horas) das disciplinas. O critério

aplicado para criar as categorias e somatória da carga horaria foi baseado na ementa e respectivos conteúdos programáticos, originando cinco categorias distintas para melhor expressar e caracterizar o perfil de cada curso.

Para obter o conjunto de dados foram realizados dois momentos de entrevista, primeiro foram aplicados, aleatoriamente, 88 questionários semiestruturados para estudantes no ato da matrícula nos cursos técnicos de agroecologia e redes de computadores da ETEGEC (Apêndice A), a fim de obter informações de forma natural e consistente, sem interferências, a respeito de seu entendimento sobre o curso técnico em agroecologia. Segundo Sellitz (1967), as pessoas sentem mais confiança e são mais livres para expressar suas opiniões a partir do questionário, levando-se em comparação uma entrevista pessoal.

Em etapa seguinte foi realizada nova rodada de entrevista, com aplicação de questionário aberto (Apêndice B), com intenção de captar maior riqueza de detalhes e aspectos relevantes a avaliação. O ambiente de formação escolar foi representado por entrevista de 12 estudantes e 4 professores, na seguinte distribuição: dois estudantes de cada ano, um professor da base técnica de recursos naturais em cada instituição, um ex-professor do curso técnico em agropecuária sediado em São Bento do Una e um representante da secretaria de educação do estado de Pernambuco. Para representar a comunidade Rural em que a escola está inserida foram entrevistados: um representante do Instituto de Pesquisa Agropecuária –IPA, instituição responsável pela assistência técnica rural do município de São Bento do Una e um representante de Associação de Produtores Rurais de São Bento do Una.

Os questionários foram anunciados aos estudantes como parte integrante da pesquisa em fevereiro e maio de 2018. A escolha de estudantes ingressantes no ato da matrícula intencionou obter a percepção dos futuros agroecólogos antes de ter contato com os conceitos e formação ofertados durante o curso. Para obter o impacto e percepções construídos pela formação propiciada durante o curso foram entrevistados estudantes do primeiro, segundo e terceiro ano de formação. A investigação concentrou-se nos pontos estruturais da pesquisa, quanto ao entendimento dos entrevistados sobre os conceitos agroecológicos, formato do processo de ensino-aprendizagem, importância e impactos do curso para a região.

A partir do processo de entrevistas os atores elencados para caracterizar o ambiente do curso e sua importância foi possível conhecer o ponto de vista de distintos pontos e representações ao passo em que a condução espontânea e descontraída permitiu um ambiente agradável e com fluidez para depoimentos autênticos. É importante ratificar que a amostragem utilizada visa exclusivamente obter dados de auxílio qualitativo, para descrever e obter um perfil estatístico representativo da percepção a luz da agroecologia e não intenciona descrever as unidades experimentais ou indivíduos como objeto isolado de estudo.

4 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A PERCEPÇÃO ACERCA DO CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA: análise dos dados das Escolas Técnicas de São Bento do Una e São José do Belmonte, Pernambuco

Neste item são apresentados os resultados e discussões provenientes da pesquisa de campo, enfatizando as percepções acerca do curso técnico em agroecologia, retomando os argumentos que apresentamos nos capítulos anteriores, e realizando algumas relações com o curso de agropecuária, visto tratar-se do curso experienciado pela sociedade nos municípios que são alvo deste estudo.

O curso técnico em agropecuária e o curso técnico em agroecologia são notadamente concatenados por atuarem no âmbito de recursos naturais e produção de alimentos. No entanto, mesmo suas similaridades sendo responsáveis por moldar sua estrutura, ambos os cursos possuem marcadamente diferenciações e identidades próprias que são evidenciadas desde os seus princípios, motivações e momento em que foram concebidos e institucionalizados como integrantes do sistema de educação nacional.

Os cursos técnicos em agropecuária antecederam os cursos de agroecologia e surgiram para atender as demandas oriundas da modernização da agricultura após a revolução verde, concebidos pelo conceito tecnicista, que se inspirava nas teorias e discussões propostas por Ralph Tyler e F Skinner.

A construção e desenvolvimento de metodologias para o ensino técnico priorizaram um perfil pontual e direcionado à práticas e manejos específicos, livre de questionamentos e problematizações, que evidenciam uma das características mais fortes dos cursos técnicos em agropecuária até os dias de hoje. As aulas práticas e de campo são claramente bem definidas e com objetivos específicos de executar os protocolos preconizados para sanar as problemáticas do sistema de produção, que estava em evidência na época em que foi concebido, contemplando principalmente a “modernização”, mecanização e aumento das produções em escala da agricultura (TOZONI-REIS, 2006).

Os primeiros passos para criação do curso técnico em agroecologia surgem com uma iniciativa dentro dos cursos técnicos em Agropecuária, que passam a dispor do enfoque agroecológico, a partir da década de 70, a fim de atender as

demandas dos movimentos sociais, com assessoria técnica direcionada, visto suas peculiaridades frente ao sistema agrícola tecnificado ao qual originalmente o curso assistia (SOUSA, 2017).

O contexto vivenciado nos anos 2000, com a intensificação das discussões e reivindicações das organizações sociais, juntamente com os pacotes de políticas públicas e o momento de despertar da sociedade civil para um consumo oriundo de produção com maior responsabilidade ambiental e sustentável impulsionaram um novo perfil de curso e entendimento pedagógico para institucionalização dos cursos em agroecologia, caracterizado pelas práticas educacionais e conceituais da Educação do Campo, arraigadas ao processo de aprendizagem imbuído de contextualização (AGUIAR, 2010).

Segundo Pinto (2012), pautadas principalmente na educação do campo e na pedagogia da alternância as metodologias e propostas pedagógicas do curso em agroecologia perpassam e confrontam aspectos importantes evidenciados pelo modelo tecnicista, pois as metodologias passam a ser centradas na valorização da formação do indivíduo, como elemento prioritário do processo e não apenas o preparo e domínio técnico do currículo, mesmo mantendo similaridades muito íntimas, como a valorização da atividade de campo, por exemplo, como evidencia Frigotto (2010, p. 17), “[...]Se busca focar o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual do trabalho produtivo, de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos.”

Diante de todas as conjunturas sociais, econômicas e políticas atuais a consolidação e definição dos cursos em agroecologia são uma demanda de importante impacto para a sociedade brasileira, em todo seu âmbito de atuação, desde a formação de pessoas, a qualificação profissional disponível para atuação, desenvolvimento de uma percepção e consciência ambiental diferenciada dentre muitos outros fatores de impactos a curto, médio e longo prazo. Esses impactos podem atuar e alcançar desde melhorias nas condições de soberania alimentar local, efeitos sobre os processos de êxodo rural até mesmo ao entendimento e afirmação de uma identidade cultural agrícola que por muitas décadas tem buscado seu espaço social, político e econômico.

Segundo, Caporal (2009) o “Brasil é provavelmente o país com maior número de cursos de agroecologia ou com enfoque agroecológico em funcionamento”, nesse sentido é importante ressaltar que não basta possuir um bom panorama em número de cursos, é preciso atentar para a vivência desses cursos e seu impacto sobre a percepção da comunidade em que está inserido, para que suas grade curricular possa ser vivenciada em sua totalidade técnica, filosófica e pedagógica e conseqüentemente possa imprimir seu papel de formação com plenitude.

Problemáticas como a resistência cultural à educação do campo, o papel dos movimentos sociais na educação, à valorização da produção oriunda da agricultura familiar e a forte concorrência do agronegócio e pacotes tecnológicos são aspectos muito presentes no cotidiano pedagógico, pois perpassam as práticas e discussões pertinentes a formação do agroecólogo, gerando uma discussão muito importante quanto a percepção e vivência dos cursos em agroecologia frente a identidade e histórico marcados pelos cursos de agropecuária. Nesse sentido o presente trabalho tem o objetivo explorar a percepção dos futuros agroecólogos e comunidades em que estão inseridos os cursos técnicos em agroecologia das ETE de São Bento do Una-PE e São José do Belmonte-PE.

4.1 Perfil curricular e social do curso de Agroecologia

A avaliação e comparação da matriz curricular dos cursos técnicos em agroecologia e em agropecuária (Anexo I) foram conduzidas em busca de identificar e caracterizar a expressão e entendimento de identidade peculiar a cada curso, no que se refere a sua formação técnico/científica. É importante ressaltar o entendimento de que a matriz curricular representa um alicerce primordial para a condução e construção do perfil e identidade de cada curso, ao passo que a atuação e papel dos professores e demais atores que constituem o ambiente escolar imprimem importante parcela no processo de ensino-aprendizagem.

A atuação direta dos atores constituintes do âmbito escolar é de suma importância para auxiliar a forjar o perfil ético, profissional e demais aspectos dos futuros tecnólogos (FREIRE, 2002). O contato humano e abordagem pedagógica

ocupam importante participação junto a execução da matriz curricular, formando um contexto pedagógico dinâmico e moldável as diretrizes de cada escola.

No Anexo A e B - onde são apresentados os perfis curriculares do curso de agropecuária e de agroecologia em estudo - é possível observar características pertinentes à proposta de formação de cada curso de forma bem distinta. Mesmo ambos pertencendo ao eixo de recursos naturais é observado que suas disciplinas são concentradas em número de aulas e conteúdos de forma expressiva e bem definida para atender a proposta descrita no perfil de formação profissional de cada curso, caracterizando sua identidade e finalidades técnicas científicas claramente.

As disciplinas direcionadas aos aspectos produtivos animal e vegetal, administração e gestão empresarial concentram maior número de horas no curso técnico em agropecuária o que representa a importância e necessidade de explorar a atividade agrária como geradora de renda do ponto de vista técnico, com aplicação de conceitos e diretrizes previamente estabelecidos e pelas demandas de mercado e histórico de atuação desse profissional. Em contrapartida o curso técnico em agroecologia possui maior concentração de carga horária em disciplinas voltadas aos recursos naturais e meio ambiente, o que enfatiza a preocupação e perfil filosófico com as questões ambientais e seus processos pelos quais passam diante do convívio com o homem.

Apresentamos a seguir uma tabela comparando os componentes curriculares dos dois cursos, enfatizando as diferenças de carga horária destinadas às diversas áreas formativas:

Tabela 3 - Concentração De Disciplinas Conforme Seu Âmbito De Atuação Dos Cursos Técnicos Em Agropecuária E Agroecologia Das Ete De Pernambuco

Categorias	Horas			Horas		
	aula do Curso			aula do Curso		
	Técnico em agropecuária			Técnico em agroecologia		
Técnicas agrárias	560			360		
ADM e gestão de empresas	320			80		
Assistência técnica	40			80		
Recursos naturais	160			520		
Recursos humanos	40			40		
Multidisciplinaridade	80			120		
<hr/>						
Total da Formação Profissional				1200		
Estágio Obrigatório				200		
				200		
				200		

Fonte: Elaboração do autor a partir dos currículos dos cursos de Técnico em Agropecuária e Técnico em Agroecologia que foram vivenciados pela sociedade nos municípios de São Bento do Una e São José do Belmonte – PE.

É importante ratificar a diferente abordagem e direcionamento que contempla ementas, quantidade de horas-aulas, base ideológica e conteúdo técnico científico vivenciado nas disciplinas dedicadas a assistência técnica em ambos os cursos. Enquanto o curso técnico em agropecuária dispõe de 40h/aulas para trabalhar assistência técnica e extensão rural, o curso técnico em agroecologia destina 80h/aulas para assistência técnica para o desenvolvimento, a estruturação das ementas contemplam e traduzem as expectativas e perfil profissional proposto para cada curso, como descrito nas respectivas ementas:

Extensão rural: origem, princípios trajetória e situação atual. Comunicação, difusão de inovações e metodologia do trabalho extensionista. Levantamento, diagnóstico e planejamento do trabalho com comunidades rurais. Extensão rural e desenvolvimento. Estudo da vocação e da demanda regional.

Ementa: Assistência técnica e extensão rural curso técnico em Agropecuária

Estudar os componentes da nova ATER a partir da legislação nacional e estadual e saber aplicar na convivência com o semiárido. Aplicar na profissão os valores que baseiam a ATER e os modelos de desenvolvimento sustentável e solidário. Estudar as formas de mobilização social e os instrumentos de gestão democrática (estatuto, conferências públicas, audiências públicas, conselhos, planos, leis, diretrizes). Fazer e desenvolver projetos com inspiração e base agroecológica

Ementa de Assistência técnica para o desenvolvimento do curso técnico em Agroecologia

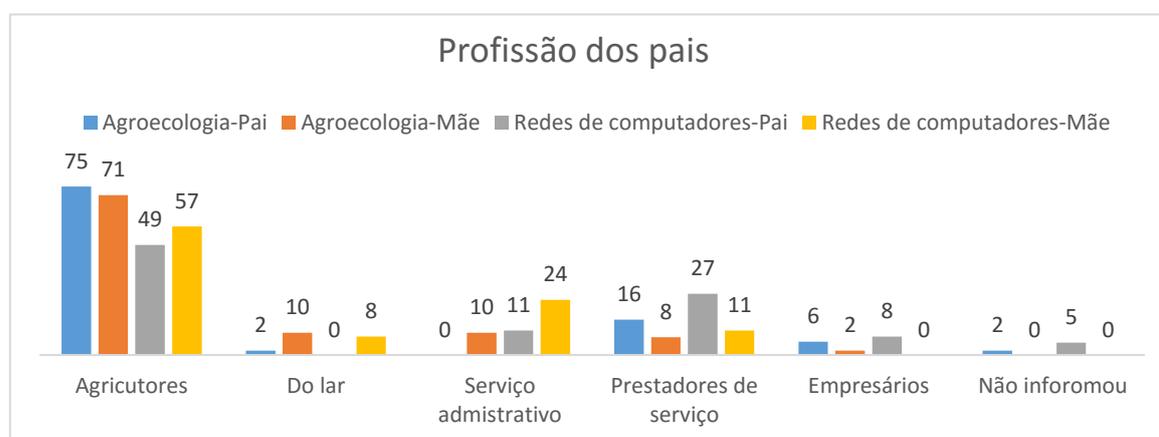
As ementas corroboram com a atuação nos distintos espaços de atuação, enquanto o tecnólogo em agropecuária prepara-se para atender, principalmente, as demandas do agronegócio e produção industrial o tecnólogo em agroecologia direciona sua formação para agricultura familiar e o desenvolvimento local. Corroborando com o que afirmam Arroyo et al (2004) podemos dizer que as propostas educacionais que contemplam o campo como espaço e objetivo de trabalhos e moldam às necessidades básicas de cada espaço histórico e cultural, sem limitação ou condicionamento exclusivo do conhecimento.

4.2 Percepções sobre o Curso Técnico de Agroecologia

Quanto ao perfil social dos discentes do Curso de Agroecologia do município de São Bento do Una, considerou-se relevante observar que a literatura aponta que as condições de meio e ambiente familiar podem exercer influência direta sobre o direcionamento profissional e as escolhas de ingresso no ensino secundário dos jovens e adolescentes (CARVALHO, 2009). Sob essa consideração foi proposto investigação do perfil familiar dos jovens ingressantes na ETE de São Bento do Una, com finalidade de traçar semelhanças entre esse perfil e a percepção criada acerca do Curso Técnico em Agroecologia e sua atuação na região. Foram entrevistados 88 estudantes, 51 matriculados no Curso Técnico em Agroecologia e 37 no Curso Técnico em Redes de Computadores na ETE de São Bento do Uma.

A proporção de área domiciliar, zona urbana/zona rural, para ambos os cursos é bastante semelhante com percentuais de 53/47% e 54/46% dos tecnólogos em Agroecologia e Redes de computadores. Nesse sentido, a área domiciliar aparentemente não demonstra estabelecer relação direta com a escolha dos candidatos aos respectivos cursos. No entanto, quando observamos a profissão exercida pelos pais dos estudantes (Gráfico 4) podemos observar diferença considerável nos percentuais dos filhos de agricultores que optaram pelo Curso de Agroecologia (71-75%) em relação aos que escolheram redes de computadores (49-57%).

Gráfico 4 - Profissão dos pais dos calouros

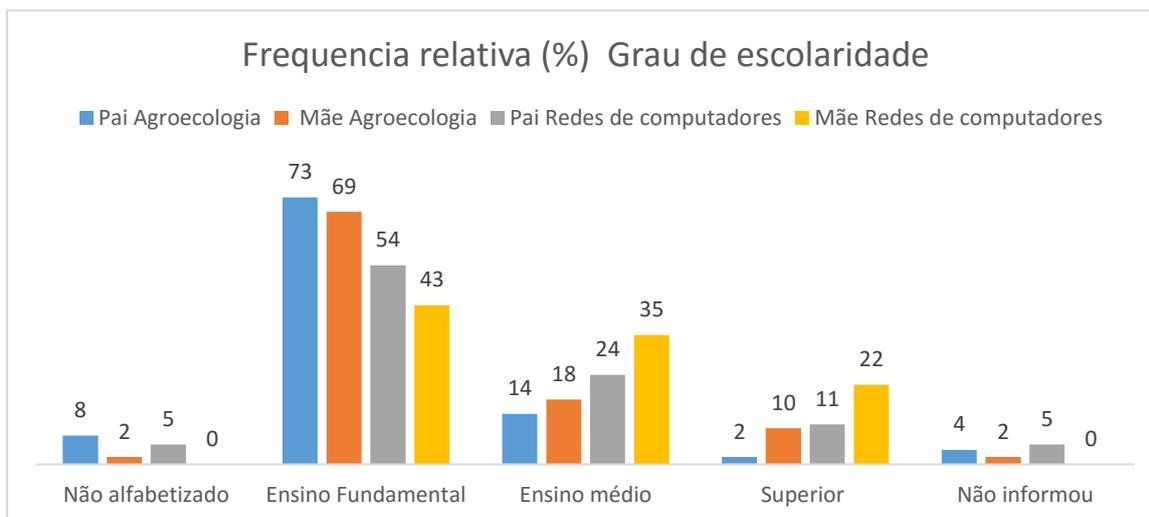


¹Do Lar/Aposentado; ²Auxiliar administrativo/Conselheiro Tutelar/Servidor Público/Professor; ³Comerciante/ caminhoneiro/ motorista/ pedreiro/ manicure /serviços gerais/ pastor/técnico em enfermagem/ agente de saúde ; ⁴Empresários/autônomos; ⁵ Não informou
Fonte: Elaboração do autor.

Para Carvalho, 2009 a influência familiar é um fator determinante nas escolhas de atuação, sendo a relação entre pais e filhos elemento mais citado e confirmado durante investigação que corrobora com as colocações de Gonçalves (2007), Pinto e Soares (2003).

O grau de escolaridade médio, dos pais dos tecnólogos, encontra-se ilustrado no Gráfico 5, onde observa-se que os pais de estudantes que escolheram o Curso Técnico em Agroecologia em comparação a Redes de Computadores apresentam maior percentual nas categorias “não alfabetizados” e “ensino fundamental”, enquanto nas categorias “ensino médio” e “superior” o comportamento se inverte.

Gráfico 5 - Frequência e distribuição do grau de escolaridade dos pais dos calouros da ETE de São Bento do Una-PE



Curso técnico em agroecologia (n=51), Curso técnico em Rede de computadores (n=37)

Fonte: Elaboração do autor.

A situação identificada corrobora com afirmações de Sakamoto (2016) quanto aos anos de escolaridade dos integrantes da família evidenciarem a possibilidade dos integrantes da família passarem a integrar outras categorias e ocupações profissionais. Essa teoria explicaria porque mesmo com proporções similares de residência em zona urbana e zona rural os filhos de pais com maior grau de escolaridade optaram com maior frequência pelo Curso de Técnico em Redes de Computadores, distanciando assim sua formação do universo agrícola.

Através das entrevistas com os calouros no ato da matrícula intencionou-se capturar a percepção dos jovens antes de ter contato com o ambiente escolar e seu grau de conhecimento quanto ao Curso Técnico em Agroecologia e suas motivações em escolher cursar a modalidade profissionalizante, com concentração em Agroecologia, visto a disponibilidade de outras modalidades de ensino médio na rede pública, bem como, outra opção de curso na própria ETE de São Bento do Una- PE.

A etapa referente a esse aspecto da investigação foi elaborada totalmente aberta, com a finalidade de proporcionar a expressão de forma livre e sem sugerir o entrevistado, para não possibilitar o sentimento de pressão quanto ao

tempo ou abordagem das respostas. Garantindo dessa forma a maior fidelidade possível ao processo investigativo e expressão dos atores envolvidos.

No entanto, mesmo com a liberdade para se expressar a maioria esmagadora dos 88 jovens se limitou a responder as questões com apenas uma expressão ou palavras chaves. Diante desse comportamento para permitir um direcionamento a discussão, as respostas foram agrupadas em categorias de forma que todas as respostas fossem contempladas.

O entendimento e conceito do Curso de Agropecuária apresentou poucas variações relevantes nos discursos capturados (Tabela 4), limitando-se de forma geral a sua atuação geográfica e processos produtivos em que está supostamente envolvido, o que caracteriza a baixa elaboração do conceito filosófico e com apropriação consistente pelos calouros.

Considerando o total de entrevistados 22% desconhece ou optou por não informar nenhum tipo de percepção quanto a entendimento sobre o conteúdo ofertado pelo curso, o que expressa uma considerável parcela. Os demais limitaram-se a associar o conteúdo ao espaço geográfico de inserção do curso, por referir-se a assuntos do espaço do campo, da natureza, como expressão ampla e vaga de um contexto genérico (38%); apenas 24% fizeram inferências as questões ambientais e ou sustentáveis, o reconhecimento da produção animal e vegetal foi contemplada em apenas 10% e sendo menos ainda associada a uma produção sustentável, com apenas 5% dos questionários.

Apesar de parte considerável das inferências fazer menção a importantes aspectos relacionados aos conteúdos e aspectos vivenciados no Curso Técnico em Agroecologia, é notável o baixo e superficial entendimentos sobre a estrutura abordada na base técnica do Curso de Agroecologia. É importante ressaltar que o mesmo comportamento foi identificado quanto a abordagem do Curso Técnico em Redes de Computadores.

No que tange ao conceito de agroecologia, considerando não apenas a popularização do termo, a identidade rural de São Bento do Una, a forte influência midiática e a globalização das tendências mundiais, esperava-se que ao menos os estudantes ingressantes no Curso Técnico em Agroecologia fariam inferências a aspectos básicos de natureza agroecológica, como por exemplo à produção de

alimentos orgânicos, à exclusão do uso de agrotóxicos, impactos ambientais, entre outros aspectos amplamente discutidos no cotidiano escolar do ensino fundamental. A ausência total de temas como esses durante a primeira etapa das entrevistas caracteriza que os calouros ingressam na ETE com desconhecimento dos conteúdos e formação profissional que a Escola oferta.

As informações prestadas com relação a motivação ou desinteresse pelos cursos técnicos disponíveis seguiram a mesma tendência de superficialidade da indagação quanto aos conteúdos oferecidos no curso. Apenas 8% dos ingressantes no Curso de Agroecologia justificaram escolha do curso por já fazer parte do ambiente do campo onde residem; os demais indicaram identificação com assuntos voltados ao meio ambiente, natureza, animais e plantas. Nenhum ingressante em agroecologia atribuiu a escolha por buscar uma formação profissional ou aplicação profissional em algum sentido, ao contrário dos estudantes ingressantes no Curso de Redes, que citaram em 30% das respostas a motivação por qualificação profissional.

Fato este que pode estar associado ao comportamento observado, em que mesmo informando renda salarial, profissão dos pais como agricultor(a), quando questionados a situação de empregabilidade dos pais, cerca de 58-90 % dos estudantes não reconheceram o exercício da profissão de agricultor(a) como uma situação de exercício profissional.

Tabela 4 - Categorização do entendimento dos calouros 2018 em relação ao curso técnico em agroecologia da ETE de São Bento do Una-PE

Conteúdo ofertado no curso		Frequência relativa (%)		
		Agroecologia	Redes de computadores	Total
Agroecologia	Espaço geográfico/campo/natureza	41	35	38
	Meio ambiente e sustentabilidade	25	22	24
	Produção agrícola	16	5	10
	Produção agrícola sustentável	6	5	5
	Não sabe explicar/não respondeu	12	32	22
Rede de computadores	Manutenção de computadores	41	51	46
	Mercado de trabalho/profissionalização	2	8	5
	Redes de computadores	2	3	2
	Sobre computadores	31	11	21
	Não sabe explicar/não respondeu	24	27	25
Motivação de escolha do curso				
	Curiosidade	10	13	11
	Identificação com a área	35	57	46
	Identificação com a área por morar na zona rural	8		4
	Identificação com a área/natureza/meio ambiente	29		15
	Identificação com a área/plantas/animais	10		5
	Influência familiar/terceiros	4		2
	Mais aplicável/mais fácil de cursar	4		2
	Curso atual/oportunidade de emprego	0	30	15
Motivo para não escolher outro curso				
	Influência familiar	2		1
	Concorrência maior	2		1
	Maior grau de dificuldade	12		6
	Não identifico	39	97	68
	Não identifico/matemática/tecnologias	27		14
	Não interessou	10		5
	Menor oportunidade de emprego		3	1
	Não soube explicar/não informou	8		4
Empregabilidade				
Agroecologia	Baixa empregabilidade	12	24	18
	Boa empregabilidade	37	3	20
	Espaço geográfico/produção alimento	22	38	30
	Relação c meio ambiente e sustentabilidade	8	3	5
	Não soube informar/não respondeu	22	32	26
Rede de computadores	Baixa empregabilidade	12	0	6
	Boa empregabilidade	25	43	34
	Empregabilidade/trabalho autônomo	12	19	15
	Espaço geográfico/computadores/tecnologias	25	27	26
	Não soube informar/não respondeu	25	11	18

Estudantes entrevistados: Curso técnico em agroecologia (n =51) Curso técnico em redes de computadores (n=37). Fonte: Elaboração do autor.

Considerando que o cotidiano escolar, juntamente com as demais experiências vivenciadas durante andamento do Curso, estes tornam-se os grandes responsáveis por imprimir e forjar a identidade dos futuros agroecólogos.

A segunda etapa de entrevista com estudantes foi realizada no período final do primeiro semestre letivo, seguinte a aplicação da primeira etapa com entrevista. No entanto, a segunda etapa caracterizou-se por entrevista aberta, gravada e posteriormente transcrita, com intuito de capturar maior riqueza de detalhes e explorar a percepção dos estudantes de forma mais apropriada. A amostragem permitiu selecionar dois estudantes de cada ano, para caracterizar o perfil e percepção dos estudantes ao longo da formação.

Os quadros que descrevem a organização do conteúdo encontram-se nos apêndices. No (Quadro 3), a seguir, é apresentado a distribuição dos temas pertinentes a primeira categoria e suas respectivas verbalizações.

Quadro 3 - Quadro matricial da categoria “Conceito de agroecologia”.

Categoria : Conceito de agroecologia, percepção estudantes	
Definição:	
Temas	Exemplos de verbalizações
Espaço geográfico	<p>E1a: <i>É uma disciplina científica e a função dela é estudar e analisar métodos sustentáveis que possam ser introduzidos no meio social e ela basicamente é envolta com essa parte ecológica.;</i></p> <p>E1b: <i>Ajuda várias coisas tipo o meio ambiente e tal e é legal o fato de aprender mais coisas, ter conhecimento com relação, assim ao meio ambiente;</i></p> <p>E1c: <i>É tipo você pegar coisas para ajudar o desenvolvimento das plantas, tipo reciclar para ajudar o planeta.</i></p> <p>E1d: <i>agroecologia é plantar.</i></p>
Relação homem com meio ambiente	<p>E2a: <i>Agroecologia é um curso que trabalha a relação do homem com o meio ambiente</i></p> <p>E2b: <i>agroecologia é uma forma sustentável de equilibrar o homem, a natureza e o meio ambiente,</i></p> <p>E2d: <i>agroecologia acho que é um meio de vida.</i></p> <p>E3d: <i>Agroecologia é você saber trabalhar de forma sustentável e econômica, sabendo interligar o meio ambiente junto com a sociedade.</i></p>
Qualidade de vida	<p>E2a: <i>garantindo seu sustento financeiro e também produzindo alimentos de boa qualidade.</i></p> <p>E3a: <i>agroecologia é tipo um método funcional que a gente pode produzir nossos próprios alimentos com boa qualidade.</i></p>
Diferença de outros modelos	<p>E2b: <i>diferente do agronegócio, que usa agrotóxico e essas coisas. É uma forma sustentável e eu gosto.</i></p> <p>E2d: <i>Porque a agricultura industrial já acabou muito. A Agroecologia vem para sanar todo um mal que a indústria fez. Pelo dinheiro tudo se vá, não!</i></p> <p>E3a: <i>E agroecologia pelo que eu sei também é um pouco diferente do agronegócio, na agroecologia tem uns pontos positivo que você não pode utilizar agrotóxicos e vai produzir alimento de boa qualidade e é isso pra mim agroecologia.</i></p>
Socializar conhecimentos	<p>E3a: <i>A gente cursando agroecologia a gente gera conhecimento para levar para os agricultores que que não sabem.</i></p> <p>E3b: <i>E que possam passar essa outra visão, de que também pode ter os alimentos saudáveis e de boa qualidade sem uso de agrotóxico.</i></p>

Processo de construção	<p>E3a: <i>Rapaz, é quando eu entrei aqui eu tive tipo uma dificuldade, eu não sabia o que era agroecologia. Acho que a maioria das pessoas que entram aqui não sabe e entra sem saber,</i></p> <p>E2c: <i>Bom, antes eu não tinha uma certa noção do que era agroecologia, pra mim era só tipo.. é ecologia, sustentabilidade, basicamente era isso. Só que no decorrer dos três anos eu fui vendo que não era só isso, que envolvia muitas outras coisas</i></p>
Impacto econômico	<p>E2d: <i>A gente visa fazer práticas que tenham a vista econômica, como ter dinheiro.</i></p> <p>E3b: <i>Em agroecologia pra mim é é uma forma das pessoas que moram na comunidade rural se alimentar e também ter a possibilidade de levar alimentos para outras pessoas de uma forma que não use agrotóxicos</i></p>
Impactos ambientais	<p>E2a : <i>sem agredir e ter um impacto agressivo ou muito agressivo com o meio ambiente.</i></p> <p>E2b: <i>é preservar o meio ambiente, é reutilizar vários materiais que hoje são jogados fora, como garrafas Pet, que podem ser muito úteis para o plantio das hortaliças.</i></p> <p>E2d: <i>Temos que usar policulturas, manejo responsável sempre visando isso. Tentar manter a ecologia, não se vender .Manter o ciclo de vida para que não se acabe</i></p>

Legenda: E = estudante; 1,2 e 3= 1º, 2º e 3º ano ensino médio curso técnico em agroecologia; a e b=Discentes de São José do Belmonte-PE; c e d= Discentes de São Bento do Una-PE

Fonte: Elaboração do autor.

Corroborando com a observação constatada na primeira etapa de entrevistas com os calouros da ETE de São Bento do Una-PE, os estudantes do primeiro ano do Curso Técnico em Agroecologia, de ambos municípios, após um semestre letivo, ainda demonstram elaboração limitada quanto aos termos de conceituação e entendimento do Curso de Agroecologia.

É possível observar sensível evolução no discurso dos estudantes (Quadro 3), como o entendimento de agroecologia como um tipo de ciência que elabora técnicas para aplicar no sistema de produção, no entanto todos os depoimentos apresentam fragmentos subjetivos e amplos que evidenciam os aspectos no âmbito dos espaços geográficos de forma isolada como simples objeto de estudo, passivo de receber técnicas e fornecer benefícios.

A falta de conhecimentos prévios quanto ao conceito de agroecologia é explicitamente evidenciada por estudantes do terceiro ano que iniciam seu discurso, com aparente incômodo, de iniciar o curso livre de apropriação do universo da agroecologia e sua dimensão. Esclarecendo o quanto foi formado seu entendimento ao logo dos estudos e a descoberta de um leque de possibilidades e informações muito além das questões ambientais, como também de estrutura política, produtiva e econômica.

Outro importante indicativo do amadurecimento do conceito é revelado quando a diferença de outros modelos se torna um comparativo autoexplicativo, sem necessidades de pausas para maiores explicações: *Porque a agricultura industrial já acabou muito. A Agroecologia vem para sanar todo um mal que a indústria fez. Pelo dinheiro tudo se vá, não!*

A medida que os entrevistados dos anos seguintes revelam seu entendimento é possível identificar a evolução do conceito, ao passo que a associação dos espaços geográficos é diretamente relacionada à atuação, direta e indireta, do homem como interlocutor do meio ambiente. Como também a promoção na qualidade de vida dos sujeitos, via uso de técnicas sustentáveis, percebendo e valorizando o impacto econômico, o impacto ambiental e a necessidade de socializar os conhecimentos como gerador de melhoria na qualidade de vida do homem do campo.

O Quadro 4 retrata a percepção dos estudantes diante da proposta pedagógica de cada escola, os temas elencados ilustram os aspectos mais relevantes narrados pelos estudantes ao descrever o cotidiano de aulas no curso. A dinâmica de aulas teóricas e práticas alternadamente é enfaticamente frisada por todos os estudantes, com o cuidado e ratificação de que as aulas teóricas são previamente bem trabalhadas e que apenas após a fixação dos conteúdos teóricos é que o exercício prático ocorre.

Quadro 4 - Quadro matricial da categoria “modelo pedagógico”

Categoria: Modelo pedagógico do curso técnico em agroecologia	
Definição:	
Temas	Exemplos de verbalizações
Dinâmica de aula	<p>E1a: <i>Os professores ele da matéria de acordo com o que ele vai dar na matéria ele organiza alguma parte prática, por exemplo visita técnica</i></p> <p>E1b: <i>Assim o professor explicar o assunto tudo certinho tal, dá o conteúdo, a gente vai lá pra horta ver as plantas, fazer algumas coisas.</i></p> <p>E1c. <i>São teóricas e são práticas também, as aulas práticas são limpando mato, plantando é essas aulas dinâmicas né.. aquilo que nós estudamos nós vamos colocar na prática.</i></p> <p>E2d <i>Mas nas outras a gente vê mais teoria. Porque a escola é muito nova e não temos essa vista tão prática. Em irrigação e drenagem, por exemplo, ainda não temos um sistema de irrigação para trabalhar.</i></p> <p>E3d <i>Nós temos aulas tanto teóricas como práticas, quando o assunto vai de acordo aí vai ter aula prática e a cada ano são diferentes matérias a cada ano vai mudando. A dinâmica os professores em geral trabalho com slides em sala depois quando a gente aprende o assunto aí vamos pra prática.</i></p>
Atividades diferenciadas	<p>E2a: <i>Nós temos uma parte teórica, muito bem trabalhada e uma dinâmica e uma parte prática excelente também, que nós reunimos o que nós aprendemos na teoria e passando a trabalhar diretamente com o campo, com a nossa área no desenvolvimento dos nossos projetos integradores.</i></p> <p>E2b <i>Então é assim a gente tem algumas viagens, as viagens de conhecimento na área de alguma matéria e o professor explica muito bem... é isso.</i></p> <p>E3a <i>Geralmente quando ele nos da os ensinamentos teóricos dele ele passa um mês, você manda assim como seminário. Quando a gente já aprende um pouco mais com os seminários depois ele faz as práticas gente aprende mais tudo que ele ensina na teoria</i></p> <p>E3b <i>Mas cada turma tem o seu projeto de PI que é onde a gente desenvolve mais aulas práticas mesmo. Mas é cada equipe com seu trabalho, com seu projeto integrador e cada um é um tema diferente. Aí a gente faz em cada um em uma comunidade rural aqui de São José do Belmonte.</i></p>

Postura professor	<p>II</p> <p>E1a: <i>Vai depender do assunto, "se der" pro professor realizar uma parte prática ele realiza se não a gente fica na teórica e ele tenta "ao máximo" explicar a gente e ensinar..</i></p> <p>E2c <i>São boas, algumas assim... Em todas elas, os professores "realmente passam aquilo que sabem" e o que pretendem fazer em campo.</i></p>

Legenda: E = estudante; 1,2 e 3= 1º, 2º e 3º ano ensino médio curso técnico em agroecologia; a e b=Discentes de São José do Belmonte-PE; c e d= Discentes de São Bento do Una-PE

Fonte: Elaboração do autor.

A importância da aula prática é historicamente discutida no cenário da educação em especial para os cursos técnicos, considerando a postura reprodutiva e tecnicista que os primeiros cursos adotaram no Brasil. No entanto a discriminação dos temas destacados caracteriza bem a identidade e proposta pedagógica do curso que vivencia em plenitude os objetivos metodológicos de trabalho ativo, ao passo que os estudantes reconhecem e relacionam os aspectos teóricos vistos anteriormente a seus novos conhecimentos práticos, como um objetivo da proposta do professor. Reforçam o entendimento de Neves (2010) ao destacar a aula de campo como importante impulsionador na construção do caráter pesquisador, investigativo, promovendo influência direta na percepção do contexto social em que o estudante começa a desenvolver entendimento e ciência.

Reconhecer o ato de executar seminários antes da aula prática ou visita técnica e produzir o relatório posteriormente indicam o entendimento de processo didático, do ponto de vista do estudante. Ao passo que quando as vivências acontecem com a aplicação prática e exercício de observação em consonância é possível a incorporação dos conceitos teóricos e princípios da agroecologia de forma arraigada a identidade do discente.

Segundo Viveiro e Diniz (2009), esses momentos podem ser responsáveis pelo estabelecimento de afeto e confiança entre discentes e docentes, o que pode levar a um aspecto muito sutil e de suma importância para o processo de aprendizagem. A partir da aproximação também ocorre o reconhecimento do esforço e dedicação do

professor como profissional dedicado a construir junto com os discentes. Suas expressões caracterizam sentimento de que as propostas pedagógicas são conduzidas dentro dos limites possíveis e da melhor forma, esgotando as possibilidades.

A realização dessa dinâmica de aulas bem como as atividades diferenciadas como as visitas técnicas e os projetos de PI (Projeto Integrador), uma espécie de trabalho de conclusão de curso que os estudantes constroem ao longo do ano fazendo um elo com todas as disciplinas da base técnica e propondo a solução ou minimização de um problema usando os conhecimentos das disciplinas estudadas. Isso caracteriza uma postura construtivista capaz de problematizar os conteúdos teóricos. De maneira muito pertinente ao processo de aprendizagem, pois como descreve Carbonell (2002) o ambiente externo a escola pode possibilitar momentos muito estimulantes para os discentes, instigando e condicionando a mente aos processos cognitivos, e conseqüentemente potencializando a capacidade de aprendizagem.

É possível descrever o contexto pedagógico criado nas escolas citadas como importante promotor na identidade e associação dos conceitos agroecológico.

O entendimento dos principais desafios vivenciados no curso e sua atuação no ambiente em que está inserido são caracterizados pelas verbalizações extraídas das entrevistas no (Quadro 5). Os processos e aspectos apontados e percebidos no âmbito de funcionamento do curso e sua atuação a curto, médio e longo prazo, são inferências individuais que representam, na maioria dos casos, o entendimento coletivo, como várias vezes citado ao longo das verbalizações, “*é uma dificuldade de muita gente*”, “*Para muitos dos envolvidos*” como e pelo curso.

A categoria “desafios” engloba um misto de temáticas acerca do curso e suas relações, que vão desde limitações e potencialidades estruturais (físicas, econômica e políticas) até mesmo aos conceitos e expectativas culturais, emocionais de natureza humana. A exemplo o desafio de novas experiências que caracterizam desde a limitação de se criar um espaço com recursos políticos e investimentos financeiros a contento para executar e praticar os princípios agroecológicos, até a rotina de novas ideias e disciplinas, a ideia de praticar novos conceitos e conhecimentos desperta o sentimento desafiador.

As novas experiências e necessidade de criar estratégias de convívio e solução para novas situações caracteriza um importante passo nos processos de

aprendizagem, tornando-se dessa forma como elemento positivo no processo de consolidação de identidade.

A indicação de deficiência na estrutura física do espaço escolar, para execução de aulas práticas, demonstra o interesse e necessidade da comunidade escolar em extrapolar a rotina de aula teóricas e exercitar os conteúdos de forma aplicada, como complemento do processo de aprendizagem.

As verbalizações referentes às condições de emprego demonstram entendimento da necessidade de mais oportunidades tanto para o estudante estagiar como também ingressar no mercado de trabalho. A percepção de profissões com características urbanas deterem maior espaço no mercado de trabalho corrobora com o comportamento apontado na primeira fase das entrevistas que os estudantes não associam a profissão dos pais de agricultores como uma atividade vinculada a emprego. A ideia de que o trabalho relacionado ao universo do campo não detém potencial profissionalizante, parece ser um conceito arraigado a sociedade de forma geral.

Essa perspectiva tem associação direta com as percepções e indagações quanto aos preconceitos estabelecidos, tanto dentro do curso, como também de forma disseminada na comunidade em volta. Aparentemente a falta de conhecimento sobre os conceitos e atuações da agroecologia enquanto ciência e profissão servem de alicerce para a construção de conceitos pejorativos, historicamente arraigados ao senso comum.

Quadro 5 - Quadro matricial da categoria “Desafio do curso”

Categoria: Desafios do curso técnico em agroecologia	
Definição:	
Temas	Exemplos de verbalizações
Novas experiências	<p><i>E1a: Acho que a dificuldade de todo mundo é com relação a disciplina de projeto integrador. Todo mundo tem muita dificuldade, porque é tipo nível universitário é um trabalho que “a gente nunca fez” e não tem tanto conhecimento.</i></p> <p><i>E1c: Acho que a dificuldade... não sei ainda porque é novo ainda, acho que é tipo assim não me adaptei ainda.</i></p> <p><i>E3c: No primeiro ano eu não senti dificuldade, por que era tão bom. Por que a gente foi mudando de matéria, aí quando a gente vai se acostumando, quando a gente pega intimidade com certas matérias, aí vai muda de matéria.</i></p> <p><i>EP2: Ai você vem para São Bento do una onde você observar que não tem uma base política para se trabalhar Agroecologia. Estamos trabalhando Agroecologia basicamente um pouco isolado na escola, ainda.</i></p>

Estruturas físicas	<p><i>E2d: Mas o que está faltando mesmo é nosso laboratório, a gente não tem um laboratório de Agroecologia, para se manter, para fazer experiências, com plantas medicinais por exemplo, é esse quesito.</i></p> <p><i>EP2: Outra coisa que pode atrapalhar um pouco e atrapalha muito, por experiências outras, é nós não termos um Laboratório vivo na região e na escola, para executar a prática que é vivenciada nas sala de aula na teoria.</i></p> <p><i>EP1: E eles passam a semana assistindo aula de segunda à sexta, entra de manhã e só sai de tarde. E não tem como a gente desenvolver esses projetos que envolvem o universo das comunidades a gente só consegue no final de semana e toda vez que a gente vai pra comunidade é tudo com recursos próprios cada professor que vai, vai no seu carro levar os alunos, buscar alunos com seu combustível... Enfim material de pesquisar, tem que comprar.</i></p>
Comparação cursos	<p><i>E2d: A gente sofre um pouco nessa perda, em relação ao outro curso tem, eles têm três laboratórios e a gente mal tem um, que ainda falta alguns objetos para poder fazer os trabalhos adequados.</i></p> <p><i>EP2: Eu acho que a principal dificuldade é quando você as vezes se depara com alunos que chegam a fazer agroecologia achando que é um curso de agropecuária ou um Curso agrícola.</i></p> <p><i>EP3: O conceito de Agroecologia é novo de 85 pra cá. Mas eles estudam tudo isso aí, suinocultura. Zootecnia mas com um olhar diferente, de produzir e tirar o melhor sem degradar o solo. Uma cadeia com uma consciência melhor, mas pelo nome a própria palavra, ecologia, a gente percebe uma discriminação, á mas não vai ter produção? Aquele negócio que não vai ter dinheiro, mas muito pelo contrário, a gente ver essa forma de aproveitar bem.</i></p>
Empregabilidade	<p><i>E2a: É uma área que sempre vai continuar crescendo porque de certa forma não têm interesse da maioria da população por essa área.</i></p> <p><i>EP2: Os cursos de enfermagem e dos demais cursos têm um mercado de trabalho diferente. Então aquela velha história que eu falo que a gente te de discutir em sala: vocês não estão pra fazer agroecologia para buscar trabalho, mas que pra vocês possa desenvolver suas atividades produtivas e sustentáveis.</i></p> <p><i>E1d: Eu queria ter feito redes porque acho que aqui em São Bento agroecologia é fraca, eu tenho essa mentalidade né, porque redes aqui eu acho que tem mais chance de você arrumar um emprego, aqui ninguém investe em agroecologia investe mais na avicultura... porque aqui é sertão não chove diariamente.</i></p> <p><i>E1d: Para região também seria muito interessante esses estágios para mostrar os cursos pra mostrar escola seria interessante também para o comércio para ceder mão-de-obra e os alunos recebem a experiências</i></p>
Preconceitos	<p><i>E2b: Nós precisava de mais valorização, apesar de aqui se a região que mais precisa é a região que mais tem preconceito pra essa área, porque no começo do ano passado a gente sofreu preconceito na rua e até mesmo aqui na escola, os alunos dos outros cursos falavam que a gente trabalhava na roça.</i></p> <p><i>EP1: Um dos carros chefes aqui do município é a produção de tomates e tomate se usa muito desses defensivos, desses agrotóxicos Muitas vezes ele já vem crescendo neste ambiente de produção. Então quando eles conseguem ver que que é possível plantar sem estar colocando esses agrotóxicos nas plantas eles nem acreditam.</i></p> <p><i>EP1: Eu acredito que seja por conta do trauma, digamos assim, por conta que o trabalho rural é muito árduo é muito duro. E assim eles crescendo vendo os pais, os avós lidando naquilo todos os dias como é que eu vou ganhar dinheiro e vou estudar uma coisa que eu já cresci vendo isso e eu sei que é tão difícil tão sofrido? Então eu acho que é mais por conta disso.</i></p> <p><i>EP2: Os alunos muitas vezes, alguns se identificam com o curso e vão trabalhar. Mas dá pra se perceber que ainda existe uma resistência diante da família, de alguns parentes e da própria comunidade em torno.</i></p> <p><i>EP2: É percepção que muitas pessoas não compreendem o que é agroecologia. A você está fazendo agroecologia para trabalhar na roça...</i></p> <p><i>E2a: Eu ia escolher o curso de informática. Minha mãe me obrigou a vir fazer aqui este curso só que quando eu cheguei pra estudar e comecei a trabalhar o curso, ver</i></p>

	<i>a teoria e a prática, eu sinceramente me apaixonei pelo curso, eu não conhecia.</i>
--	--

Legenda: EP1=Docente de São José do Belmonte; EP2= Docente de São Bento do Una;EP3=ex-professor curso técnico em agropecuária de São Bento do Una- PE; E = estudante; 1,2 e 3= 1º, 2º e 3º ano ensino médio curso técnico em agroecologia; a e b=Discentes de São José do Belmonte-PE; c e d= Discentes de São Bento do Una-PE

Fonte: Elaboração do autor.

As percepções acerca da importância do Curso Técnico em Agroecologia, nos municípios de São José do Belmonte e São Bento do Una, são majoritariamente positivas e associadas a ideia de melhorias, independente da escala de aplicação: se em termos pessoais ou coletivos; curto ou longo prazo; cultural ou produtivo; político ou econômico. Em geral as verbalizações são conduzidas em um discurso de ganho e acréscimo de forma positiva, conforme pode ser visto no Quadro 6, a seguir.

Quadro 6 - Quadro matricial da categoria "Importância do curso "

Categoria: Importância do curso do curso técnico em agroecologia	
Definição:	
Temas	Exemplos de verbalizações
Localização geográfica/economia	<p>E1a: <i>Eu acho muito importante, porque tipo aqui é uma região em que a área urbana é muito menor do que a área rural. Seria mais interessante o curso de agroecologia como é uma zona rural. Inclusive eu acho que seria muito interessante também ter estágios técnicos seria muito interessante. Inclusive está tendo a comemoração dos 10 anos e a gente deu essa ideia.</i></p> <p>E2c: <i>Porque a gente está numa região seca e aí os professores mostram que a gente também pode mudar isso, a gente pode fazer plantações até mesmo em nossas casas. A gente pode pegar uma área e plantar algo.</i></p> <p>E2c: <i>Por que São Bento é uma região agrônoma (agrícola) então a gente precisa aprender a manejar, pra poder se integrar e poder melhorar digamos assim.</i></p> <p>E3d: <i>Muito importante, como a região é semiárido a gente vê muita tecnologia para ajudar a conviver com a seca, conviver com semiárido mesmo.</i></p> <p>EP1: <i>A região aqui ela tem uma aptidão muito boa agrícola, ela tem uma aptidão boa tanto em solo como tem água.</i></p> <p>ERA: <i>E demais, acredito que seja um dos mais. Pena que poucos conhecem e poucos, os que conhecem a maioria não bota em prática. É um dos cursos principalmente pra nossa região que vive disso. E tem pouco conhecimento.</i></p> <p>EP2: <i>Agroecologia se pensa muito na produção de hortaliças e ai nós temos essa grande dificuldade na nossa Região que é a questão hídrica. E a Agroecologia não fica apenas na produção de hortaliças, horticultura, granjeira, tem as outras linhas que tem de ser trabalhada, a questão ambiental, a questão de segurança hídrica e a questão da segurança alimentar. Como melhorar a qualidade das águas que nós temos ?</i></p>

Formação pessoal/profissional	<p>E1a: <i>Eu queria seguir a área de engenharia agrônômica. porque eu gosto muito da área acho muito interessante eu gosto muito dessa parte natural, que mexe com planta com animal e tudo mais.</i></p> <p>E2a: <i>Carreira de agronomia. Por conta de que é uma área que eu já andei pesquisando é uma área referente ao cenário nacional, é uma área que vai continuar crescendo e vai ter sempre mercado para essa área.</i></p> <p>E3a: <i>Bem aqui dentro a gente até agora aprendeu alguns métodos que eu sei que muitos aí fora não tem oportunidade de cursar, um curso desse... técnico a maioria dos agricultores aí fora não sabe os métodos que a gente sabe aqui.</i></p> <p>E3a: <i>Quero cursar engenharia agrônoma. fui conhecendo as áreas bem que tem dentro da agroecologia e fui estendendo cada vez mais o meu conhecimento e o meu gostar foi aumentando e assim que eu fui pesquisando algumas áreas universitárias e foi assim que eu gostei.</i></p> <p>E3b: <i>Eu converso muito com o professor. Até então eu não sabia o que eu ia fazer, se eu ia fazer faculdade ou não e desde que surgiu a matéria topografia que eu me Aí eu fui me aprofundando mais. E agora eu sei que eu quero estudar engenharia agrônômica.</i></p> <p>E3d: <i>Seguir carreira universitária em agronomia, algo que seja ligado a plantas, o curso teve sim muita, muita! influência na decisão.</i></p> <p>EEI: <i>Não só aqueles alunos que vão trabalhar fora, mas também aqueles que vão aplicar dentro da propriedade. Aquele aluno quando aprende ele vai levar pra propriedade do pai, às vezes aquele pai trava um pouquinho mas depois vai cedendo e deixando.</i></p> <p>EP3: <i>O conceito de Agroecologia é novo de 85 pra cá. Mas eles estudam tudo isso aí, suinocultura. Zootecnia mas com um olhar diferente, de produzir e tirar o melhor sem degradar o solo. Uma cadeia com uma consciência melhor, mas pelo nome a própria palavra, ecologia, a gente percebe uma discriminação, á mas não vai ter produção? Aquele negócio que não vai ter dinheiro, mas muito pelo contrário, a gente ver essa forma de aproveitar bem.</i></p>
Identidade ecológica	<p>E1c: <i>Tem muitas coisas que precisa melhorar na cidade, o processo de reciclagem, já tem que o pessoal cata latas para reciclar.</i></p> <p>E1a: <i>Mas só que eles estão esquecendo que o administrador é importante, mas o técnico em agroecologia ele vai renovar se não tiver o técnico pra ajudar na produção e que nós estamos enfrentando cenário tanto climático como climático adverso no nosso país mas principalmente na nossa região sem nós daqui uns anos vai ser quase impossível de se produzir.</i></p> <p>E2a: <i>O curso aqui pra região é excelente, porque ele vai trabalhar uma coisa que a maioria dos agricultores nunca pensaram que poderia existir, produzir uma forma que ele possa ter um rendimento maior, de uma de uma forma sustentável sem estar precisando tanto de insumos que só agride o meio ambiente e a qualidade de vida da população, tanto de quem produz como de quem consome aquele alimento.</i></p> <p>E3b: <i>Aqui de frente a escola, o vizinho aqui do lado da escola e quase toda semana é uma plantação diferente por que ele usa muito, muito agrotóxico e a plantação dele é enorme. E a gente olha assim e ver que aquilo ali “não é certo”, usando aquele tanto de agrotóxico e é um produto que é até pra gente mesmo que vai consumir. Então depois que a gente conheceu esse curso é como se você até tivesse nojo daquilo, daqueles alimentos que usar agrotóxico entendeu?</i></p> <p>EP3: <i>Com certeza, o pensamento hoje é esse. Toda propriedade tem que ter pelo menos 20% de sua área formada por caatinga fechada, com árvore da região. E hoje a mentalidade, não só do pessoal daqui de São Bento mas de outros municípios é de que ele nem quer deixar essa área nativa, os 20%. Quando o aluno faz essa parte da agroecologia ele já tem uma consciência</i></p>

		<i>ecológica fantástica.</i>
Papel social		<p>E2a: <i>Se o agricultor não for produzir alimento a gente não come né?... Já imaginou o agricultor de greve? - É já pensou, e agora se todo mundo parar de plantar a gente vai comprar comida na farmácia. E esse Feedback eu conversava com você muita gente ainda tem muito preconceito não é isso.</i></p> <p>EP1: <i>Sendo que, essa forma de produção agroecológica foi boa para se mudar o pensamento dessa prática de produção agrícola que já se tinha na região implantada de muitos anos de produção convencional e pensar justamente nesse modo de produção sustentável, já pensando no que virar para frente</i></p> <p>EP2: <i>Porque ainda estamos naquele papel de formiguinha de formar cidadãos primeiramente, que eu sempre falo na sala de aula: vocês não estão aqui estudando Agroecologia para sair apenas com o curso técnico, mas como pessoas que vão conseguir desenvolver a Agroecologia em todos os âmbitos e locais. Não adianta vocês estarem aqui pensando apenas no profissional, primeiramente na formação pessoal e aí desenvolver a Agroecologia em qualquer espaço que vocês escolherem e poderem trabalhar..</i></p> <p>EEl: <i>Muito importante principalmente quando atinge o público que está no campo, filhos de agricultores, a intenção é também diminuir o êxodo rural, para que eles apliquem isso em suas propriedades.</i></p>
Perspectivas de futuro	de	<p>EP1: <i>Porque se continuar plantando desse jeito produzindo alimento do jeito que está (agrotóxico) onde é que a gente vai parar? Será que daqui algum tempo a água que a gente tem disponível aqui no subsolo vai dar a mesma qualidade do que a gente ainda tem hoje? Se a gente continuar produzindo de modo convencional ? É isso que eu jogo pra eles, os alunos. E aí esse também um dos motivos do curso vim pra cá, a gente não está pensando hoje, a gente está pensando no amanhã, no que vai vim agora aí pra frente.</i></p> <p>EP1: <i>Eu sempre digo que a agroecologia está dando os primeiros passos agora. Agroecologia vai ser no foco mesmo daqui uns 10 anos na frente, eu creio que vai ter um mercado de trabalho, tanto a abertura para a produção no no campo. Pq nos temos que ver o seguinte a Agroecologia ela não é só pensada na questão de mercado de trabalho, mas também é desenvolvimentos social, ambiental e econômico das propriedades rurais.</i></p> <p>E3d: <i>Eu sinto muita falta disso aqui na nossa região. Por que os professores da gente mesmo eles não se formaram aqui, para fazer esse curso, (agora não, mais, depois da escola) precisava sair daqui pra se formar. Ainda tem poucos profissionais formados e capacitados. Eu acho que depois da formação da gente vai ser muito bom pra região da gente. Por que vai conhecer mais de Agroecologia, vai ver que não envolve só sustentabilidade e essas coisas, vai ser bom.</i></p> <p>EEl: <i>Agente precisa segurar mais as pessoas no campo, o êxodo rural está grande, por conta da violência, condições de trabalho, cada vez mais pior. Então formando alunos daqui a tendência é também segurar mais gente no campo e investir mais em sua propriedade.</i></p>
Relação com a		EP1: <i>Então eles vêm com bons olhos. Quando a gente vai desenvolver algum projeto integrador, por exemplo, nas comunidades rurais, que muitos de</i>

comunidade	<p><i>nossos projetos são desenvolvidos nessas comunidades, então eles recebem a gente muito bem e vez ou outra eles nos procuram para que a gente, de certa forma, de algum tipo de assistência para determinadas situações que vem a acontecer na produção deles.</i></p> <p>EP1: <i>Ficam curiosos pra saber como é que os filhos deles podem vir estudar aqui, perguntam se a escola é paga, se é pública ou seja eles quando percebem que tem um curso desses na cidade eles ficam com interesse em tentar buscar algum conhecimento aqui na escola. E assim como ficam querendo colocar os filhos e os parentes pra vir estudar aqui, para replicar às ideias nas comunidades.</i></p> <p>E1a: <i>É muita gente ainda tem muito preconceito com essa área, por exemplo eu saio aqui da escola eu vou fazer uma compra de algum material para montar o P.I e chego em uma loja e as pessoas olham o símbolo da minha escola, tanto quanto do curso. Percebemos que na sociedade Belmontense não deixa de lado, porque ostentar esse brasão aqui e o do nosso curso também(bate no brasão da estampado na camisa, em sinal de orgulho) a gente percebe a desvalorização da população, eles tipo não aceita e acha que é uma área a toa e fica pensando lá esse menino podia estar fazendo administração</i></p> <p>EP1: <i>Então assim aqui pra nossa região é até um desafio a gente trabalhar com agroecologia, porque vai estar trabalhando com o mínimo de impacto possível ao meio ambiente e ir tentando produzir alimentos, alimentos esses saudáveis. e mantendo sempre a questão do mínimo de impacto possível para a natureza e o meio ambiente..</i></p>
------------	--

. Legenda: EP1=Docente de São José do Belmonte; EP2= Docente de São Bento do Una; EP3=Ex-professor curso téc. em agropecuária de São Bento do Una- PE; EEI= extensionista do IPA de São Bento do Una-PE; ERA=representante associação rural de São Bento do Una-PE E= estudante; 1,2 e 3= 1º a 3º ano ensino médio curso téc. em agroecologia; a e b=Discentes de São José do Belmonte-PE; c e d= Discentes de São Bento do Una-PE. Fonte: Elaboração do autor.

O reconhecimento da consonância entre a proposta do curso e as características geográficas, ambientais, culturais e econômicas da região demonstram associação do entendimento da atuação da agroecologia de modo produtivo e transformador do meio, como ponto de confiança de ação transformadora ao mesmo tempo que identificamos a percepção de carência no que tange a assistência e atuação profissional específica para o desenvolvimento rural local.

O entendimento que a formação de profissionais aptos a empregar melhorias ao sistema de produção é construído simultaneamente ao desenvolvimento de perspectivas de continuidade de formação acadêmica para alguns estudantes que se identificam com as problemáticas do campo e as filosofias e identidades sustentável que lhes foram apresentadas ao longo da sua formação técnica profissionalizante

O desenvolvimento agrícola, através da Agroecologia, manterá mais opções culturais e biológicas para o futuro e produzirá menor deterioração cultural, biológica e ambiental que os enfoques das ciências convencionais por si sós (CAPORAL, 2009, p.91).

A construção da identidade ecológica é claramente identificada na verbalização dos estudantes, que demonstram além da apropriação dos conceitos e sua importância, a aplicação prática de suas ideologias. As inferências feitas sobre a relação entre a comunidade escolar e a comunidade local demonstram que a atuação das práticas pedagógicas tem imprimido e exercitado o princípio da agroecologia de fornecer assistência à comunidade do campo integrada e com diminuição dos impactos ambientais causados pelos sistemas de produção convencionais. Atingindo uma atuação mais ampla, superando a expectativa de simplesmente implantar um processo de transição agroecológica ao substituir o sistema convencional por técnicas mais sustentáveis, mas principalmente estabelecendo uma relação de confiança e processos complexos, integrados e transformadores.

A evidência das práticas agroecológicas protagonizada pelas ETE de São José do Belmonte e São Bento do Una-PE caracterizam os esforços da proposta do curso em manter uma atuação fiel à filosofia da agroecologia, em atendimento às demandas sociais dos pequenos produtores em sistemas de produção de forma o mais sustentável possível.

A interação dos atores locais no desenvolvimento das práticas, indicam a intenção de valorização dos atores de forma construtivista, para que o sentimento de pertencimento possa proporcionar o sucesso das práticas.

A falta de identificação e reconhecimento de práticas agroecológicas na região por parte dos representantes da extensão rural e associação de produtores de São Bento do Una revela-se um importante indicativo de dois pontos-chaves de suma importância para a condução do curso e suas propostas de formação. Inicialmente a carência de atuação de profissionais nos ambientes produtivos e de organização social, que conseqüentemente indica um espaço mercadológico promissor e com espaço de atuação tanto do ponto de vista de profissionais formados como também para estágios e desenvolvimento de projetos pedagógicos, conforme evidencia o Quadro 7, a seguir.

Quadro 7- Quadro matricial da categoria “práticas agroecológicas”

Categoria: modelo pedagógico do curso técnico em práticas agroecológicas	
Definição:	
Temas	Exemplos de verbalizações
Pro dução	<p>E3b: <i>Mas cada turma tem o seu projeto de PI, cada um é um tema diferente. Aí a gente faz em cada um em uma comunidade rural aqui de São José do Belmonte. Tem meninos, por exemplo que do lado da sua casa tem uma tarefinha de roça e aí eles já fazem um PI ali. Faz uma plantação lá e tenta vender pra rua, sem o uso de agrotóxico ou dividi com os vizinhos e é assim, faz visitas.</i></p> <p>EP1: <i>Tem uma que está em andamento a mais tempo, na verdade são duas uma que é uma implantação de um SAF (sistema agroflorestal) que está sendo desenvolvido por um grupo de alunos do terceiro ano que acontece uma comunidade aqui perto da escola.</i></p> <p>EP1: <i>Uma recuperação da mata ciliar em uma comunidade rural de um grande riacho, que também está em andamento. Eles já conseguiram produzir mudas, a comunidade também abraçou a causa e já conseguiram produzir as mudanças e começaram a introduzir as mudas.</i></p> <p>EP1: <i>Uma comunidade só de mulheres, que eles estão trabalhando com elas também. Que é justamente para tentar implantar as práticas agroecológicas nessa comunidade, que elas tentam praticar, mas quando elas sentem alguma dificuldade que elas sentem, por exemplo, ataque de pragas e doenças elas vão acabar fazendo modo convencional.</i></p> <p>EEl: <i>Não, na nossa região não têm. Algumas pessoas que tentam evitar o uso de agrotóxicos, que usam coisas naturais. Mas o trabalho aqui ainda precisa ser intensificado. Por aqui a gente não trabalha muito com hortas, não é? Na parte de gado também. Mas por ser caatinga a gente tem essa dificuldade, e por ser um lugar seco também no que dificulta e torna mais seco ainda é a falta de práticas Agroecológicas. Não tem, que eu trabalhe aqui não tem nenhum.</i></p> <p>ERA: <i>Eu conheço, aqui na nossa região eu acho que tem uns dois. Mas não segue a risca como deveria, acho que por falta de informação, mas tenta.</i></p> <p><i>Eu conheço muitos em outras regiões, já conheci em algumas palestras, reuniões. E a gente sempre ver que em outras regiões se usa mais. Não sei se é falta de conhecimento ou aquela famosa, o desconhecido muita gente tem medo de fazer e não dar certo</i></p>
Ped agógica	<p>EP2: <i>Dentro da própria escola temos o desenvolvimento dos alunos nas FETECS com a construção de tecnologias, uma prática exitosa que eu acho que é o papel da escola</i></p> <p>EP2: <i>Uma prática exitosa foi quando usamos o pessoal de agroecologia do subsequente para construir tecnologia em uma área de assentamento. Quando eles puderam levar o conhecimento adquirido deles para um assentamento do movimento de reforma agrária. A tecnologia está se utilizando.</i></p>

. EP1=Docente de São José do Belmonte; EP2= Docente de São Bento do Una; EP3=Ex-professor curso téc. em agropecuária de São Bento do Una- PE; EEI= extensionista do IPA de São Bento do Una-PE; ERA=representante associação rural de São Bento do Una-PE; E= estudante; 1,2 e 3= 1º a 3º ano ensino médio curso téc. em agroecologia; a e b=Discentes de São José do Belmonte-PE; c e d= Discentes de São Bento do Una-PE.

Fonte: Elaboração do autor.

Considerando o histórico, potencial produtivo e econômico do município de São Bento do Una-PE com relação a exploração agrícola e pecuária, o município dispunha de um o Curso Técnico de Agropecuária que funcionou até o ano de 2002 em escola pertencente à rede municipal. Contudo com a reformulação e reestruturação dos modelos de ensino a escola perdeu a habilitação para continuar ofertando o referido curso, e se passaram 14 anos sem oferta de cursos técnicos na área de recursos naturais no município, até a inauguração da ETE em 2015 e a posterior oferta do Curso Técnico em Agroecologia em 2016 na modalidade de médio integrado.

No Quadro 8 encontra-se as verbalizações de entrevista frente esta situação. Foi investigado o entendimento e a percepção dos representantes da comunidade atendida por este segmento profissional, no que tange ao perfil do profissional, as possíveis diferenciações do perfil do técnico em agroecologia.

Quadro 8 - Quadro matricial da categoria “Curso técnico em agroecologia X Curso técnico em agropecuária”

Categoria: modelo pedagógico do curso técnico em agroecologia x agropecuária	
Definição:	
Temas	Exemplos de verbalizações
Atuação técnicos	<p>ERA: <i>Conheço sim (Técnico em agroecologia), eles transmitem o que eles conhecem e eles lutam mesmo, eles defendem. Eu admiro bastante, eu conheço umas duas pessoas que fizeram o curso no SERTA e conheço um Professor do SERTA também. Eu admiro!. O técnico em agroecologia ele defende mais do que o técnico em Agropecuária. É diferente e ele transmite isso pras pessoas. E eles tentam ensinar também o pouquinho que eles sabem. Eu acho isso, tem isso de diferente.</i></p> <p>EEl: <i>Dentro do IPA, dentro de minha regional tem alguns técnicos em agroecologia. Eles incentivam muito o trabalho com agricultores, principalmente familiares e pequenos, aqueles bem pequenininhos. E lá eles utilizam demais agrotóxicos, mas lá eles já tem um grupo de trabalho Específico para isso. Enquanto o técnico em Agropecuária ele não fica muito nessa parte e utilizam defensivo.</i></p> <p><i>Eu sou técnica Agropecuária, mas também sou gestora ambiental então eu tento ponderar por eu ter as duas formações. Às vezes tem hora que eu fico em cima do muro. Mas eu tento sempre ver a realidade do campo, a produção mas de forma mais sustentável.</i></p> <p>EP3: <i>Quando um aluno faz um técnico em agropecuária ele muda a mentalidade dele, o pensamento dele é de que você não pode tirar leite como vovô tirava a 30 anos atrás, ele tem que se modernizar. A gente pensa que não, mas o aluno que chega no primeiro ano, quando é no terceiro ano ele já tá com outra mentalidade, pensando diferente. Eu conversei com eles. A visão deles é diferente do curso e também para o empreendedor, muitos são filhos de proprietários, produtores</i></p>

	<p>a visão de que ele vai aplicar tudo aquilo que está vendo em seu dia a dia.</p> <p>- Não é aquela visão de estudar pra sair daqui, eles podem estudar para desenvolver onde estão, como você diz, conhecimento específico, pra não estar dando murro em ponta de faca.</p> <p>EP3: O conceito de Agroecologia é show de bola. O pensamento, até o pensamento meu que fui técnico de agropecuária, o meu pensamento é só de produzir, não cuidar do meio Ambiente. Na minha cabeça foi colocado isso, produzir, produzir. E hoje o conceito é novo mas excelente. O pensamento é esse tirar o recurso e voltar com ele pra natureza de novo.</p>
Cursos em agropecuária	<p>EP3: A escola tinha a divisão de agricultura e zootecnia, além da parte de agricultura entrava a prática de topografia. Só que como o modo da escola não era integral e já que as escolas técnicas federais os chefes eles eram integrais. Você estudava pela manhã, era sala de aula na sala de aula e pela tarde a parte prática e para isso aqui tinha aumentar 6 meses. Então eram 3 anos e 6 meses. O estágio nosso era maior. No caso para eles eram de 200 horas, a gente era 360 horas e o nosso estágio tinha de ser supervisionado. Geralmente, a maioria 90% dos alunos fazia no IPA, porque tinha um convênio com o município, independente se o aluno que esse fazer em outro lugar, por exemplo, Granja Almeida. Ele teria que fazer também no IPA.</p> <p>EP3: Era de forma tímida (abordagem de desenvolvimento sustentável), esse pensamento já no final, no período de terminar as últimas turmas a gente já falava, teve palestras, já se falava. Mas no primeiro momento só preparava mesmo o aluno para a parte de capital, de você investir ou ir trabalhar em uma empresa para prestar esse serviço de técnico em agropecuária</p> <p>EP2: A percepção hoje é que a Agroecologia tem recebido mais incentivos, principalmente das políticas públicas. Principalmente para que mais pessoas possam ter acesso a essas informações e começar a desenvolver uma atividade agrícola tanto de base sustentável como ambiental e na parte econômica.</p> <p>EP2: A Agroecologia em São Bento do Una é vista como em vários locais, não só no estado mas em outros locais no Brasil. É percepção que muitas pessoas não compreendem o que é agroecologia. A você está fazendo agroecologia para trabalhar na roça...</p>
Hiato de curso recursos naturais	<p>EP3: Eu acho que foi prejudicial, fechou-se uma porta onde a região tem os maiores índices na avicultura, já teve na produção de leite, na produção de suínos São Bento é o maior. Então você está tirando a vocação de um povo, que tem sangue de criador, você fechou uma porta.</p>

EP1=Docente de São José do Belmonte; EP2= Docente de São Bento do Una; EP3=Ex-professor curso téc. em agropecuária de São Bento do Una- PE; EEI= extensionista do IPA de São Bento do Una-PE; ERA=representante associação rural de São Bento do Una-PE; E= estudante; 1,2 e 3= 1º a 3º ano ensino médio curso téc. em agroecologia; a e b=Discentes de São José do Belmonte-PE; c e d= Discentes de São Bento do Una-PE. Fonte: Elaboração do autor.

As principais associações feitas nas diferenças entre os perfis profissionais estão ligadas ao estabelecimento de vínculos emocionais do Técnico em Agroecologia, que se envolve no processo com intenção de promover a aprendizagem, a consciência ambiental e tentativa de realizar a transição de sistemas de produção convencionais para técnicas mais sustentáveis. A principal percepção do Técnico em Agropecuária incide na aplicação de tecnologias inovadoras para a produção, para potencializar e modernizar a produção.

O hiato na disponibilização de cursos na área de recursos naturais é percebido como negativo para o município, por tolher a vocação de um povo de uma região e limitar a disponibilidade de profissionais e melhores condições técnicas para produção agropecuária. Com a chegada da ETE a São Bento do Una criou-se uma expectativa quanto a possibilidade de ter novamente no município um curso técnico em agropecuária visto o histórico do curso. No entanto a escola não foi contemplada com o curso e de início com nenhum curso no eixo de recurso naturais, o que impulsionou o gestor da ETE a busca da motivação desta primeira disposição institucional do Governo do Estado.

No quadro 9 encontra-se as verbalizações de entrevista feita com um responsável da Secretaria de Educação de Pernambuco, que esclareceu as motivações que fizeram a priori a SEEP não planejar e ofertar cursos técnicos na área de recursos naturais.

Quadro 9 - Quadro matricial da categoria "implementação Curso"

Categoria: implementação de curso	
Definição:	
Temas	Exemplos de verbalizações
Escolas de referência	<i>Acho importante tb exemplificar a experiência do SERTA como referência para nossa decisão para agroecologia.</i>
Região demográfica;	<i>Entendemos que o curso de agroecologia ele trabalha com sistema de produção agroecológico agropecuário e Está em vista os princípios agroecológicos e de sistemas orgânicos de produção então nós entendemos é um curso novo que contemplaria muito mais a região geográfica</i>
Estudo de demanda;	<i>No caso de São Bento do Una existia um estudo de demanda Inicialmente nós tínhamos a previsão de implantar dois cursos para o médio integrado redes de computadores e informática e para o subseqüente na área de saúde, pelo que estava demandado no estudo de demanda</i> <i>De acordo com estudo de demanda realizado em 2013, já não estava previsto o curso de agropecuária no município de São Bento do Una, na ETE. Considerando que no processo de implantação das escolas técnicas, por ser em parceria com o mec, a um acordo anterior, na verdade há um entendimento no sentido de que os estados e as redes federais que os cursos não sejam demandados com áreas de sombreamento.</i> <i>Então foi uma decisão estratégica no sentido de implantar um novo curso mas que</i>

	<i>não tivesse essa concorrência direta com o Instituto Federal e que vinha esse de fato a contribuir com a região de acordo com o estudo de demanda anteriormente feito.</i>
Inovação;	<i>Em algumas regiões do estado que ainda não existia a oferta de agroecologia pensamos aí em inovar a concepção de agroecologia na região do Agreste e a agroecologia na região do Sertão, então também em outra escola técnica. a organização curricular desse curso na perspectiva do médio integrado ele amplia muito mais o interesse dos jovens nessa área e podem inovar na região no sentido de qualificar o agreste pernambucano foi nessa concepção que optamos por agroecologia e considerando que já temos a oferta de agropecuária no Instituto Federal.</i>
Concepção sustentabilidade;	<i>E aí entendemos que Agroecologia vem para inovar essa concepção da sustentabilidade, do olhar para o meio ambiente e os recursos naturais com uma perspectiva inovadora.</i>
Atender ao eixo;	<i>Na realidade no ano de implantação do da escola houve um redirecionamento da secretaria de educação, no sentido de colocar no curso dentro de cada eixo. Então optamos por colocar um curso no eixo de tecnologia e o outro eixo que mais fizesse sentido naquela região geográfica em comparação as ofertas que já existiam tanto de escolas técnicas como também dos institutos federais.</i>
Sombreamento de cursos	<i>E como o Instituto Federal da região já trabalha com agroIndústria e já trabalha com agropecuária então não pode haver um sombreamento de oferta, não deve, na verdade haver um sombreamento de oferta entre o estado e a rede federal.</i>
Estudo de demanda	<i>- É importante explicar que na implantação de uma ETE são considerados: 1. Estudos dos APLs/condep Fidem; 2. Oferta dos institutos federais; 3. Oferta gratuita do Sistema S; 4. Ofertadas em ETEs numa mesma RD ou eixo; 5. Oferta de postos de trabalho na RD ou eixo*; 6. Demanda da população conforme últimos processos seletivos; 7. Especificidades inerentes à aplicação das formas subsequente e ensino médio integrado à educação profissional; 8. Obras estruturadoras/novos empreendimentos da região. * Condepe fidem-BDE-Empregados por atividade no setor formal-2001</i>

Fonte: Elaboração do autor.

A priori os estudos demográficos de demandas realizado no ano de 2013 não acusou nenhum curso de recursos naturais como prioritário para a região de São Bento do Una-PE, apenas em 2015 com redirecionamento do estudo de demandas que a possibilidade de um curso dentro do eixo de recursos naturais poderia ser liberado. No entanto segundo entendimento de alinhamento com o MEC a distribuição de cursos técnicos não deve ser sombreada nas esferas estaduais e federais, e como na região o IFPE-Belo jardim já ofertava o Curso Técnico em agropecuária o atendimento desse curso não poderia ser liberado para ETE de São Bento do Una.

Em consonância com as necessidades ambientais, vocações demográficas e incentivos as políticas públicas de incentivo à agricultura familiar a liberação do Curso

Técnico em Agroecologia tornou-se a alternativa mais viável e acessível para o município de São Bento do Una.

Contudo é importante ratificar que o replanejamento, ou mesmo “equivoco de planejamento” ao proporcionar o redirecionamento de demandas, tardiamente, implicou no fracasso para a aquisição do laboratório do eixo de recursos naturais. Fato este que implica diretamente na qualidade e desenvolvimento das propostas pedagógicas do curso em São Bento do Una e São José do Belmonte. A indicação de estrutura limitada para realização de atividades práticas nas disciplinas do eixo técnico são prioritariamente alvo de apontamento como dificuldades pelos docentes e discentes dos referidos cursos.

O reconhecimento do espaço rural e sua importância do ponto de vista social e econômico representa um importante parâmetro para a inserção e engajamento da comunidade escolar junto aos atores e instituições que convivem e promovem ações ligadas ao desenvolvimento sustentável e produtivo das comunidades rurais de maneira ampla. Permitindo desta forma que a escola desenvolva seu papel de atuação educacional na transformação e promoção de ganhos sociais positivos e consoante com as demandas sustentáveis e diretrizes ambientais modernas. Logo o entendimento do campo e suas potencialidades produtivas, econômicas e culturais estruturais um importante elemento na elaboração e condução de diretrizes e propostas que somem a uma nova perspectiva de identidade do campo e seu povo de maneira positiva e dissociada da imagem pejorativa e rudimentariedade das condições humanas e nível de educação.

Em consonância com essa demanda é importante atentar e considerar que os discentes e comunidade local associam de forma positiva as condições geográficas e edafoclimáticas da região com o curso técnico em agroecologia, por vislumbrar perspectivas de melhoria com a formação de profissionais para atuar nas áreas de mais carência e demanda social do ponto de vista econômico local. O que retrata indícios de que o campo tem tido sua imagem desvencilhada, aos poucos, do consenso de espaço atrasado e associado a baixa escolaridade e pouca importância sócio econômica. O entendimento de potencial econômico é de suma importância para valorização profissional e definição de espaço no mercado para profissionais

especializados e conseqüentemente melhoria nos níveis de formação e informação da comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de percepção dos atores de um contexto são de suma importância para a condução planejada de propostas de forma frutífera, seja em quaisquer setores de atuação. Além de identificar as potencialidades, fragilidades e característica do processo, a análise de conteúdo revelou-se como importante ferramenta para identificar nuances e situações passivas a intervenções como estratégia de condução preventiva e/ou corretiva.

Durante a análise das falas dos atores que contribuíram para a investigação da pesquisa, mesmo com identificação da percepção do espaço rural e seus impactos econômicos sociais sinalizarem entendimentos positivos e favoráveis a identidade do rural, ainda assim é possível constatar inclinações de resistência ao incentivo, valorização e difusão das profissões direcionadas ao ambiente do campo. Esse entendimento pode ser exemplificado em distintos momentos durante o estudo, como por exemplo, quando foram avaliados os dados quantitativos referente ao perfil socioeconômicos dos estudantes ingressos na ETE Governador Eduardo Campos e observou-se que a profissão e grau de escolaridade dos pais apresentam mais relação com a opção em cursar Agroecologia do que se a residência em zona rural ou urbana. Logo podemos identificar que as relações sociais têm maior influência sobre a escolhas e encaminhamentos profissional dos jovens do que propriamente a inserção geográfica e contato com os espaços do campo.

A reflexão e maiores avaliações quanto a percepção dos jovens frente as atividades do campo como profissão e gerador de renda são de fundamental importância para traçar e compreender estratégias de valorização e consolidação da identidade do homem do campo enquanto profissional. A maioria dos estudantes não reconhece que atividade destinadas a agricultura e pecuária pode categorizar um emprego, ser gerador de renda ou até mesmo propiciar reconhecimento profissional. Os estudantes de forma geral percebem as atividades produtivas voltadas para o campo como informais e sem reconhecimento salarial.

É muito preocupante que no momento histórico e social atual, jovens permaneçam alheios ao entendimento básico sobre conceitos como agroecologia, sustentabilidade e demais temáticas de relevância ambiental ou ainda com conceitos e percepções superficiais ou equivocados. Mesmo com a inclusão dessa temática no

cotidiano escolar muitos jovens optaram pelo Curso Técnico em Agroecologia sem ao menos ter ideia do que se trata o curso, muitos dos ingressantes chegam ao ensino médio com uma percepção deturpada ou inexistente quanto a conceitos elementares como agroecologia e sua atuação. A situação é mais agravada principalmente quando é associado a problemática tratar-se de jovens inseridos em um espaço geográfico, social e econômico em que a temática é evidente e latente.

O desenvolvimento de atividades constantes e exposição diária às temáticas ambientais e sustentáveis somado ao empenho dos educadores permite a construção gradativa desses conceitos após o primeiro ano de Curso em Agroecologia, bem como permite o desenvolvimento de uma identidade própria atrelada às discussões emergentes do meio e suas problemáticas. Nesse contexto a formação e atuação direta do educador se torna elemento crucial.

A postura e entendimento sobre os princípios agroecológicos permitem aos docentes das disciplinas do eixo técnico da agroecologia atuarem como interlocutores primordiais, para que os discentes construam não apenas um entendimento holístico do tema, mas principalmente forjem sua identidade profissional e concepção ecológica diferenciada, atenta e preocupada para as questões ambientais e produtivas da região em que estão inseridos. Logo a evolução e construção desse entendimento ao longo do curso, por parte dos discentes revela-se como um importante indicativo da atuação adequada e pertinente dos professores na construção da identidade e filosofia da agroecologia e suas respectivas colocações sociais, econômica e culturais.

O envolvimento dos estudantes com as práticas agroecológicas realizadas no ambiente escolar caracterizam uma importante construção no entendimento da essência da agroecologia no que tange o seu conceito, aplicação prática, a identidade a partir do momento que estas são reconhecidas e vivenciadas pela comunidade escolar como estratégia pedagógica, o que permite que elas adquiram importante espaço na constituição e consolidação de todos os temas propostos do ponto de vista técnico, assim como também impacto social e econômico que pode ser promovido.

O entendimento por parte dos estudantes sobre a importância de aulas práticas e contato com experiências reais, demonstram claramente que o sentimento e necessidade de vivenciar problemáticas reais faz parte da identidade e formação do futuro técnico, como elemento promotor não apenas de experiências pedagógicas, mas

sobretudo, a formação e apropriação profissional pertinente ao perfil profissional. Fato esse que foi identificado como consenso geral por parte dos discente e docentes da necessidade urgente de maiores oportunidades e espaços adequados para vivências práticas, como atividade elementar para a formação dos futuros técnicos e evidência da contextualização agroecológica em sua totalidade, visto a ação prática e intervenções serem características indissociáveis do conceito e filosofia da agroecologia, que demanda compromisso e empenho na práxis de toda sua ideologia .

As comunidades locais em contradição ao reconhecimento do movimento e incorporação de práticas agroecológicas no cotidiano escolar, mesmo ao reconhecer a importância e necessidade do contato e desenvolvimento de práticas agroecológicas não identifica vivências e experiências exitosas realizadas na região e em seu cotidiano. Esta observação, contudo, pode ser devida à metodologia adotada nesta pesquisa, que privilegiou a escuta dos discentes, em detrimento dos membros da comunidade. Seria importante dar seguimento aos estudos com a comunidade, a fim de aprofundar esta percepção.

Conhecer os impactos e percepções dos futuros egressos e comunidades locais é outro importante passo de continuidade na compreensão da problemática proposta no trabalho. Visto todo o levantamento não contar com nenhuma turma formada e disponível para o mercado. As discussões e eventos específicos nas regiões de estudo ainda são jovens e estão em processo de construção gradativo, necessitando de tempo para consolidação de imagem e identidade, assim como tempo e oportunidade para interagir com as comunidades e propiciar engajamento e interação entre a escola e comunidade, para que a filosofia e entendimento da agroecologia possa ser vivenciado com plenitude e propriedade expressiva.

As relações estabelecidas entre o curso técnico e a comunidade local demonstraram aspectos, percepção e entendimentos diversos, desde a distinção entre os profissionais de agropecuária e agroecologia, até identificação de sinais de preconceito pelo contexto rural; relação de confiança, dentre outros aspectos. Mas os exercícios e práticas agroecológicas vivenciadas pelos estudantes e comunidades também evidenciaram relação positiva nos sistemas de produção e alguns produtores locais e principalmente demonstra que os espaços rurais estão abertos e sedentos para receber e compartilhar experiências com a comunidade escolar, visto a grande

carência de assistência e assessoria técnica especializada e adequada para a valorização do homem do campo e suas problemáticas.

A disponibilidade de educadores com formação didática e técnica aptos a desenvolver e promover atividades pedagógicas com excelência, torna-se um aspecto de reflexão prioritário, quando considera-se que a rotina de aulas e imersão no contexto educacional, a apropriação e melhor entendimento sobre agroecologia e o perfil de formação do curso arraigam a identidade dos discentes e conduzem ao desenvolvimento de senso político e social, bem como uma identidade ecológica definida. Desta forma a construção de uma fundamentação filosófica ambiental e identidade de educador, específica e apta às discussões em questão é de suma importância para contribuir nas atividades que visam promover o desenvolvimento sustentável em sua essência, visto que estas dependem da percepção e atuação da ideologia dos atores de forma efetiva, além de discursos pautados em ações. Para que essas ações ocorram é necessário formar estudantes apropriados das temáticas e contextos pertinentes aos conteúdos de sua competência.

Por fim, considerando que as turmas de curso técnico em agroecologia ainda estão em fase avaliativa e não dispõem de turmas formadas é de suma importância conhecer e conduzir futuros estudos que acompanhem o estudante egresso e o processo de inserção dos futuros agroecólogos no mercado de trabalho e em especial nos espaços do campo, seja de âmbito produtivo, econômico, social, cultural ou afins. Somente a partir da avaliação das turmas de egressos e sua relação com as comunidades rurais é que será possível vislumbrar o impacto e percepção dos estudantes e as conseqüentes discussões acerca das temáticas de sustentabilidade, meio ambiente e agroecologia.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE Brasil Socioambiental. São Paulo: ISA (Instituto Socioambiental), 2005.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

AZEVEDO, Márcio Adriano de; AZEVEDO, Igor Rasec Batista de. A questão agrária e a educação do campo: espaços em disputa. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 17., 2012. **Anais...** Belo Horizonte, UFMG, 2012. p.11.

BACHA, M. L.; SANTOS, J.; SCHAUN, A. **Considerações teóricas sobre o conceito de Sustentabilidade**. SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO DE TECNOLOGIA, SEGET. 7. 2010. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/artigos10/31_cons%20teor%20bacha.pdf>. Acesso em: 28 maio 2018.

BALLA, João Vitor Quintas; MASSUKADO, Luciana Miyoko; PIMENTEL, Vania Costa. Panorama dos cursos de agroecologia no Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 9, n. 2, sep. 2014. ISSN 1980-9735. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/15589>>. Acesso em: 09 July. 2018.

BRANDENBURG, Alfio. **Ciências Sociais e Ambientais Rural**: principais temas e perspectivas analíticas, Campinas, v. 8, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2005000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 maio 2018.

_____. Colonos: subserviência e autonomia. In: FERREIRA, Angela D. D.; BRANDENBURG (Org.). **Para Pensar Outra Agricultura**. Curitiba: UFPR, 1998.

_____. Sociologia do ambiente rural: principais temas e perspectivas. **Ambient. Soc.**, v.8, n.1, p.51-64, 2005.

_____. **Agricultura Familiar, ONGs e desenvolvimento sustentável**. Curitiba: UFPR, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA nº 001, de 23 de janeiro de 1986. **Dispõe sobre RIMA**. Disponível em: <<http://www.rio.gov.br/smac>>. Acesso em: 22 maio 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010.** Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências.

CALAZANS, Maria Julieta. **Para compreender a educação do Estado no meio rural:** traços de uma trajetória. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/cms/cmstxt1.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

CAMARGO, Ana Luzia de Brasil. **Desenvolvimento sustentável:** dimensões e desafios. Campinas: Papirus, 2003.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. **Agroecologia** : uma ciência do campo da complexidade. Brasília, 2009.

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A. **Agroecologia e sustentabilidade:** base conceptual para uma nova extensão rural. 2015. Disponível em: <http://www.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/13.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2017.

CARBONELL, J. **A aventura de inovar:** a mudança na escola. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARDOSO JÚNIOR, J. C.; JACCOUD, Luciana. Políticas Sociais no Brasil: organização, abrangência e tensões da ação estatal. In: JACCOUD, Luciana (Org.). **Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo.** Brasília: IPEA, 2005. Disponível em: <http://florenciaaugusto.com/documentos/pol_ticas_sociais_no_brasil.pdf>. Acesso em: 2 out. 2017.

CARVALHO Daniel César Meneses de. **Agricultura familiar em Uruçuí:** multifuncionalidade e impactos ambientais. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Teresina/PI: UFPI, 2011. 112p.

CARVALHO, Marisa. Influência de pais nas escolhas de carreira dos filhos: visão de diferentes atores. **Rev. Bras. Orientac. Prof**, São Paulo , v. 10, n. 2, p. 33-41, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 jun. 2018.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Educação.** São Paulo: Editora Canção, 2008. (Coleção valores).

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Pedagogia da presença:** da solidão ao encontro. 2. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2001.

COSTA, Fernando A.; PERALTA, Helena; VISEU, Sofia (Org.). **As TIC na educação em Portugal:** concepções e práticas. Porto: Porto Editora, 2008.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DUTRA, Paulo Fernando de Vasconcelos. **Educação Integral no Estado de Pernambuco, uma política pública para o Ensino Médio**. Recife: Editora da UFPE, 2014.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. O campo da educação do campo. In: JESUS, Sônia Meire Azevedo de; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2004. p. 53-89.

GAÚCHA Debates do Rio Grande. Edição Carazinho – 26 julho 2011. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/umbrella/jsp/xmlWordleTexto.jsp?id=1081>>. Acesso em: 2 out. 2017.

GONÇALVES, C. M.; COIMBRA, J. L. O papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais dos seus filhos. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.8, n.1, p.1-17, 2007.

HAMERSCHMIDT, Adriano. **Índice de sustentabilidade do município de Lapa, Paraná, calculado com base no método dashboard of sustainability**. Dissertação (Mestrado em Organizações e Desenvolvimento) - Curitiba: UNIFAE – Centro Universitário, 2008.

IBGE divulga indicadores sociais dos últimos dez anos. 28 de set. de 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=987>. Acesso em: 29 maio 2018.

JESUS, E. L. Diferentes abordagens de agricultura não convencional: história e filosofia. In: AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. (Ed) **Agroecologia**: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p.21-48.

KOTLER, P.; KARTAJAYA, H.; SETIAWAN, I. **Marketing 3.0**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

KUENZER, Acácia Zeneida. O Ensino médio no contexto das políticas públicas de educação no Brasil. **Espaço Aberto, Caderno Andes**, n.2,1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LANER, Cecília. **Curso em Agricultura de Precisão traz cada vez mais oportunidades aos alunos**. 2012. Disponível em: <<http://www.naometoquers.com.br/web/index.php?menu=news&id=2160>>. Acesso em: 2 maio 2018.

LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. **Aventuras de epistemologia ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Ivaneide Áurea de A. P. **Tecnologia Empresarial Aplicada à Educação**: gestão e resultados. Olinda: Editora UFPE, 2011.

LOMBARDI, Matheus. **Êxodo rural cai pela metade em uma década**. 2011. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2011/04/29/exodo-rural-cai-pela-metade-em-uma-decada-diz-ibge.jhtm>>. Acesso em: 30 out. 2017.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARINHO, João. **Educação integral no ensino médio**: os desafios de uma proposta para o jovem que conclui a educação básica. 12 de agosto de 2014. Disponível em: <<https://educacaoeparticipacao.org.br/acontece/educacao-integral-no-ensino-medio-os-desafios-de-uma-proposta-para-o-jovem-que-conclui-a-educacao-basica/>>. Acesso em: 11 maio 2018.

MONTEIRO, Elis. **Nativos digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica**. 2009. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2009/05/18/nativos-digitais-ja-estao-dominando-mundo-transformando-forma-como-ser-humano-se-comunica-755911408.asp>>. Acesso em: 10 out. 2017.

NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia**: reflexões sobre práticas docentes na educação básica. Ilhéus: Editus, 2010

NUNES, Raquel. **Ecologia urbana**: a melhor política é ser conservador. 2011. Disponível em: <<http://www.ecologiaurbana.com.br/ecologia-urbana/ecologia-urbana-a-melhor-politica-e-ser-conservador/>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

PAULILLO, Maria Célia. Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 111, Dec. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 jan. 2018.

PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; CALGARO, Cleide; PEREIRA, Henrique Mioranza Koppe. A sustentabilidade ambiental e a teoria dos sistemas na sociedade transnacional. **Revista NEJ - Eletrônica**, v. 17, n. 1, p. 70-83, jan./abr. 2012. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/nej/article/download/3639/2182>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

PEREIRA, Natália; GAMA, Rogério. Da terraplenagem à lavoura e pecuária – máquinas JCB dão show de performance na Agrishow. **JCB – G&A – Comunicação Corporativa**. Abril 2013.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação. **Educação Integral?** Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=70>>. Acesso em: 8 jan. 2018.

PINTO, Diogo de Souza et al. Levantamento e características dos cursos de agroecologia e a sua relação com a educação formal no Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 7, n. 2, oct. 2012. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/13120>>. Acesso em: 09 July 2018.

PINTO, H. R.; TAVEIRA, M. C.; FERNANDES, M. E. Professores e desenvolvimento vocacional dos estudantes. **Revista Portuguesa de Educação**, v.16, n. 1, p. 37-58, 2003.

SAKAMOTO, Camila Strobl; NASCIMENTO, Carlos Alves; MAIA, Alexandre Gori. As famílias pluriativas e não agrícolas no rural brasileiro: condicionantes e diferenciais de renda. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 54, n. 3, p. 561-582, set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032016000300561&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jun. 2018.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Vera Terezinha Carvalho. **O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de vida sustentabilidade social e ambiental**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2007. 28p. Disponível em: <http://osgeydel.cebem.org/docs/19bra_431_204354.pdf>. Acesso em: 22 maio 2018.

SOARES, J. F.; COLLARES, A. C. M. Recursos familiares e o desempenho cognitivo dos alunos do ensino básico brasileiro. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 3, p. 415-481, 2006.

SOUSA, Romier da Paixão. Agroecologia e educação do campo: desafios da institucionalização no Brasil. **Educ. Soc., Campinas**, v. 38, n. 140, p.631-648, jul./set., 2017. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v38n140/1678-4626-es-38-140-00631.pdf. Acesso em: 12 abr. 2017.

SOUZA, A. N. **Licenciamento ambiental no Brasil sob a perspectiva da modernização ecológica.** São Paulo: USP, 2009.

SOUZA, Maria de Araújo Medeiros. **Ensino médio integrado à educação profissional em Pernambuco:** um olhar para as práticas de gestão ligadas à implementação do currículo. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

STROH, Paula Yone. As Ciências Sociais na Interdisciplinaridade do Planejamento ambiental para o Desenvolvimento Sustentável. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Desenvolvimento e natureza:** estudos para uma sociedade sustentável. 3. ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.

TAVARES, Jussara da Silva. **Organizações não governamentais ambientais na unidade de gerenciamento de recursos hídricos dos rios Turvo e Grande:** entre a resistência e a utopia. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Centro Universitário de Araraquara, Araraquara-SP, 2009.

THEODORO, Carlos Roberto. **Evasão dos Cursos Superiores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus São João da Boa Vista.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável e Qualidade de Vida) – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – UNIFAE. São João da Boa Vista, 2015. Disponível em: <<http://www.fae.br/mestrado/dissertacoes/2015/Evas%C3%A3o%20dos%20Cursos%20Superiores%20do%20Instituto%20Federal%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o,%20Ci%C3%Aancia%20e%20Tecnologia%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,%20Campus%20S%C3%A3o%20Jo%C3%A3o%20da%20Boa%20Vista.pdf/+>>>. Acesso em: 22 maio 2018.

TOLEDO, Elizário Noé Boeira. A Juventude rural e os desafios sucessórios nas Unidades Familiares de Produção. **Revista da Juventude Rural**, Fetagr, 2008.

TOLEDO, L. G. **Monitoramento dos impactos ambientais das atividades agrícolas na qualidade das águas superficiais.** IBAMA, 2002. p. 1-11.

TRISTÃO, Martha. **A Educação Ambiental Na Formação De Professores:** Redes De Saberes. Annablume, 2004.

VENDRAMINI, Célia Regina. Qual o futuro das escolas no campo? **Educação em Revista**, Belo Horizonte. v. 31. n. 03. p. 49-69. jul./set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v31n3/1982-6621-edur-31-03-00049.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2017.

VIEIRA, Pedro Abel; BUAINAIN, Antônio Márcio. **Especificidades da pobreza rural na região Centro Oeste do Brasil.** 2011. Disponível em: <<http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/389/Artigo%20-%20Pedro%20Abel%20Vieira%20-%20Antônio%20Márcio%20Buainain.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2017.

VILLELA, Fábio Fernandes. Construção sustentável novas tecnologias reciclagem indústria da construção civil e reestruturação produtiva: as novas tecnologias e a construção das cidades contemporâneas. **Perspectivas**, São Paulo, v. 34, p. 37-51, jul./dez. 2008.

VIVEIRO, A. A.; DINIZ, R. E. da S. Atividades de campo no ensino das Ciências e na Educação Ambiental: refletindo sobre as potencialidades dessa estratégia na prática escolar. **Ciência Em Tela**, São Paulo, v. 2, n. 1, 2009.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA APLICADO COM OS EGRESSOS 2018

1. CURSO: _____
2. NOME DO ESTUDANTE: _____
3. PROFISSÃO PAI: _____ MÃE _____
4. ENDEREÇO: ZONA RURAL () ZONA URBANA ()
5. SEXO: () MASCULINO () FEMININO
6. IDADE DO ESTUDANTE _____
7. DADOS REFERENTES AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS
 - ✓ Grau de escolaridade: Pai: _____ Mãe: _____
 - ✓ Profissão: Pai: _____ Mãe: _____
 - ✓ Está empregado? Pai: () Sim () Não Mãe: () Sim () Não
 - ✓ MORADIA: () Própria () Alugada () Financiada () Outras _____
8. RENDA MENSAL DA FAMÍLIA
 - () Menos de um salário mínimo () de 01 a 02 salários mínimo () Mais de 03 salários mínimos
9. Como os cursos técnicos estão sendo ofertados há pouco tempo em seu município, gostaria que você falasse:
 - ✓ O que você sabe sobre o conteúdo ofertado em cada curso?
 - a) Agroecologia: _____

 - b) Redes de Computadores: _____

 - ✓ Justifique o porquê você está se matriculando no curso que você escolheu e nos outros o porquê você não os escolheu.
 - a) Agroecologia: _____

 - b) Redes de Computadores: _____

 - ✓ Como você imagina a aplicabilidade e empregabilidade dos seguintes cursos?
 - a) Agroecologia: _____

 - b) Redes de Computadores: _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO ESTUDANTES DE SÃO BENTO DO UNA E SÃO JOSÉ DO BELMONTE-PE, REPRESENTANTES DA AREA RURAL E REPRSENTANTE DA SEEPE

A- Roteiro de entrevista utilizado com estudantes de São Bento do Una e São José do Belmonte-PE

Qual seu entendimento sobre agroecologia

Qual a rotina do curso técnico em agroecologia?

Qual importância do curso para região

Pretende seguir carreira acadêmica, em qual área ?

B- Roteiro de entrevista utilizado com a representantes da área rural de São Bento do Una-PE

C- Roteiro de entrevista utilizado com representante da SEEPE

APÊNDICE C – QUADROS ORGANIZAÇÃO DE DADOS DA PESQUISA- ENTREVISTA

Quadro 10. Organização de dados da pesquisa- Entrevista primeiro ano- ETE São José do Belmonte(E1a)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	<i>É uma disciplina científica e a função dela é estudar e analisar métodos sustentáveis que possam ser introduzidos no meio social e ela basicamente é envolta com essa parte ecológica. Agroecologia é o que eu entendo, eu não sei as palavras, mas eu entendo como essa parte, uma disciplina científica que desenvolve métodos sustentáveis para que se possa aplicar no meio agroecológico</i>
Modelo pedagógico	<i>É misturado assim, os professores ele da matéria de acordo com o que ele vai dar na matéria ele organiza alguma parte prática, por exemplo visita técnica. Esse mês a gente foi visitar um plantio Hidropônico, e é assim a gente tem a parte teórica e a parte prática, vai depender do assunto, se der pro professor realizar uma parte prática ele realiza se não a gente fica na teórica e ele tenta ao máximo explicar a gente e ensinar. E é basicamente assim, a gente tem aula e a gente visita a horta, principalmente na disciplina de culturas olerícolas. E tem os grupos durante a semana fica responsável por cuidar da horta fica dividido, são quatro grupos na nossa sala. Cada grupo é responsável por uma semana e o restante fica na sala.</i>
Importância curso	<i>Eu acho muito importante, porque tipo aqui é uma região em que a área urbana é muito menor do que a área rural. Seria muito interessante desenvolver empresas e essa parte rural, desenvolver empresas que trabalha com plantas, animais e tudo mais e que envolva bastante Agroecologia, já que aqui trabalha muito com o comércio de verduras e animais e aqui não é uma cidade muito grande, não tem muitas empresas. Seria mais interessante o curso de agroecologia como é uma zona rural. Inclusive eu acho que seria muito interessante também ter estágios técnicos seria muito interessante. Inclusive está tendo a comemoração dos 10 anos e a gente deu essa ideia. Para região também seria muito interessante esses estágios para mostrar os cursos pra mostrar escola seria interessante também para o comércio para ceder mão-de-obra e os alunos recebem a experiência</i>
Desafios	<i>Acho que a dificuldade de todo mundo é com relação a disciplina de projeto integrador. Todo mundo tem muita dificuldade, porque é tipo nível universitário é um trabalho que a gente nunca fez e não tem tanto conhecimento. O professor ajuda bastante, mas é aquela disciplina bastante complicada, porque além de você desenvolver o trabalho tem todas as regras pra fazer e você tem que fazer e fazer direito. É muito complicado, mesmo com ajuda dos professores é muito complicado. Todo mundo reclama dela.</i>
Carreira profissional	<i>. Sim, eu queria seguir a área de engenharia agrônoma. porque eu gosto muito da área acho muito interessante eu gosto muito dessa parte natural, que mexe com planta com animal e tudo mais. Também gosto muito de exatas e é muito interessante, eu gostaria muito de no futuro chegar a ter um doutorado na área.</i>

Quadro 11. Organização de dados da pesquisa- Entrevista primeiro ano- ETE São José do Belmonte(E1b)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	- Bom... assim agroecologia pra mim em relação ao curso é um curso muito bom, porque ajuda várias coisas tipo o meio ambiente e tal e é legal o fato de aprender mais coisas, ter conhecimento com relação, assim ao meio ambiente e essas coisas.
Modelo pedagógico	-Assim o professor explicar o assunto tudo certinho tal, dá o conteúdo, a gente vai lá pra horta ver as plantas, fazer algumas coisas a gente chegou aí a outra... pra plantar umas coisa lá nos canteiros e tal... e a gente já foi até ver um projeto de... esqueci o nome agora , mas... É, fora. E vimos tal, tem um relatório pra fazer. E essas coisas...
Importância curso	-Acho, porque tipo aqui por ser cidade pequena e tal a maioria das pessoas, assim maior parte são agricultores e tem comercio de alguma coisa em relação a isso, acho que ajuda assim o curso para algumas pessoas.
Desafios	Não assim, mais ou menos. Só assim do curso só algumas coisas que ainda to aprendendo...
Carreira profissional	. Assim eu estava pensando em não fazer... dentro do que eu não estou fazendo no curso, estava pensando em fazer direito ou alguma coisa assim. Porque eu quero ser policial.

Quadro 12. Organização de dados da pesquisa- Entrevista primeiro ano- ETE São Bento do Una (E1c)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	- <i>Eu estou gostando, pra mim agroecologia é cuidar das plantas e do planeta. É tipo você pegar coisas para ajudar o desenvolvimento das plantas, tipo reciclar para ajudar o planeta.</i>
Modelo pedagógico	<i>Na sala os professores dizem o que tem de fazer e depois a gente sai pra fora para fazer o que eles ensinaram a gente.</i>
Importância curso	<i>É sim, porque precisamos. Tem muitas coisas que precisa melhorar na cidade, o processo de reciclagem, já tem que o pessoal cata latas para reciclar.</i>
Desafios	<i>Não, acho que não</i>
Carreira profissional	<i>Não sei. Acho que uma faculdade não, um curso talvez, na área de agroecologia</i>

Quadro 13. Organização de dados da pesquisa- Entrevista primeiro ano- ETE São Bento do Una

(E1d)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	<p>- Pra mim é que nem eu já venho do sítio né, já tem essa mentalidade de trabalhar com agroecologia por tipo, eu venho do sitio eu trabalho com agroecologia por isso que eu escolhi esse curso porque eu quero me aprofundar mais na agroecologia, tipo trabalhar na plantação de milho de feijão, saber como tratar o solo tratar, o ambiente ,o clima para ter uma plantação sem pragas, tipo assim... ter mais estabilidade no que eu vou fazer, estudar o que eu vou plantar e como plantar e colher. Essa mentalidade que eu já vim pensando aqui, por isso resolvi fazer agroecologia. Onde eu moro é muito trabalhado com feijão e milho e o pessoal não cuida do solo de lá, eles só colocam estrume e pronto não quer saber como o solo esta não, estuda o canto que vai fazer... e eles nao tem essa mentalidade que nós estamos tendo aqui né.</p>
Modelo pedagógico	<p>Das aulas eu gosto muito... principalmente ciências do solo porque trabalha das rochas eu nunca tinha visto, e eu acho bom também de Albedson também que é trabalhando com os solos vendo como é que é como são divididos, de Luana também é vendo as rochas magmáticas . são teóricas e são práticas também, as aulas práticas são limpando mato, plantando é essas aulas dinâmicas né.. aquilo que nós estudamos nós vamos colocar na prática.</p>
Desafios	<p>Acho que a dificuldade... não sei ainda porque é novo ainda, acho que é tipo assim nao me adaptei ainda. Eu queria ter feito redes porque acho que aqui em São Bento agroecologia é fraca, eu tenho essa mentalidade né, porque redes aqui eu acho que tem mais chance de você arrumar um emprego, aqui ninguém investe em agroecologia investe mais na avicultura... porque aqui é sertão não chove diariamente. Mas queria ter feito de redes pra ver como é, acho que no futuro vou precisar fazer um de redes, eu tenho vontade de fazer porque dá mais futuro eu acho.</p>
Carreira profissional	<p>Penso, eu queria ser advogado, fazer direito. Porque... eu não sei eu tenho muita vontade de fazer direito....</p>

Quadro 14. Organização de dados da pesquisa- Entrevista segundo ano- ETE São José do Belmonte (E2a)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	<i>Agroecologia ela é uma matéria, é um curso que trabalha a relação do homem com o meio ambiente, ou seja, de uma forma que um homem possa produzir tirar o seu sustento sem agredir e ter um impacto agressivo ou muito agressivo com o meio ambiente. Que possa estar trabalhando a sustentabilidade e também garantindo seu sustento financeiro e também produzindo alimentos de boa qualidade.</i>
Modelo pedagógico	<i>Nós temos uma parte teórica, muito bem trabalhada e uma dinâmica e uma parte prática excelente também, que nós reunimos o que nós aprendemos na teoria e passando a trabalhar diretamente com o campo, com a nossa área no desenvolvimento dos nossos projetos integradores.</i>
Importância curso	<i>O curso aqui pra região é excelente, porque ele vai trabalhar uma coisa que a maioria dos agricultores nunca pensaram que poderia existir, produzir uma forma que ele possa ter um rendimento maior, de uma de uma forma sustentável sem estar precisando tanto de insumos que só agride o meio ambiente e a qualidade de vida da população, tanto de quem produz como de quem consome aquele alimento. Isso vai ajudar muito o desenvolvimento da agricultura na nossa região que nós vamos estar trabalhando diretamente com clima entendendo o que vai ser preciso fazer para alcançar uma alta produção.</i>
Desafios	<i>É uma área que sempre vai continuar crescendo porque de certa forma não têm interesse da maioria da população por essa área, a maioria dos acadêmicos se interessa por outras áreas só que essas outras áreas referente ao cenário nacional É claro que vai ter um rendimento um aumento relativamente baixo comparado agronomia por que nós iremos estar trabalhando a sustentabilidade e também a produção de alimentos que toda profissão essencial mas sem ninguém pra plantar o que que nós vamos comer? Já imaginou o agricultor de greve? - É muita gente ainda tem muito preconceito com essa área, por exemplo eu saio aqui da escola eu vou fazer uma compra de algum material para montar o P.I e chego em uma loja e as pessoas olham o símbolo da minha escola, tanto da escola que aqui do município quanto do curso. Foi muito polêmico a chegada dessa escola aqui na cidade o modelo dela modelo de ensino por conta de questões políticas e tal, só que até hoje nós percebemos que na sociedade Belmontense não deixa de lado porque ostentar esse brasão aqui e o do nosso curso também a gente percebe a desvalorização da população eles tipo não aceita e acha que é uma área (áudio indecifrável) e fica pensando lá esse menino podia estar fazendo administração , mas só que eles estão esquecendo que o administrador é importante, mas o técnico em agroecologia ele vai renovar se não tiver o técnico pra ajudar na produção e que nós estamos enfrentando cenário tanto climático como climático adverso no nosso país mas principalmente na nossa região sem nós daqui uns anos vai ser quase impossível de se produzir.</i>

Carreira profissional	<p><i>. Sim, agronomia. Por conta de que é uma área que eu já andei pesquisando é uma área referente ao cenário nacional, é uma área que vai continuar crescendo e vai ter sempre mercado para essa área. - Eu ia escolher o curso de informática, eu já conhecia agroecologia... só que eu vim fazer esse curso obrigado, minha mãe me obrigou a vir fazer aqui este curso só que quando eu cheguei pra estudar e comecei a trabalhar o curso, ver a teoria e a prática, eu sinceramente me apaixonei pelo curso porque era justamente uma das coisas que eu pensava, e eu vim fazer. Só que depois que ela me obrigou eu comecei a pensar como seria o curso e o que nós iremos trabalhar porque de certa forma era uma coisa inesperada.</i></p>
--------------------------	---

Quadro 15. Organização de dados da pesquisa- Entrevista segundo ano- ETE São José do Belmonte (E2b)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	<i>Bem, agroecologia é uma forma sustentável de equilibrar o homem, a natureza e o meio ambiente , diferente do agronegócio, que usa agrotóxico e essas coisas. É uma forma sustentável e eu gosto.</i>
Modelo pedagógico	<i>Então é assim a gente tem algumas viagens, as viagens de conhecimento na área de alguma matéria e o professor explica muito bem... é isso.</i>
Importância curso	<i>Ele é o mais procurado principalmente nessa região, só que poucas pessoas valorizam.</i>
Desafios	<i>É nós precisava de mais valorização, apesar de aqui se a região que mais precisa é a região que mais tem preconceito pra essa área, porque no começo do ano passado a gente sofreu preconceito na rua e até mesmo aqui na escola, os alunos dos outros cursos falavam que a gente trabalhava na roça...</i>
Carreira profissional	<i>. - Assim, eu vim pra cá com intuito de ser a minha segunda opção porque eu quero medicina e como não tem medicina aqui tem só em outras cidades, aí eu vou tentar medicina aí se eu não conseguir que eu vou tentar essa área, mas eu quero mesmo medicina.</i>

Quadro 16. Organização de dados da pesquisa- Entrevista segundo ano- ETE São Bento do Una (E2c)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	<i>Agroecologia pra mim é preservar o meio ambiente, é reutilizar vários materiais que hoje são jogados fora, como garrafas Pet, que podem ser muito úteis para o plantio das hortaliças. Eu gosto muito de Agroecologia, por isso escolhi esse curso.</i>
Modelo pedagógico	<i>Os professores eles pretendem ajudar a gente a entender mais todas as culturas, ajudar a gente que realmente tenha consciência em preservar o meio ambiente e quantos materiais a gente joga fora mas que eles podem ser reutilizados para várias coisas, E também na área escolar eles ajudam muito. As aulas técnicas São boas, algumas assim... Em todas elas, os professores realmente passam aquilo que sabem e o que pretendem fazer em campo. Há aulas práticas também, alguns professores levam a gente pro campo, aí mostra a gente como é feito o plantio de determinada cultura, irrigação, drenagem.</i>
Importância curso	<i>Sim, muito. Porque a gente está numa região seca e aí os professores mostram que a gente também pode mudar isso, a gente pode fazer plantações até mesmo em nossas casas. A gente pode pegar uma área e plantar algo.</i>
Desafios	<i>Pra mim, nenhum</i>
Carreira profissional	<i>. De agroecologia? Não. Eu quero fazer psicologia ou Medicina veterinária. Veterinária porque eu sou muito apegada aos animais e psicologia porque eu gosto muito de ouvir as pessoas, de aconselhar. Eu sou muito boa nisso, eu gosto.</i>

Quadro 17. Organização de dados da pesquisa- Entrevista segundo ano- ETE São Bento do Una (E2d)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
<p>Conceito agroecologia</p>	<p><i>Agroecologia acho que é uma ciência, um meio de vida. Em que você vai se manter com o método antigo, que é o agrícola, mas você colocar a ecologia e tentar manter o que já tem. Porque a agricultura industrial já acabou muito. A Agroecologia vem para sanar todo um mal que a indústria fez. A gente visa fazer práticas que tenham a vista econômica, a gente estuda os isso em zootecnia e em outras matérias, como ter dinheiro mas também como manter o ciclo de vida para que não se acabe. Pelo dinheiro tudo se vá, não! Temos que usar policulturas, manejo responsável sempre visando isso. Tentar manter a ecologia, não se vender.</i></p>
<p>Modelo pedagógico</p>	<p><i>A gente tem mais aula teórica, aulas práticas temos menos, a gente pouco vê. Tem aula prática, Luana leva a gente para o minhocário, composteira. Semana passada ela nos levou. Porque a gente estuda nutrição e em nutrição a gente estuda microorganismo, microbiota, biologia, tudo se integra. E precisamos ver isso. E luana nos leva até lá. Mas nas outras a gente vê mais teoria. Porque a escola é muito nova e não temos essa vista tão prática. Em irrigação e drenagem, por exemplo,</i></p> <p><i>Ainda não temos um sistema de irrigação para trabalhar. Em zootecnia os próprios animais que são bovinos e caprinos e suínos, até a professora Stephany vai fazer uma visita técnica até a Bom leite, já que não temos os animais aqui na escola ela vai nos levar lá para conhecer o manejo lá fora. No demais são mais teorias, a gente tem prática sim, mas é mais teoria.</i></p>
<p>Importância curso</p>	<p><i>Sim, muito. Por que São Bento é uma região agrônoma (agrícola) então a gente precisa aprender a manejar. Por exemplo São Bento se mantém através de galinhas e ovos e agente em Zootecnia no primeiro ano estuda muito o manejo de aves, no segundo a gente já estuda bovinos que também é importante porque São Bento tem uma indústria láctea, que é a Bom leite. Então a gente vê que pra poder se integrar e poder melhorar digamos assim</i></p>
<p>Desafios</p>	<p><i>Qual a dificuldade que você enxerga, você já citou a questão dos espaços para as prática, que outras dificuldades você encontra no curso. Que poderia o tornar melhor? -Eu acho que realmente essa questão das aulas práticas, realmente muita gente reclama disso. Ano passado mesmo a gente teve pouca aula prática, esse ano a gente já está tentando mais aula prática. Mas o que está faltando mesmo é nosso laboratório , a gente não tem um laboratório de Agroecologia, para se manter, para fazer experiências , com plantas medicinais por exemplo, é esse quesito. A gente sofre um pouco nessa perda, em relação ao outro curso tem, eles têm três laboratórios e a gente mal tem um, que ainda falta alguns objetos para poder fazer os trabalhos adequados.</i></p>

Carreira profissional	<p><i>Sim, medicina ou direito. Eu sempre me agradei de medicina, sempre pensei nesse quesito. Sempre me vi muito nas ciências, humanas ou naturais. História, geografia, biologia. Me adapto muito bem aos dois. Ainda estou decidindo. Penso talvez em seguir carreira de agronomia, mas dificilmente. Eu gosto muito da prática do curso, mas não me vejo seguindo carreira em zootecnia por exemplo. Mas já em manejo agrônomo, parte de colheita, plantio eu já me interessou. Ainda estou um pouco confuso.</i></p>
-----------------------	---

Quadro 18. Organização de dados da pesquisa- Entrevista terceiro ano- ETE São José do Belmonte (E3a)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	<p><i>Rapaz, é quando eu entrei aqui eu tive tipo uma dificuldade, eu não sabia o que era agroecologia. Acho que a maioria das pessoas que entram aqui não sabe e entra sem saber, mas pelo que eu soube esses três anos pra mim, agroecologia é tipo um método funcional que a gente pode produzir nossos próprios alimentos com boa qualidade, e a gente cursando agroecologia a gente gera conhecimento para levar para os agricultores que que não sabem. E agroecologia pelo que eu sei também é um pouco diferente do agronegócio, na agroecologia tem uns positivo que você não pode utilizar agrotóxicos e vai produzir alimento de boa qualidade e é isso pra mim agroecologia.</i></p>
Modelo pedagógico	<p><i>Rapaz, assim de acordo com ensinamento que Gleymerson nosso professor nos ensina ele nos passa a parte teórica e a parte prática. Geralmente quando ele nos da os ensinamentos teóricos dele ele passa um mês, você manda assim como seminário. Quando a gente já aprende um pouco mais com os seminários depois ele faz as práticas gente aprende mais tudo que ele ensina na teoria.</i></p>
Importância curso	<p><i>Bem aqui dentro a gente até agora aprendeu alguns métodos que eu sei que muitos aí fora não tem oportunidade de cursar, um curso desse... técnico a maioria dos agricultores aí fora não sabe os métodos que a gente sabe aqui, que a gente aprendeu aqui e eu acho importante porque depois que a gente estiver formado a gente pode até estagiar fora dando conhecimento pra eles que não sabe.</i></p>
Carreira profissional	<p><i>Engenharia agrônoma, Então é como eu falei pra você, no começo curso eu não conhecia esse curso né aí eu fui conhecendo as áreas bem que tem dentro da agroecologia, e daí que eu fui conhecendo eu fui gostando e eu fui estendendo cada vez mais o meu conhecimento e o meu gostar foi aumentando e assim que eu fui pesquisando algumas áreas universitárias e foi assim que eu gostei.</i></p>

Quadro 19. Organização de dados da pesquisa- Entrevista terceiro ano- ETE São José do Belmonte (E3b)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	<i>Bem agroecologia dia pra mim é é uma forma das pessoas que moram na comunidade rural se alimentar e também ter a possibilidade de levar alimentos para outras pessoas de uma forma que não use agrotóxicos, não é... como é que posso falar? É lá do solo deles lá, a plantação deles e que possam passar essa outra visão essa outra visão de que também pode ter os alimentos saudáveis e de boa qualidade sem uso de agrotóxico.</i>
Modelo pedagógico	<i>Bem a parte técnica a gente não tem muito, assim no dia dia das aulas, pelo fato da maioria das aulas da parte técnica ser na parte da tarde. Por isso que a gente não tem muito projeto aqui na escola. Mas cada turma tem o seu projeto de PI que é onde a gente desenvolve mais aulas práticas mesmo. Mas é cada equipe com seu trabalho, com seu projeto integrador e cada um é um tema diferente. Aí a gente faz em cada um em uma comunidade rural aqui de São José do Belmonte. Aí cada equipe fica para cuidar do seu. Mas em si aqui na escola a gente não tem nenhum projeto ainda de agroecologia. Mas só em relação aos PI's mesmo. Tem meninos, por exemplo que do lado da sua casa tem uma tarefinha de roça e aí eles já fazem um PI ali. Faz uma plantação lá e tenta vender pra rua, sem o uso de agrotóxico ou dividi com os vizinhos e é assim, faz visitas. É legal a experiencia. Porque a maioria das pessoas que estuda com a gente não conhecia realmente agroecologia realmente essa agricultura sem uso de agrotóxico. Era mais com uso de agrotóxicos, pelo fato até de de ser um alimento que você adquire mais rápido né ? Até porque todo mundo aqui, que mora por aqui, quase todos moradores da região aqui vendem, aí eles querem uma produção mais rápida. E aí quase ninguém conhecia essa produção, É tanto que esse ano a gente foi visitar uma plantação de alface todo produzido de forma agroecológica, sem nenhum uso de agrotóxico porque é possível.</i>
Importância curso	<i>Sim muito importante mesmo. Aqui de frente a escola, mesmo, a gente tem uma plantação, na verdade não é da escola é do vizinho aqui do lado da escola e quase toda semana é uma plantação diferente por que ele usa muito, muito agrotóxico e a plantação dele é enorme. E a gente olha assim e ver que aquilo ali não é certo, usando aquele tanto de agrotóxico e é um produto que é até pra gente mesmo que vai consumir. Então depois que a gente conheceu esse curso é como se você até tivesse nojo daquilo, daqueles alimentos que usar agrotóxico entendeu?</i>
Dificuldades	<i>Não, Na minha visão não, até porque eu não conhecia agroecologia antes e agora que eu conheço, Assim, eu venho de uma família rural, só que eles nunca sentaram comigo para pra falar pra mim que tinha outras formas de produzir alimentos, sem ser utilizando agrotóxicos. E aí essa foi a minha paixão, de meus pais já virem de uma comunidade rural. e nunca ter sentado comigo pra me falar como era isso aí que surgiu a minha curiosidade de saber como era e daí surgiu minha curiosidade</i>
Carreira profissional	<i>Esse ano a gente tem uma matéria chamada topografia e eu me apaixonei muito e aí eu converso muito com Gleymeron. Até então eu não sabia o que eu ia fazer, se eu ia fazer faculdade ou não e desde que surgiu essa matéria que eu me apaixonei muito mais ainda. Aí eu conversando com ele, aí ele falou que uma boa escolha pra mim era fazer engenharia. Aí eu fui pesquisar. E até tem uma obra aqui do lado da escola e lá estavam usando os equipamentos topográficos, aí a gente foi lá e viu tudo direitinho. Aí eu fui me aprofundando mais. E agora eu sei que eu quero engenharia, mas só depois que eu conheci essa matéria. Porque todo ano a gente muda de matéria, nunca fica as mesmas. É engenharia agrônômica.</i>

Quadro 20. Organização de dados da pesquisa- Entrevista terceiro ano- ETE São Bento do Una (E3c)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	<i>Bom, antes eu não tinha uma certa noção do que era agroecologia, pra mim era só tipo.. é ecologia, sustentabilidade, basicamente era isso. Só que no decorrer dos três anos eu fui vendo que não era só isso, que envolvia muitas outras coisas, abrange muitas áreas, como a topografia, fruticultura e muitas outras coisas. Na minha concepção na agroecologia não tinha esse pontos, é muita coisa, é bem amplo.</i>
Modelo pedagógico	<i>Funciona de forma teórica e prática também. No começo do curso é mais prática, por que a gente trabalha o básico. Depois vai abrangendo outras áreas e a gente precisa ver mais teoria e aí a prática fica um pouco de lado, não totalmente abandonada.</i>
Importância curso	<i>Percebo que é importante sim, porque eu sinto muita falta disso aqui na nossa região. Por que os professores da gente mesmo eles não se formaram aqui, para fazer esse curso, (agora não mais, depois da escola) precisava sair daqui pra se formar. Ainda tem poucos profissionais formados e capacitados. Eu acho que depois da formação da gente vai ser muito bom pra região da gente. Por que vai conhecer mais de Agroecologia, vai ver que não envolve só sustentabilidade e essas coisas, vai ser bom.</i>
Desafios	<i>É... algumas. Na parte teórica, agora mais no terceiro ano. Na parte topográfica, medição da regiões, distância, latitude, essas coisas. No primeiro ano eu não senti dificuldade, por que era tão bom. Por que a gente foi mudando de matéria, aí quando a gente vai se acostumando, quando a gente pega intimidade com certas matérias, aí vai muda de matéria. Mas dificuldade só na parte topográfica.</i>
Carreira profissional	<i>Na área de exatas, assim seria como meu segundo emprego, porque eu quero seguir carreira militar, aí depois eu vou fazer exatas. por que exatas é vida.</i>

Quadro 21. Organização de dados da pesquisa- Entrevista terceiro ano- ETE São Bento do Una (E3d)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conceito agroecologia	<i>Agroecologia é você saber trabalhar de forma sustentável e econômica, sabendo interligar o meio ambiente junto com a sociedade.</i>
Modelo pedagógico	<i>Nós temos aulas tanto teóricas como práticas, quando o assunto vai de acordo aí vai ter aula prática e a cada ano são diferentes matérias a cada ano vai mudando. A dinâmica os professores em geral trabalho com slides em sala depois quando a gente aprende o assunto aí vamos pra prática.</i>
Importância curso	<i>Sim muito importante, como a região é semiárido a gente vê muita tecnologia para ajudar a conviver com a seca, conviver com semiárido mesmo</i>
Desafios	<i>Acho que espaço para trabalhar as práticas. -</i>

Carreira profissional	.Em agronomia, algo que seja ligado a plantas. O curso influencia muito na minha decisão.
-----------------------	---

Quadro 22. Organização de dados da pesquisa- Entrevista representante de Associação rural de São Bento do Una-PE(ERA)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conhece o termo agroecologia	<i>Tenho muitos amigos que fizeram esse curso, só não faço porque meu tempo é muito pequenininho, mas gostaria muito de fazer. Pena que na minha época não existia esse curso. Eu fiz agropecuária, eu e meu esposo. La no Cônego, mas não conclui o ultimo ano, mas aprendi muito com ele.</i>
Importância do curso	<i>E importante demais, acredito que seja um dos mais. Pena que poucos conhecem e poucos, os que conhecem a maioria não bota em prática. É um dos cursos principalmente pra nossa região que vive disso. E tem pouco conhecimento.</i>
Experiencia agroecológicas	<i>Eu conheço, aqui na nossa região eu acho que tem uns dois. Mas não segue a risca como deveria, acho que por falta de informação, mas tenta. Eu conheço muitos em outras regiões, já conheci em algumas palestras, reuniões. E a gente sempre ver que em outras regiões se usa mais. Não sei se é falta de conhecimento ou aquela famosa, o desconhecido muita gente tem medo de fazer e não dar certo..</i>
Técnico em agroecologia/técnico em agropecuária	<i>Conheço sim, eles transmitem o que eles conhecem e eles lutam mesmo, eles defendem. Eu admiro bastante, eu conheço uma duas pessoas que fizeram o curso no SERTA e conheço um Professor do certa também. Eu admiro. É diferente e ele transmite isso pras pessoas. E eles tentam ensinar também o pouquinho que eles sabem. Eu acho isso, tem isso de diferente.</i>

Quadro 23. Organização de dados da pesquisa- Entrevista representante de assistência técnica do município São Bento do Una-PE(EEI)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Conhece o termo agroecologia	<i>.Conheço inclusive alguns alunos. Mas nunca cheguei a ir lá para conhecer, para conhecer as atividades que vocês estão desenvolvendo.</i>

<p>Importância do curso</p>	<p>Muito importante principalmente quando atinge o público que está no campo, filhos de agricultores, a intenção é também diminuir o êxodo rural, para que eles apliquem isso em suas propriedades. Não só aqueles alunos que vão trabalhar fora, mas também aqueles que vão aplicar dentro da propriedade. Aquele aluno quando aprende ele vai levar pra propriedade do pai, às vezes aquele pai trava um pouquinho mas depois vai cedendo e deixando. - Foge um pouco da dinâmica de estudar para sair daqui. Que você tem que estudar para sair, ir pra fora. -Agente precisa segurar mais as pessoas no campo, o êxodo rural está grande, por conta da violência, condições de trabalho, cada vez mais pior. Então formando alunos daqui a tendência é também segurar mais gente no campo e investir mais em sua propriedade.</p>
<p>Experiencia agroecológicas</p>	<p>Não, na nossa região não têm. Algumas pessoas que tentam evitar o uso de agrotóxicos, que usam coisas naturais. Mas o trabalho aqui ainda precisa ser intensificado. Por aqui a gente não trabalha muito com hortas, não é? Na parte de gado também. Mas por ser caatinga a gente tem essa dificuldade, e por ser um lugar seco também no que dificulta e torna mais seco ainda é a falta de práticas Agroecológicas. Não tem, que eu trabalhe aqui não tem nenhum.</p>
<p>Técnico em agroecologia/técnico em agropecuária</p>	<p>Sim conheço. Sim dentro do IPA, dentro de minha regional tem alguns técnicos em Agroecologia. Eles incentivam muito o trabalho com agricultores, principalmente familiares e pequenos, aqueles bem pequenininhos. Ele está tentando um trabalho na parte de hortas. Na cidade que ele trabalha tem muito essa questão de hortas, em Jurema, Panelas. Lá eles utilizam muito agrotóxico, muita produção de alface, coentro e de verduras. E lá eles utilizam demais agrotóxicos, mas lá eles já tem um grupo de trabalho Específico para isso. Enquanto o técnico em Agropecuária ele não fica muito nessa parte e utilizam defensivo. Eu sou técnica Agropecuária, mas também sou gestora ambiental então eu tento ponderar por eu ter as duas formações. Às vezes tem hora que eu fico em cima do muro. Mas eu tento sempre ver a realidade do campo, a produção mas de forma mais sustentável.</p>

Quadro 24. Organização de dados da pesquisa- Entrevista professor de antigo curso de agropecuária de São Bento do Una-PE(EP3)

Semelhanças	Verbalizações das Entrevista
Funcionamento, dinâmica e prática do curso técnico de agroecologia	<p><i>A escola tinha a divisão de agricultura e zootecnia, além da parte de agricultura entrava a prática de culturas, topográfico dentro de topografia estudava também desenho, então era desenho e topografia. Ai tinha a parte de culturas que ia abranger o trabalho de frutíferas e hortaliças e culturas oleaginosas separadamente. A parte de zootecnia via no primeiro ano avicultura, segundo ano suínos cultura, terceiro era de bovinocultura. Só que como o modo da escola não era integral e já que as escolas técnicas federais os cefetes eles eram integrais. Você estudava pela manhã, eram sala de aula na sala de aula e pela tarde a parte prática e para isso aqui tinha aumentar 6 meses. Então eram 3 anos e 6 meses. Ai pronto essas disciplinas nós últimos anos não tinha a parte de culturas, topografia e desenho. Pq zootecnia e agricultura tinha que terminar todo conteúdo justamente para a grade curricular ficar igual, idêntica à do CEFET, na época eram as escolas tecnicistas. Então a grade curricular tinha que bater com a do cefet, com o mesmo quantitativo dentro de sala de aula. O estágio nosso era maior. No caso para eles eram de 200 horas, a gente era 360 horas e o nosso estágio tinha de ser supervisionado. Geralmente, a maioria 90% dos alunos fazia no IPA, porque tinha um convênio com o município, independente se o aluno que esse fazer em outro lugar, por exemplo, Granja Almeida. Ele teria que fazer também no IPA. No começo da escola agrícola o convênio era com o estado, aí o estado cortou esse convênio e o município assumiu e fechou convênio com o IPA. Todo aluno teria de fazer o estágio supervisionado no IPA e entregar um relatório total de todas as práticas e toda a estrutura do IPA e esse estágio depois que ele terminava é como se fosse uma espécie de monografia e ele entregava o relatório (que hoje corresponde a uma monografia ou tcc) ao chefe da estação experimental do IPA e o chefe aprovava ou não o relatório. Os relatórios eram produzidos em duas vias. Uma para o IPA e outra para secretaria da escola.</i></p>
Desenvolvimento sustentável	<p><i>Era de forma tímida William, esse pensamento já no final, no período de terminar as últimas turmas a gente já falava, teve palestras, já se falava. Mas no primeiro momento só preparava mesmo o aluno para a parte de capital, de você investir ou ir trabalhar em uma empresa para prestar esse serviço de técnico em agropecuária.</i></p>
Decisão de finalizar o curso	<p><i>Eu acho que foi prejudicial, fechou-se uma porta onde a região tem os maiores índices na avicultura, já teve na produção de leite, na produção de suínos São Bento é o maior. Então você está tirando a vocação de um povo, que tem sangue de criador, você fechou uma porta. E de certa forma hoje o aluno só pode fazer um estudo vocacionado no ensino médio. Como vc tem lá a modalidade do pós médio, o subsequente. Aí agora que ta se começando, eu não sei como é a modalidade. Fechou naquele tempo e voltou agora. No ensino médio é integral. Se vivencia mais aquela parte da aula prática. Mas muito próximo de como é no CEFET, é assim que eu vejo, que eu sinto.</i></p>

<p>Importância de curso na área das agrarias</p>	<p><i>Então William eu vejo que quando um aluno faz um técnico em agropecuária ele muda a mentalidade dele, o pensamento dele é de que você não pode tirar leite como vovô tirava a 30 a os atrás, ele tem que se modernizar.</i></p> <p><i>-A visão deles é diferente do curso e também para o empreendedor, muitos são filhos de proprietários, produtores a visão de que ele vai aplicar tudo aquilo que está vendo em seu dia dia.</i></p> <p><i>- Não é aquela visão de estudar pra sair daqui, eles podem estudar para desenvolver onde estão, como você diz, conhecimento específico, pra não estar dando murro em ponta de faca.</i></p>
<p>Importância do curso agroecologia</p>	<p><i>Com certeza, o pensamento hoje é esse. Toda propriedade tem que ter pelo menos 20% de sua área formada por caatinga fechada, com árvore da região. E hoje a mentalidade, não só do pessoal daqui de São Bento mas de outros municípios é de que ele nem quer deixar essa área nativa, os 20%. e quando aluno faz essa parte da agroecologia ele já tem uma Consciência ecológica fantástica. Eu não sei qual é a forma, a metodologia que é utilizada lá, mas eu entendo que o processo é.</i></p>
<p>Conceito de Agroecologia</p>	<p><i>o conceito de Agroecologia é novo de 85 pra cá. Mas eles estudam tudo isso aí, suinocultura. Zootecnia mas com um olhar diferente, de produzir e tirar o melhor se degradar o solo. como uma cadeia com uma consciência melhor, mas pelo nome a própria palavra, ecologia, a gente percebe uma discriminação, á mas não vai ter produção? Aquele negócio que não vai ter dinheiro, mas muito pelo contrário, a gente ver essa forma de aproveitar bem.</i></p> <p><i>-As apresentações que eu fui lá eu vi bem isso, a questão de aproveitar a compostagem, para prevenir. Mesmo que seja uma Produção alta, mas que aproveita o resíduo. Achei de fundamental importância. Até porque se você não aproveitar aqueles resíduos de uma agricultura, de uma pecuária que ela deixe no solo ela vai gerar um chorume, lixo. Assim você vai gerar muito mais Poluição. Você veja o resíduo do gado é um dos resíduos que mais gera gás carbônico para o ambiente e se você pega e tira isso e trata para colocar no solo e usar uma Matéria prima de boa qualidade, você vai melhorar a qualidade do solo e diminuir o jogar o gás carbônico. Isso é fanáticos. O conceito de Agroecologia é show de bola. O pensamento, até o pensamento meu que fui técnico de agropecuária, o meu pensamento é só de produzir, não cuidar do meio Ambiente. Na minha cabeça foi colocado isso, produzir, produzir. E hoje o conceito é novo mas excelente. O pensamento é esse tirar o recurso e voltar com ele pra natureza de novo.</i></p>

Quadro 25. Organização de dados da pesquisa- - Entrevista professor do curso de agroecologia de São Bento do Una-PE (EP2)

<p>Conceito agroecologia</p>	<p><i>É uma forma de tratar agricultura hoje que vem sendo discutida desde a década de 75/80, na busca de trabalhar uma agricultura mais sustentável, a percepção hoje é que a Agroecologia tem recebido mais incentivos, principalmente das políticas públicas. Principalmente para que mais pessoas possam ter acesso a essas informações e começar a desenvolver uma atividade agrícola tanto de base sustentável como ambiental e na parte econômica. E Agroecologia consegue estar passando por esse período. Desde meados da década de 80 vem se discutindo Agroecologia e estamos tendo esse primeiro contato em nossa região agora depois de mais de quase 40 anos de discussão sobre Agroecologia. Agora que começou a desenvolver um pouco de conhecimento em Agroecologia em nossa região. É um patamar de conhecimento muito grande, ainda tem muito o que crescer, ainda vai crescer muito agroecologia. Eu sempre digo que a agroecologia está dando os primeiros passos agora. Agroecologia vai ser no foco mesmo daqui uns 10 anos na frente, eu creio que vai ter um mercado de trabalho, tanto a abertura para a produção no campo. Pq nos temos que ver o seguinte a Agroecologia ela não é só pensada na questão de mercado de trabalho, mas também é desenvolvimentos social, ambiental e econômico das propriedades rurais. A discussão é que os produtores rurais possam desenvolver os seus produtos e de modo sustentável possam ter sua segurança alimentar. Agroecologia no início foi discutida na questão de ter uma sustentabilidade alimentar, a soberania alimentar. Então após a revolução verde, após a segunda guerra mundial começou muitos impactos ambientais, que causaram grandes consequências ao meio ambiente e com a segurança alimentar hj, não temos uma segurança. Então a Agroecologia busca discutir modos de produção ecológica e aí vem a agricultura de base ecológica e aindentronda Agroecologia a gente pode caminhar em vários áreas e ramificações. Uma delas é a Permacultura, biodinâmica dentre outras, natural, ecológica. Existem vários caminhos de se trabalhar Agroecologia, nós trabalhamos a Permacultura por ser uma das ciências dentro da Agroecologia que mais vai encontrar a natureza, as outras tem um pouco de diferença, todas trabalham agroecologia, mas a permacultura trabalha mais essa questão realmente da natureza, imitar a natureza.</i></p>
------------------------------	--

Trabalhar agro na ETE	<p><i>Tem sido um desafio, como eu sempre falo com os alunos, se nós formos analisar no agreste de pernambuco só existe uma entidade que faz Agroecologia, que é a ETE de São Bento do Una. Em toda região agreste de Pernambuco, se a gente for migrar para outras regiões, zona da mata vai ter outras entidades que fazem isso. Ai você vem para São Bento do una onde você observar que não tem uma base política para se trabalhar Agroecologia. Estamos trabalhando Agroecologia basicamente um Pouco isolado na escola, ainda. Por que!? Porque ainda estamos naquele papel de formiguinha de formar cidadãos primeiramente, que eu sempre falo na sala de aula: vocês não estão aqui estudando Agroecologia para sair apenas com o curso técnico, mas como pessoas que vão conseguir desenvolver a Agroecologia em todos os âmbitos e locais. Não adianta vocês estarem aqui pensando apenas no profissional, primeiramente na formação pessoal e aí desenvolver a Agroecologia em qualquer espaço que vocês escolherem e poderem trabalhar. Eu acho a mesma coisa. São Bento do Una tem a questão que nós falamos muito em Agroecologia, quando a gente fala em Agroecologia se pensa muito não produção de hortaliças e ai nós temos essa grande dificuldade na nossa Região que é a questão hídrica. E a Agroecologia não fica apenas na produção de hortaliças, horticultura, granjeira, tem as outras linhas que tem de ser trabalhada, a questão ambiental, a questão de segurança hídrica e a questão da segurança alimentar. Como melhorar a qualidade das águas que nós temos ? Por que nós temos águas servidas, águas negras, águas cinzas, como são chamadas. E ai como fazer esse processo para que a gente possa melhorar a qualidade de produção, segurança hídrica, segurança alimentar, segurança energética. E aí nessa discussão percebemos que de início a gente ainda está fazendo um Trabalho de formiguinha, mas tem uma perspectiva de crescimento.</i></p>
-----------------------	---

Importância do curso	<p><i>Eu vejo de extrema importância porque, principalmente se nós formos analisar São Bento do Una é um município agrícola e por ser um município agrícola explorou demais as áreas, os solos, os recursos naturais e não teve a preocupação e nem perceber que o recurso é escassez e aí se não trabalhar uma forma alternativa de manutenção desses recursos naturais e tentar recuperar e até mesmo manter o que ainda existe hoje vai chegar um momento que São Bento do Una não vai mais conseguir produzir nada de produtos cultiváveis, plantas alguns animais até vão deixar de ser produzidos na nossa região. Por conta disso aê. Ai a Agroecologia vem mostrar que temos que trabalhar isso de forma alternativa, buscando novos conhecimentos, adaptação à seca. A Agroecologia buscar trabalhar a convivência com o semiárido, porque não basta dizer que vamos combater a seca, porque seca não se combate. Aí nós temos uma realidade muito forte em São Bento do Una que é conviver com a seca realmente. E como é que a gente vai trabalhar esses papéis? E aí em São Bento do Una, eu sempre estou trabalhando a questão de assistência técnica e muitas vezes agroecologia eu falo pra eles o seguinte São Bento do Una já tem um processo de dissertação muito alto e isso já é constatado por estudos da Universidade Rural de Pernambuco, que é a região da Maniçoba dos soares e ainé muito preocupante isso aê por que o excesso de produção lavoura pecuária lavoura acabou com os solos. E a Agroecologia precisa começar a entrar nessas propriedades, nessas propriedades familiares por meio de produção e mostrar como pode ser recuperar um solo, como se pode melhorar um solo e muitas vezes até deixar que esse solo possa se regenerar. Então muitas vezes a Agroecologia começa a colocar esse desafio nós agricultores, nós filhos dos agricultores para que eles possam levar essas informações e começar, temos que começar e discutir muito mais.</i></p>
----------------------	--

<p>Visão da comunidade</p>	<p><i>A Agroecologia em São Bento do Una é vista como em vários locais, não só no estado mas em outros locais no Brasil. É percepção que muitas pessoas não compreendem o que é agroecologia. A você está fazendo agroecologia para trabalhar na roça... É essas maneiras e é esse paradigma que nós tentamos quebrar. Mostrar que é diferente. E aindetronda educação do campo tem uma parte que Abdalas Moura fala o seguinte : que nós fomos educados para sair do campo, não para focar no campo. E tem uma parte no livro dele que ele fala o seguinte: o menino ia para a escola ia para a escola e quando chegava lá não queria dizer que era agricultor por que a professora todos os dias dizia meu filho estude para não ficar feito seu pai no cabo da enxada e aí cresceu se esse conhecimento de que o campo fosse algo ruim. E aí Agroecologia vem dizer o seguinte temos que parar isso aí e mostrar, educar e ter uma educação do campo para o campo. E aí dentro da percepção São Bento do Una não vai diferente desse outro modelos. Por que se formos analisar hoje o modelo de São Bento do Una tá acontecendo o seguinte: crianças estão saindo da zona rural e vindo estudar na cidade, crianças que ainda não estão nem no primeiro ano. E aí como fica essa percepção do campo e o urbano? Isso é mutirão preocupante, isso tem que ser mais discutido essa percepção da Agroecologia. Já me deparei com pais que não acreditam no que o filho tá fazendo na escola. E aí até alunos do subseqente por ter um domínio de se mesmo, chegam para o pai e dizem : olha a gente vai fazer isso e isso e o pai diz o seguinte: eu tenho 50 anos de agricultura e vem você que está saindo das fraldas agora e você quer dizer que sabe fazer agricultura? Tu não sabe fazer é nada. E aí é aquela discussão que não se tem a percepção de que a Agroecologia vem para ajudar porque ao longo do tempo se foi trabalhado o convencional como modelo de mercado para atender ao mercado e a área urbana. E ainda não se tem essa percepção de que a Agroecologia vem para ajudar, e aí o que é que acontece? Os alunos muitas vezes, alguns se identificam com o curso e vão trabalhar. Mas dá pra se perceber que ainda existe uma resistência diante da família, de alguns parentes e da própria comunidade em torno. E aí algumas comi idades começam a dizer que querem desenvolver um trabalho, em uma comunidade que tem 10 pessoas 2 ou três vão começar a se envolver e as outras ainda vão dizer: isso aí é coisa de gente que não tem o que fazer, gente desocupado, pra deixar um mato no sol ? Isso é coisa de preguiçoso! Mas só que ali tem toda uma ideologia de porque deixar aquele mato, porque preservar. Ai ainda tem essa resistência. Dá pra se perceber isso ainda, porque o que acontece ? Se você chegar em algumas localidades, até de educação e se perguntar o que é agroecologia, muitas pessoas não sabem o que é agroecologia. Só se sabe o que é agroecologia porque a escola está aqui. E ainda existe essa resistência. Se a gente for analisar locais, até pros meninos executarem algumas atividades, ainda é um pouco privado ou faz na escola. É diferente de alguns locais que já estão bem mais avançados na discussão de Agroecologia São Bento veio Discutir agroecologia está com dois três anos, com a chegada do curso aqui. Ainda tem essa percepção do curso fechado. Os outros cursos não, redes tem um mercado aberto, não só em São Bento, hoje redes é necessário.</i></p>
----------------------------	--

<p>Diferença de tratamento entre os cursos</p>	<p><i>Dentro da comunidade, no entorno eu percebo que a percepção deles do curso de enfermagem e dos demais cursos têm um mercado de trabalho diferente. Então aquela velha história que eu falo que a gente te de discutir em sala: vocês não estão pra fazer agroecologia para Buscar trabalho, mas que pra vocês possa desenvolver suas atividades produtivas e sustentáveis. Que não adianta a gente dizer que está formando 50 alunos e esses 50 vão ser técnicos em agroecologia e vão desenvolver agroecologia na região, não vai. Temos que colocar o pé no chão e entender que eles têm de ser os co-autores do desenvolvimento deles. Se eles vão ter propriedades ou não, se vai ser na propriedade do vizinho. E o curso de enfermagem e redes não, eles tão ali pra ter uma formação profissional para saírem mesmo em busca de emprego. Porqie mercado de trabalho tem para redes e enfermagem, saúde é um ramo que vai crescer muito. Tem o privilégio de que a própria comunidade adota isso, essa necessidade. E assim dá para se perceber que tem sim essa diferenciação. A escola eu creio que arregança as mangas para agroecologia. A escola quer trabalhar agroecologia e assim vai um pouco por conta desses outros cursos. Esses outros cursos podem até sair um pouco a imagem por serem maiores, turmas maiores. Mas dentro da escola acredito que a percepção de agroecologia vem sendo trabalhada.</i></p>
<p>dificuldade</p>	<p><i>Eu acho que a principal dificuldade é quando você as vezes se depara com alunos que chegam a fazer agroecologia achando que o curso é um curso de agropecuária ou um Curso agrícola e ai começam alguns alunos a desistir. Mas ai quando a gente começa a fazer um trabalho histórico, ambiental do que está acontecendo, começamos a fazer, não tipo uma lavagem cerebral, mas mostrar o que aconteceu e o que nós queremos fazer, para que ele possa ajudar e ser um agroecólogo dentro do sistema. Então a principal dificuldade são pessoas dentro do sistema que ainda não tem essa percepção mas ainda estão fazendo o curso na perspectiva de que vamos ver no que vai dar. Que ainda não se encontrou e pode acabar atrapalhando um pouco. Outra coisa que pode atrapalhar um pouco e atrapalha muito, por experiências outras, é nós não termos um Laboratório vivo na região e na escola. E nós não temos um laboratório vivo para executar a prática que é vivenciada nas sala de aula na teoria. Muitas vezes o acesso a visita técnica, não temos recursos orçados para isso e isso acaba dificultando um pouco a vivência do curso.</i></p>

Experiencia exitosa	<p><i>Pontos exitosos tem vários. Dentro da própria escola temos o desenvolvimento dos alunos nas FETECs com a construção de tecnologias, uma prática exitosa que eu acho que é o papel da escola é sair da escola. O papel da escola é sair da escola muitas vezes. Pq não privar pra escola. Uma prática exitosa foi quando usamos o pessoal de agroecologia do subseqente para construir tecnologia em uma área de assentamento. Quando eles puderam levar o conhecimento adquirido deles Para um assentamento do movimento de reforma agrária. E aí discutir esse conhecimento e elaborar o conhecimento e construir com os agricultores um Conhecimento que eles tiveram. E ainda com um Diferencial de força los a renovar uma tecnologia, para que não fique sempre com aquela mesma tecnologia por uma tecnologia. E eles conseguiram executar isso lá tranquilamente. A tecnologia está se utilizando. E estamos ai pra promover outras atividades. Acho que essa é uma das práticas exitosas que temos.</i></p>
---------------------	---

Quadro 26. Organização de dados da pesquisa- - Entrevista professor do curso de agroecologia de São José do Belmonte-PE (EP1)

Co ncepto agroecologia	<p><i>Aqui pra nossa região é até um desafio a gente trabalhar com agroecologia, porque porque vai estar trabalhando com o mínimo de impacto possível ao meio ambiente e ir tentando produzir alimentos, alimentos esses saudáveis. Então assim, agroecologia ela trabalha principalmente com o que? Com a questão de você estar alinhando estar sempre mantendo equilíbrio a questão da produção de alimentos e também sempre mantendo o meio ambiente, mantendo o local intacto, basicamente intacto. Assim sem você estar causando nenhum impacto. Então a gente conseguir produzir dessa forma é possível porque antigamente era o que mais se fazia. Isso os índios já faziam muito bem e depois com o advento das tecnologias é que isso foi modificando para o meio de produção convencional. Mas agroecologia é justamente essa questão de você alinhar a produção de alimentos e mantendo sempre a questão do mínimo de impacto possível para a natureza e o meio ambiente.</i></p>
------------------------------	--

<p>Trabalhar agro na ETE</p>	<p><i>Isso tem sido um desafio, justamente em função do seguinte: aqui é uma região em que você cava um poço e vai dar água e água boa. Os solos também são bons, são solos férteis, então o que é que acontece: o costume, a prática do pessoal daqui é pra estar produzindo alimentos, mas só que de forma convencional. No modo de produção agrícola convencional onde se joga muito adubo químico no solo. O manejo de pragas e doenças também é muito intenso, então um dos carros chefes aqui do município é a produção de tomates e tomate se usa muito desses defensivos, desses agrotóxicos. Então assim é um desafio porque você tentar convencer os alunos que muitas vezes ele já vem crescendo neste ambiente de produção em que muitos deles em alguma época até deixa de vir pra escola para estar colhendo tomate na roça, com o pessoal que planta, os agricultores aí que plantam. Então quando eles conseguem ver que que é possível plantar sem estar colocando esses agrotóxicos nas plantas eles nem acreditam. E pior ainda é eles convencerem os pais que já trabalham com isso a plantar dessa forma. Porque é difícil e eu sempre trabalho com eles essa forma da gente tentar conduzir para que a gente consiga fazer essa transição. E como é que eu tento trabalhar isso ? Através de resultados, de experiências e alguns projetos que a gente tenta desenvolver de forma agroecológica e de maneira sustentável. Para que eu vá mostrando pra eles como é que funciona, mostra a teoria e da teoria gente vem pra prática e a gente vem praticando essas práticas agroecológicas. É complicado, é difícil, é um desafio. Mas se não fosse um desafio não era tão prazeroso.</i></p>
<p>Importância do curso</p>	<p><i>Sim foi, foi sim apesar de não ser um dos cursos que mais procurado. Os mais procurados são administração e informática. Mas assim foi muito bom, principalmente porque a região aqui ela tem uma aptidão muito boa agrícola, ela tem uma aptidão boa tanto em solo como tem água. Não tem água em cima nos riachos, mas cavando poço tem água boa e de qualidade, então isso permite com que você plante e plantando você consegue produzir o que for. Sendo que, essa forma de produção agroecológica foi boa para se mudar o pensamento dessa prática de produção agrícola que já se tinha na região implantada de muitos anos de produção convencional e pensar justamente nesse modo de produção sustentável, já pensando no que virar para frente. Porque se continuar plantando desse jeito produzindo alimento do jeito que está onde é que a gente vai parar? Será que daqui algum tempo a água que a gente tem disponível aqui no subsolo vai dar a mesma qualidade do que a gente ainda tem hoje? Se a gente continuar produzindo de modo convencional ? É isso que eu joga pra eles, os alunos. E aí esse também um dos motivos do curso vim pra cá, a gente não está pensando hoje, a gente está pensando no amanhã, no que vai vim agora aí pra frente.</i></p>

Visão da comunidade	<p><i>Então eles vêm com bons olhos. Quando a gente vai desenvolver algum projeto integrador, por exemplo, nas comunidades rurais, que muitos de nossos projetos são desenvolvidos nessas comunidades, então eles recebem a gente muito bem e vez ou outra eles nos procuram para que a gente, de certa forma, de algum tipo de assistência para determinadas situações que vem a acontecer na produção deles. Então assim, quando a gente vai os visitar eles recebem bem, querem que a gente volte lá mais vezes. Ficam curiosos pra saber como é que funciona a escola, Ficam curiosos pra saber como é que os filhos deles podem vir estudar aqui, perguntam se a escola é paga, se é pública ou seja eles quando percebem que tem um curso desses na cidade eles ficam com interesse em tentar buscar algum conhecimento aqui na escola. E assim como ficam querendo colocar os filhos e os parentes pra vir estudar aqui, para replicar às ideias nas comunidades.</i></p> <p><i>- Tanto é que quando ele chegou aqui eu questiono, pergunto para eles o que é que, o vocês entendem por agroecologia. Aí alguns que já tem alguma certa noção chegaram logo no primeiro ano e eles acabam associando a essa questão da produção de alimentos, mas de modo sustentável, mas tem outros que chegam pensando que é só plantar roça. Mas não é só apenas plantar roça. E também o modo como você planta a roça, é o modo de você produzir alimento. Porque tem vários modos você pode plantar, utilizando veneno que seja ou você pode plantar sem utilizar veneno nenhum, que é uma coisa mais saudável. Aí é quando eles começam a entender melhor.</i></p> <p><i>- A baixa procura com relação aos outros cursos Eu acredito que seja por conta do trauma, digamos assim, por conta que o trabalho rural é muito árduo é muito duro. E assim eles crescendo vendo os pais, os avós lidando naquilo todos os dias plantando, além do fato de que é uma região com relativa seca, pra quem não tem acesso a água, pra quem não tem um poço próximo, né? ou em casa mesmo, você plantar ao longo do ano é difícil, você só consegue plantar na época das chuvas e quando tem chuvas ou quando não se tem se acaba passando por uma certa dificuldade. Então assim, essa falta de procura e por esse trauma que eles colocam. Por exemplo: como é que eu vou ganhar dinheiro e vou estudar uma coisa que eu já cresci vendo isso e eu sei que é tão difícil tão sofrido? Então eu acho que é mais por conta disso.</i></p>
---------------------	--

<p>Diferença de tratamento entre os cursos</p>	<p><i>Não... assim eu não percebo uma diferença, o que eu percebo mais entre eles é mais por conta de alguns projetos que eles desenvolvem que acaba despertando a curiosidade dos alunos de outros cursos, e alguns deles até chegam e dizem poxa eu fiz o curso errado porque eles vem uma coisa assim... porque agroecologia você uma coisa mais aplicada às práticas mais aplicadas, então fica mais fácil de você desenvolver alguns trabalhos e de imediato veja os resultados. Diferente do curso de administração, diferente de um curso de informática que não é tão aplicada você não consegue ver o resultado tão imediato como você consegue ver quando você trabalha agroecologia aí muitos deles começam a questionar e a ter essa visão um pouco diferenciada e acaba abraçando também a questão da agroecologia, mas a diferença não aconteceu, nenhuma diferença de tratamento entre eles não.</i></p>
<p>dificuldade</p>	<p><i>-Uma das dificuldades que eu sinto nos projetos que eu desenvolvo aqui, é que eu só consigo acompanhar eles no final de semana (ou no sábado ou no domingo) porque durante a semana eles estão em aula todos os dias, o dia todo. A gente não tem aluno de subsequente eu só tenho aluno de médio integral. E eles passam a semana assistindo aula de segunda à sexta, entra de manhã e só sai de tarde. E não tem como a gente desenvolver esses projetos durante a semana né? A não ser que seja alguma coisa que seja realizada aqui mesmo na escola ou algo aqui próximo. Mas esses outros que envolvem o universo das comunidades a gente só consegue no final de semana e toda vez que a gente vai pra comunidade é tudo com recursos próprios cada professor que vai, vai no seu carro levar os alunos, buscar alunos com seu combustível... Enfim material de pesquisar, tem que comprar ... Bem tem essa dificuldade, mas a gente tenta ver como é que vai fazendo.</i></p>

Experiencia exitosa	<p><i>Tem uma que está em andamento a mais tempo, na verdade são duas uma que é uma implantação de um SAF (sistema agroflorestal) que está sendo desenvolvido por um grupo de alunos do terceiro ano que acontece uma comunidade aqui perto da escola. E um outro seria uma recuperação da mata ciliar em uma comunidade rural de um grande riacho, que também está em andamento. Eles já conseguiram produzir mudas, a comunidade também abraçou a causa e já conseguiram produzir as mudanças e começaram a introduzir as mudas. A gente está na fase de fazer o mapeamento da bacia hidrográfica do riacho. Então esses são os que têm mais andamento, por estar a mais tempo, esses são os que têm mais êxito por estar a mais tempo. Mas também tem outros que também são muito bons, mas esses dois são os mais exitosos por conta do tempo. Tem um outro também que é muito importante e muito curioso, que é sobre uma comunidade só de mulheres, que eles estão trabalhando com elas também. Que é justamente para tentar implantar as práticas agroecológicas nessa comunidade, que elas tentam praticar, mas quando elas sentem alguma dificuldade que elas sentem, por exemplo, ataque de pragas e doenças elas vão acabar fazendo modo convencional. E a gente está tentando modificar isso, assim como também a gente está pegando as histórias de vida dessa comunidade, dessa associação de mulheres que é bem interessante. Que elas se se reuniram, se juntaram e enfrentarão as críticas dos próprios companheiros de casa, dizendo que essa associação não ia dar certo. E hoje pra vc ter ideia as terras que eles tem lá só conseguiram através dessa associação que é formada por 7 mulheres que se fortaleceu e conseguiu comprar a própria terra, onde elas vivem. São muitas histórias..</i></p>
---------------------	--

Quadro 27. Organização de dados da pesquisa- - Entrevista representante da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco(ESE)

<p>curso na área de ciências agrárias</p>	<p><i>O Planejamento para implantação das escolas técnicas no estado foi feito anteriormente e a partir de 2015 ao eu assumir a gerência geral, já existia um estudo de demanda realizado e a implantação das escolas foi sendo feita gradativamente de acordo com as construções e a possibilidade de aquisição dos laboratórios específicos para cada uma dessas escolas. No caso de São Bento do Una existia um estudo de demanda (Figura 1), esse estudo de demanda foi feito dentro da região de desenvolvimento, então inicialmente nós tínhamos a previsão de implantar dois cursos para o médio integrado redes de computadores e informática e para o subsequente na área de saúde, pelo que estava demandado no estudo de demanda. Na realidade no ano de implantação do da escola houve um redirecionamento da secretaria de educação, no sentido de colocar no curso dentro de cada eixo. Então optamos por colocar um curso no eixo de tecnologia e o outro eixo que mais fizesse sentido naquela região geográfica em comparação as ofertas que já existiam tanto de escolas técnicas como também dos institutos federais. E como o Instituto Federal da região já trabalha com agroIndústria e já trabalha com agropecuária então não pode haver um sobreamento de oferta, não deve, na verdade haver um sobreamento de oferta entre o estado e a rede federal. E aí fizemos um olhar sobre cursos que tenham a ver com este eixo mas que não estavam sendo ofertados. Então fizemos a opção junto com a secretário da pasta de implantar agroecologia que seria novo curso, que seria ofertado no estado e que não teria o sobreamento de oferta junto com o Instituto Federal. Então foi uma decisão estratégica no sentido de implantar um novo curso mas que não tivesse essa concorrência direta com o Instituto Federal e que vinha esse de fato a contribuir com a região de acordo com o estudo de demanda anteriormente feito.</i></p> <p><i>É importante explicar que na implantação de uma ETE são considerados:</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <i>1. Estudos dos APLs/condep Fidem;</i> <i>2. Oferta dos institutos federais;</i> <i>3. Oferta gratuita do Sistema S;</i> <i>4. Ofertadas em ETEs numa mesma RD ou eixo;</i> <i>5. Oferta de postos de trabalho na RD ou eixo*;</i> <i>6. Demanda da população conforme últimos processos seletivos;</i> <i>7. Especificidades inerentes à aplicação das formas subsequente e ensino médio integrado à educação profissional;</i> <i>8. Obras estruturadoras/novos empreendimentos da região. * Condepe fidem-BDE-Empregados por atividade no setor formal-2001</i>
---	--

Curso de agropecuária não autorizado	<p><i>De acordo com estudo de demanda realizado em 2013, já não estava previsto o curso de agropecuária no município de São Bento do Una, na ETE. Considerando que no processo de implantação das escolas técnicas, por ser em parceria com o mec, a um acordo anterior, na verdade há um entendimento no sentido de que os estados e as redes federais que os cursos não sejam demandados com áreas de sombreamento. Então o instituto federal da região já oferta o curso de agropecuária e agroindústria. Então optamos no intuito de trabalhar dentro do mesmo eixo mas com uma oferta que pudesse atrair um novo público para a escola, considerando que anteriormente a área de saúde foi pensada para a região e a secretaria não demandou até a presente data a aquisição dos laboratórios. Embora o curso de enfermagem já tenha iniciado seu funcionamento. De fato pelo estudo de demanda a área de saúde seria a área prioritária pelo estado para essa região. E A necessidade de qualificação dos equipamentos no que se refere aos laboratórios específicos para que a oferta seja atendida com plenitude então a opção por um curso de agroecologia que seria implementado de imediato E posteriormente o curso de enfermagem que haveria uma implementação gradativa e assim foi feito no sentido de atender ao eixo de tecnologia, atender ao eixo da área de agro ecologia e meio ambiente e atender ao eixo da área de saúde. Digo, eixo tecnológico de recursos naturais, que compreende as tecnologias relacionadas a produção animal, a vegetal, a mineral, apícola e pesqueira. Abrange a organização curricular e a questão de desenvolvimento sustentável, cooperativismo, consciência ambiental, empreendedorismo, normas técnicas, normas de segurança. Entendemos que o curso de agroecologia ele trabalha com sistema de produção agroecológico agropecuário e Está em vista os princípios agroecológicos e de sistemas orgânicos de produção então nós entendemos é um curso novo que contemplaria muito mais a região geográfica considerando o estudo de demanda anteriormente realizado e não haveria o sombreamento Instituto Federal</i></p>
--------------------------------------	--

<p>motivação para ofertare curso de agro</p>	<p>O curso de agrícolas dia desenvolve ações integradas além da conservação e preservação dos recursos naturais e a preservação a sustentabilidade social e econômica dos sistemas produtivos. Atuar na conservação dos solos, da água, Atuar com ações integradas na agricultura familiar pensando na sustentabilidade da pequena propriedade dos sistemas produtivos locais penso também que armazenamento e Conservação de matéria-prima e produtos agro ecológicos a organização curricular desse curso na na perspectiva do médio integrado ele amplia muito mais o interesse dos jovens nessa área e podem inovar na região no sentido de qualificar o agreste pernambucano foi nessa concepção que optamos por água ecologia e considerando que já temos a oferta de agropecuária no Instituto Federal em algumas regiões do estado que ainda não existia a oferta de agroecologia pensamos aí em inovar a concepção de agroecologia na região do agro do Agreste e a agroecologia na região do Serra então também em outra escola técnica. Então hoje só temos essa oferta nessas duas escolas técnicas na ETE de São Bento do una e São José do Belmonte agropecuária nós temos em Sertânia, Serra Talhada e palmares na concepção anterior da implantação das escolas técnicas. E aí entendemos que Agroecologia vem para inovar essa concepção da sustentabilidade, do olhar para o meio ambiente e os recursos naturais com uma perspectiva inovadora. Acho importante tb exemplificar a experiência do SERTA como referência para nossa decisão para Agroecologia.</p>
--	---

ANEXO A - MATRIZ CURRICULAR CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA - MODALIDADE INTEGRADO AO NÍVEL MÉDIO

Escola Técnica Estadual	
Eixo Tecnológico	Recursos Naturais
Habilitação	Agropecuária
Curso	Técnico Em Agropecuária - Integrado 2012
Carga Horária	5400 H
Carga Horária Do Estágio Não Obrigatório	200h

	COMPONENTES CURRICULARES		1º ANO CH		2º ANO CH		3º ANO CH		CH TOTAL	
	BASE NACIONAL COMUM	Língua Portuguesa		5	200	5	200	5	200	15
Arte		1	40	1	40	-	-	2	80	
Educação Física		1	40	1	40	1	40	3	120	
Matemática		4	160	4	160	4	160	12	480	
Biologia		2	80	2	80	3	120	7	280	
Física		2	80	2	80	2	80	6	240	
Química		2	80	2	80	2	80	6	240	
História		2	80	2	80	2	80	6	240	
Geografia		2	80	2	80	2	80	6	240	
Filosofia		1	40	1	40	1	40	3	120	
Sociologia		1	40	1	40	1	40	3	120	
Carga Horária da Base Nacional Comum		23	920	23	920	23	920	69	2760	
PARTE DIVERSIFICADA		Língua Estrangeira Espanhol/Inglês/Francês		2	80	2	80	2	80	6
	Carga Horária da Parte Diversificada		2	80	2	80	2	80	6	240
Componentes Curriculares específicos da Habilitação (Formação Profissional)	CEA	Cooperativismo e associativismo	1	40	-	-	-	-	1	40
	AGR	Introdução à agricultura	1	40	-	-	-	-	1	40
	ZOO	Introdução à zootecnia	1	40	-	-	-	-	1	40
	INI	Introdução a informática	1	40	-	-	-	-	1	40
	PVE I	Produção vegetal i	2	80	-	-	-	-	2	80
	PAN I	Produção animal i	2	80	-	-	-	-	2	80
	IRD	Irrigação e drenagem	1	40	-	-	-	-	1	40
	EMP	Empreendedorismo	1	40	-	-	-	-	1	40
	ATR	Assistência técnica e extensão rural	-	-	1	40	-	-	1	40
	PVE II	Produção vegetal ii	-	-	2	80	-	-	2	80
	PAN II	Produção animal ii	-	-	2	80	-	-	2	80
	TPA	Tecnologia e processamento de produtos agropecuários	-	-	1	40	-	-	1	40
	PAI	Projetos agropecuários e instalações rurais	-	-	2	80	-	-	2	80
	GPE	Gestão de micro e pequenas empresas rurais	-	-	2	80	-	-	2	80
	STR	Segurança e saúde do trabalhador rural	-	-	-	-	1	40	1	40
	MMA	Manejo do solo e mecanização agrícola	-	-	-	-	1	40	1	40
	PVE III	Produção vegetal iii	-	-	-	-	2	80	2	80
	APL	Arranjos produtivos locais	-	-	-	-	2	80	2	80
	TOP	Topografia	-	-	-	-	1	40	1	40
	AGS	Agropecuária sustentável	-	-	-	-	1	40	1	40
PIN	Projeto integrador	-	-	-	-	1	40	1	40	
PEM	Projeto de empreendedorismo	-	-	-	-	1	40	1	40	
	Total da Formação Profissional		10	400	10	400	10	400	30	1200
	ATIVIDADES COMPLEMENTARES		10	400	10	400	10	400	30	1200
	TOTAL GERAL DO CURSO		45	1800	45	1800	45	1800	135	5400
	Estágio Curricular Não Obrigatório (ENO)									200

